

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Cidade (in)salubre: idéias e práticas médicas em Fortaleza (1838 -1853).**

Carla Silvino de Oliveira

Fortaleza, Fevereiro de 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Cidade (in)salubre: idéias e práticas médicas em Fortaleza (1838 -1853).**

Carla Silvino de Oliveira

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, para a obtenção do grau de mestre em História Social sob a orientação do Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

Fortaleza, Fevereiro de 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Carla Silvino de Oliveira**

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

---

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves. (orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa. (membro)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa. (membro)  
Universidade Estadual do Ceará

Fortaleza, Fevereiro de 2007.

## FICHA CATALOGRÁFICA.

O46c Oliveira, Carla Silvino.

Cidade (in)salubre: idéias e práticas médicas em Fortaleza (1838-1853)/ Carla Silvino de Oliveira. – 2007.

156p. : il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. Frederico de Castro Neves (orientador).

1. Saúde Pública – História – Fortaleza – 1838 -1853. 2. Epidemias – História – Fortaleza – 1838-1853. I. Neves, Frederico de. II. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História Social. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Carlos Batista e Maria das Graças Silvino, pelo ambiente de carinho, alegria e tranqüilidade de minha vida acadêmica.

Ao querido Edinielson, pelo companheirismo, mesmo nos momentos mais solitários da pesquisa, pelas contribuições na localização dos espaços urbanos, detalhes do mapa, interdisciplinaridade história e geografia e leitura dos textos.

Ao irmão Clairton Silvino e à querida cunhada Maria Cilânia, sempre dispostos a auxiliar-me nas dificuldades pessoais e acadêmicas. Ao meu pequeno sobrinho, Lineky.

Aos primos, primas, tios, tias que acompanham minha trajetória acadêmica.

Às famílias Figueiredo e Santos, compartilhando dificuldades e alegrias.

Aos amigos de graduação: Ana Amélia, Ana Léa, Janaina, Humberto, Ariane Bastos, Tibério, Kildery, Neta, Pedro André e Ticiane Antunes companheira, nas difíceis horas profissionais, Michel Platini com instigantes questionamentos.

Aos professores da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Gisafran Jucá, Antônio de Pádua, Gleudson Passos, Antônio Germano, Berenice Abreu, Carlos Jacinto, Edimilson Júnior, Gledson Ribeiro, Henry e ao instigador Nuno Gonçalves, pelas contribuições.

Aos colegas da pós-graduação em História Social: Isac do Vale, Fábio André, Túlio Muniz, Tácito, Wagner Castro, Eguiberto, Emília, Lindercy Lins, Lidiane, Linhares, Gláubia, Georgiana, Enilce - pelas dicas sobre a UNICAMP, Thiago e, especialmente Carlos Eduardo.

Aos professores do mestrado, Eurípedes Funes, Almir Leal, Ivone Cordeiro, Régis Lopes, Kênia Rios, que contribuíram para a realização do trabalho.

Ao estimado orientador, Frederico de Castro Neves, pela segurança no pensar a pesquisa, principalmente, pela liberdade no trabalhar.

Ao professor e amigo Carlos Jacinto, orientador dos primeiros passos da pesquisa.

À FUNCAP e CNPQ pela bolsa.

À competência de Regina Jucá e Silvia, na secretária do programa de pós-graduação em História.

Registro em forma de agradecimento a minha experiência pelos locais de pesquisa, onde adquiri dividas impagáveis de gratidão, pela colaboração de pessoas prestativas, que tem a pesquisa como razão maior, refiro-me: Madalena, da *Academia Cearense de Letras e Setor de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel – Ce*; Gertrudes e Gerônimo, da *hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel – Ce*; Angelik, *Museu da Imagem e do Som MIS – Ce*; Professor André, do *Arquivo público do Estado do Ceará*; Funcionários do *Arquivo Edgard Leuenroth – AEL, Sp*; Funcionários da Biblioteca Central da Unicamp – setor de obras raras; Ana Naude da *Biblioteca Nacional – Rj* e Michele Silva, da *Academia Nacional de Medicina – Rj*.

Aos professores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará – UFC, Almir Neves e Dari Oliveira, pela oportunidade de dialogar com alunos e professores do curso acerca do meu trabalho.

Aos responsáveis pelo Programa de Cooperação Acadêmica – Procad. Entre as universidades: Federal da Bahia (UFBA), Federal do Ceará (UFC) e Estadual de Campinas (UNICAMP). Declaro a gratidão impar em participar do programa: pelos locais de pesquisa que tive oportunidade de trabalhar, coletando fontes importantíssimas para desenvolvimento do trabalho; pelos encontros e congressos que possibilitaram apresentar minha pesquisa e conhecer novos estudos; pela possibilidade de compartilhar minhas inquietações acadêmicas com os professores: Sidney Chalhoub, Robert Slenes e Silva Laura Ronald, aos últimos também agradeço ao apoio.

Aos funcionários da biblioteca da pós-graduação em História Social da Cultura – CECULT, em especial, a: Luciana, Cristiana e Flavia.

Aos amigos, que fizeram a estadia em Campinas agradável, Mateus, Jonhs, Robério, Flávio, Caion Natal, Lívia, aos procadianos baianos Douglas e Kátia. Aos assíduos frequentadores do bar do Zé, Fred, Júnior, Dani e Leonardo. Meus bons vizinhos, Luciana Esmeralda, Cíntia e Diego, em especial, Mariele Araújo por ter dividido mais do que a morada, mas também as alegrias, as dores e as saudades, agradeço pelo companheirismo nos

cansativos dias nos arquivos, nas bibliotecas e nas máquinas de microfilme, chegamos até pensar que ficaríamos estrábicas. Nossa filha!

Aos professores da Casa de Cultura Alemã - UFC, Giovani, Alexsandro, Mirtes, Torben, Potiguara e aos amigos, pela ajuda.

Aos alunos do curso de história da Universidade do Vale do Acaraú – UVA, pela oportunidade de pôr em prática, o exercício da pesquisa. Discussões teóricas e metodológicas possibilitaram atrelar os caminhos: história, pesquisa e ensino.

Às coordenadoras, Heloisa e Verônica, pela confiança em mim depositada no exercício do ofício de historiadora.

Aos colegas de trabalho, Ligia, Noelia, Tito, Ana Alice, Adoniran, Lindercy Lins, Ticiane Antunes, e especialmente, Aauto.

Aos garotos da Copy Light, que com prontidão ajudaram na triste realidade do estudante brasileiro: xerox, xerox, xerox...

Aos velhos e novos amigos, Oscar, Juliana, Harley, Shirle, Mário, Dani, Marquim, Fabiano (Bio), Wladia, Luiz Gonzaga, Cezar, Frida, Milton, Franciclebe, Fabiano, Monrevi, Zé Alberto, André, Imanuel, pelo interesse pela pesquisa. Confesso que sem vocês o trabalho seria mais árduo.

## RESUMO

O trabalho analisa as idéias e práticas médicas, principalmente as de José Lourenço de Castro e Silva e Liberato de Castro Carreira, primeiros médicos cearenses formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com atuação em Fortaleza, a partir do ano de 1838. Marca o início da ação médica influenciada pela medicina social, a qual (re)penha as práticas do cotidiano diante da doença e da cidade (in)salubre. As ações médicas possibilitam: a criação e organização dos espaços urbanos (cemitério, hospital, mercado, cadeia), a orientação preventiva e de cura das doenças, principalmente as epidemias de varíola em 1845, e febre amarela nos anos de 1851 a 1853. No estudo foram utilizadas como fontes principais a obra do Castro Carreira *Descrição da epidemia da febre amarela na Província do Ceará em 1851 e 1852*. da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *Formulários e guias médicos* da Biblioteca Central da Unicamp, além de *Relatórios médicos e presidenciais, Leis, Correspondências*, documentos diversos pertencentes ao acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC e da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel - CE.



## ABSTRACT

The following work analyzes the ideas and the medical practice, mainly the ones from José Lourenço de Castro Silva and Liberato de Castro Carreira, the first *Cearence* doctors graduated at Rio de Janeiro medical school, working in Fortaleza since 1838. It states the starting point of the medical actions influenced by social medicine, in which it thinks over the day-to-day actions considering the disease and the unhealthy city. The medical actions put into effect are the following: the creation and organization of urban areas (graveyards, hospitals, markets, penitentiary), the preventive orientation and the healing of the diseases, mainly the epidemics of smallpox in 1845 and yellow fever from 1851 to 1853. In this study, the main sources used were *The Description of epidemics of yellow fever in the province of Ceará State in 1851 and 1852* by Castro Carreira, from Rio de Janeiro National Library: *forms and medical manuals*, from the Unicamp central library: *medical and presidential forms, laws, correspondences*, diverse documents belonging to the Ceará State Public Archive (APEC), and also documents from the Governor Menezes Pimentel Public Library.

## **Índice dos quadros.**

### Quadro 1

Mapa estatístico dos doentes pobres tratados no mês de dezembro de 1846 pelo dr. Liberato de Castro Carreira médico da pobreza em comissão no Aracati.....51

### Quadro 2

Mapa dos indivíduos vacinados desde 1 de agosto de 1840 até 30 de Junho de 1841.....97

### Quadro 3

Mapa dos indivíduos vacinados desde 22 de junho de 1843 a 30 de Maio do corrente ano [1844].....99

### Quadro 4

Quadro estatístico dos doentes tratados desde janeiro a junho de 1848. Médico Liberato de Castro Carreira.....103

### Quadro 5

Mapa das pessoas vacinadas de 1º. de janeiro a 30 de junho de 1848. Cirurgião Joaquim da Silva Santiago.....104

### Quadro 6

Mapa da mortalidade ocasionada pela epidemia reinante nesta capital desde que principiou em 1851.....113

### Quadro 7

Mapa estatístico do número dos doentes afetados da epidemia reinante, e que foram tratados pelo Dr. Liberato de Castro Carreira, até de novembro último [1851], e organizado segundo as suas notas enviadas à secretaria do governo.....119

Quadro 8

Mapa das embarcações estacionadas no porto durante o tempo da epidemia.....120

Quadro 9

Mapa estatístico dos indivíduos que tem sido afetados, e tratados da epidemia de febre amarela em alguns pontos da província do Ceará.....121

Quadro 10

Estatística do hospital regimental dirigido pelo Sr. Dr. José Lourenço de Castro e Silva médico alopata..... 122

Quadro 11

Estatística dos doentes tratados pelo Dr. Liberato de Castro Carreira.....123

Quadro 12

Resumo da estatística dos doentes tratados pelo Dr. Liberato de Castro Carreira .....124

Quadro 13

Mapa estatístico dos doentes pobres tratados no mês de agosto de 1846 pelo dr. Liberato de Castro Carreira médico da pobreza em comissão no Aracati.....144

Quadro 14

Mapa estatístico dos doentes pobres tratados no mês de outubro de 1846 pelo dr. Liberato de Castro Carreira médico da pobreza em comissão no Aracati..... 146

Quadro 15

Estatísticas acerca da epidemia da febre amarela .....151

## Índice dos mapas

### Mapa 1

Mapa dos pontos de infecção miasmática da cidade de Fortaleza nos anos de 1845 a 1850.....69

### Mapa 2

Recorte do Mapa dos pontos de infecção miasmática da cidade de Fortaleza nos anos de 1845 a 1850. Ênfase na localização dos equipamentos urbanos.....76

## SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo 1 – Os médicos e a cidade.....	20
1.1. A formação médica.....	21
1.2. Medicina e política.....	29
1.3. Estrutura médica na cidade.....	41
Capítulo 2 – Teorias e práticas médicas.....	48
2.1. As febres e os miasmas.....	49
2.2. As febres e os odores.....	61
2.3. O Clima e os lugares insalubres.....	65
2.4. Regras para o bom viver.....	85
Capítulo 3 – A cidade das epidemias.....	90
3.1. A Seca e a varíola.....	91
3.2. Dúvidas e expectativas.....	106
3.3. A epidemia de febre amarela.....	112
Considerações finais.....	129
Fontes.....	132
Bibliografia.....	138
Anexos.....	143

## INTRODUÇÃO

Relatar o caminho desta pesquisa é apresentar as escolhas feitas durante a vida acadêmica, iniciadas no curso de Graduação da Universidade Estadual do Ceará - UECE (1999). Os anseios em trabalhar os costumes fúnebres fizeram-me perceber o discurso médico na construção do primeiro cemitério extramuros da cidade de Fortaleza, o que foi possível pela análise dos Relatórios dos Presidentes de Província, em que a construção do Cemitério de São Casimiro é atrelada ao tópico *Saúde Pública*.

A construção do espaço do cemitério não está desvinculada das idéias higienistas propagadas e praticadas no início do século XIX. Logo, leituras voltadas às concepções de saúde e doença fazem-se necessárias, entre elas, os seguintes trabalhos: *Caminhos da cura: a experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850 – 1880)* do Francisco Carlos Jacinto; *Cólera, o flagelo da Belém do Gão-Pará* da Jane Felipe Beltrão e *Cólera: representação de uma angústia coletiva (a doença e o imaginário social no século XIX no Brasil)* do Ariosvaldo da Silva Diniz. Os saberes médicos norteiam não apenas a criação do cemitério, mas também o modo de pensar a cidade e os indivíduos.

Na graduação, fascinada pela criação dos cemitérios extramuros, fui surpreendida pelo trabalho do historiador João José Reis.<sup>1</sup> Que me chamou atenção para a construção dos Campos Santos, atrelados aos médicos, aos administradores da Província ou até mesmo à ação de rebelião escrava. Phillipe Ariés<sup>2</sup> faz perceber as ações humanas como frutos da temporalidade, que os costumes fúnebres, entre eles o enterramento, têm sua peculiaridade no tempo e espaço.

No início, com a bibliografia inicial, trabalhada na disciplina de Prática da Pesquisa pelo Professor Carlos Jacinto, compreendi o processo de construção do saber histórico mediante os porquês, como, quando, onde, interesses, conflitos e rupturas. A busca e problematização da documentação,

---

<sup>1</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>2</sup> ARIÉS, Philippe. *O Homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Vol I. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

no Arquivo Público do Ceará,<sup>3</sup> possibilitaram traçar caminhos para um projeto do mestrado.

No Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará – Mestrado em História Social - segui a bibliografia citada, na qual se afirma que os saberes médicos norteiam as demais práticas urbanas. É hora de desatrelar da edificação do cemitério de São Casimiro e perceber a cidade como construção de discursos e práticas. Aos poucos, os moradores da cidade e formas de relacionamento com as ações médicas tornaram-se elementos geradores da trama principal, que são as práticas de dois médicos cearenses: José Lourenço de Castro e Silva e Liberato de Castro Carreira, ações que vão além do âmbito médico, perpassam o político e interferem na organização e ocupação dos espaços da cidade.

O caminho tornou-se claro com as fontes do Arquivo Público do Ceará, caixa não catalogada, intitulada Saúde Pública. O manancial conta com ofícios enviados pelas autoridades médicas (médicos, cirurgiões, farmacêuticos) ao Presidente da Província. Documentação que trata das criações dos cargos de médico e farmacêutico da pobreza; das nomeações para a Saúde Pública; relatórios, pareceres e mapas acerca das doenças que assolam a cidade etc.

Os manuais de medicina do século XIX permitiram compreender e problematizar as noções de doença e saúde da época. Nessa orientação, busquei depoimentos sobre a *Febre Amarela*, encontrando, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a obra de Castro Carreira: *Descrição da epidemia da febre amarela na Província do Ceará em 1851 e 1852*, estabelecendo um diálogo com os manuais e as ações médicas.

Diante da diversidade das fontes, escolhas foram feitas, a principal, o estudo das práticas dos dois médicos: José Lourenço e Castro Carreira, primeiros médicos cearenses formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com atuação na cidade de Fortaleza, a partir do ano de 1838. Marca o início da ação médica baseada nas influências da medicina social, e repensa as práticas do cotidiano diante da doença e da cidade insalubre, principalmente na epidemia de varíola em 1845, e febre amarela nos anos de 1851 a 1853.

---

<sup>3</sup> Refiro-me as correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Arquivo público do estado do Ceará – APEC.

Apesar de formados os dois pela mesma instituição, a ação médica é marcada por conflitos: divergências na concepção das doenças, na forma de tratamento, e no âmbito das ações políticas, em disputas no periódico *O Cearense* e em Relatórios Médicos. Diante de novas descobertas, o objeto foi redefinido e repensado e distinta trajetória de trabalho realizada.

Não é pretensão realizar a história da instituição médica e política do Ceará, muito menos, analisar as práticas médicas como progresso da medicina cearense, realizada na historiografia cearense.<sup>4</sup> Tenho propósito de perceber permanências e transformações no saber médico, na cidade de Fortaleza. Pelos Periódicos e Relatórios Médicos, vê-se que os saberes estão longe de serem homogêneos e estáticos, é que passam por conflitos, incertezas e muita experimentação. Idéias e práticas, historicamente, são frutos de sujeitos e seus interesses. Analiso os saberes como construção cultural de certa época, compreensão adotada por historiados sociais, ao conceber conceitos construídos socialmente.

No primeiro capítulo da dissertação, analisa-se a trajetória médica e política dos esculápios José Lourenço e Castro Carreira, como os primeiros médicos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a atuarem na província cearense. Mostram-se no espaço e tempo em que a formação médica é distinção social (na administração da província) e hierárquica na medicina (entre médicos boticários e cirurgiões). Os caminhos para alcançar a diplomacia de médico reafirmam o status econômico da família que não se contém em gastar na formação do filho que, futuramente, representará o sobrenome na política e nas ações sociais. Na relação em que ser médico também implica ser político. Diante dessa dupla função, há interesses em comum de intervir na ação humana, no pensar a cidade, ou no controle do indivíduo. Em face da interferência, torna-se difícil distinguir qual âmbito envolve o médico e o político, pois as ações se perpassam.

É o caso das medidas adotadas para as pessoas pobres na cidade de Fortaleza. Ações com o intuito de curar enfermidades, alimentá-las em período de escassez e fornecer trabalho. Tais práticas têm como finalidade

---

<sup>4</sup> Refiro-me as seguintes obras: BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da saúde pública do Ceará da Colônia a Vargas*. Fortaleza: UFC, 1994. NOBRE, Ma. Do Socorro Silva. *História da medicina no Ceará* (período colonial). Fortaleza: Secretarias de desporto e promoção social, 1978.



prover a salubridade urbana, aformosear a cidade e controlar a criminalidade. Ações que transcorrem entre as duas profissões. Por deste mote, percebemos pelo mapeamento da cidade, como a estrutura médica foi inicialmente articulada na província. Pelo trabalho de João Brígido, *Fortaleza de 1845*, localizam-se os espaços da prática médica (lazaretos, hospital, clínicas) e, por meio da documentação administrativa, proferimos seu funcionamento, no propósito da época, que envolvia ações assistencialistas e de caridade, nas atividades da Saúde Pública.

No segundo capítulo, discutem-se as teorias e as práticas terapêuticas exercidas pelos médicos cearenses, na cidade de Fortaleza, na metade do século XIX, especificamente, as trajetórias de *José Lourenço de Castro e Silva* e *Liberato de Castro Carreira*. Primeiramente, analisam-se os conceitos pertinentes no discurso e na prática médica, entre eles, de saúde, doença, salubridade, miasmas, higiene, e outros. Decerto, são conceitos que permeiam o cotidiano, inseridos na temporalidade analisada, terão significação peculiar, ao consultarmos livros e guias de medicina produzidos no século XIX<sup>5</sup>. Compreendemos que a consulta ao verbete não é suficiente para o entendimento dos conceitos. Faz-se necessário localizar as teorias médicas que os concebem. Entender que as formulações não são isoladas e que fazem parte de um conjunto de idéias e ações articuladas. Traçar esse caminho é percorrer teorias que perpassaram séculos: - teorias hipocrática, galênica e neo-hipocrática - que compõem o pensamento médico da primeira metade do século XIX. São concepções em constante construção, marcadas por experimentações, fusões e descobertas teóricas, principalmente, permeadas por conflitos e divergências entre esculápios e estes com os demais praticantes das artes de curar. Nesses caminhos de permanências e particularidades teóricas, teremos ferramentas para analisar os discursos e os

---

<sup>5</sup> Refiro-me especificamente as obras do médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1881): CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias*. 6ª. edição, Pariz: Chernoviz, 1890. 2v.

\_\_\_\_\_. *Formulário e guia medico*: contendo a descripção dos medicamentos, as doses, as moléstias em que são empregados, as plantas medicinaes indiginas do Brazil, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico e muitas informações úteis. 15ª. edição, Pariz: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz, 1892.

Obras utilizadas não apenas pelos médicos ou ditos homens das ciências, mas também pelas famílias, em busca de informações sobre: descrições, causas, sintomas e tratamentos das moléstias; a propagação dos preceitos de higiene e das práticas curativas. A circulação do material pelas províncias indicia que o exercício de cura era acessível a uma pequena parcela da população alfabetizada.

exercícios acerca da causa e da tipologia das enfermidades, diagnosticadas e tratadas pelos médicos cearenses que, diante das *doenças*, intervêm para o restabelecimento do funcionamento do corpo pelos preceitos de higiene. A partir da consideração, propagada e praticada no Brasil, problematiza-se a tríade *saúde, doença e higiene*, pertinência que orientou os primeiros exercícios médicos e os novos modos de pensar a cidade de Fortaleza, na primeira metade do século XIX.

Abordamos as várias “cidades” construídas pelos saberes médicos/políticos e pelos desejos dos moradores. Inicialmente, tratamos da cidade insalubre, segundo o discurso médico/político espaço marcado pela precariedade dos edifícios, pela sujeira das ruas, pelos focos de doenças, e habitada por moradores alheios aos preceitos médicos. Por outro lado, temos pela ótica desses moradores, uma cidade salubre e punitiva. Há uma política médica de coerção para os que pensam a cidade como rural, que criam porcos soltos nas ruas, que escoam dejetos a céu aberto e não se sentem incomodados pelas vísceras espalhadas pelo chão do mercado.

Na terceira parte, tem-se o período de duas epidemias, diferentes pelo fator patológico e pelas ações tomadas diante das mesmas. A primeira epidemia de Varíola é acompanhada da seca de 1845. Destaca-se o período, pois é o primeiro momento das epidemias em que atuam os médicos José Lourenço e Castro Carreira, e há circulação de saber médico baseado na medicina social. Percebem-se, nos anos em que principia a epidemia até o início da década de 1850, algumas intervenções médicas, pelo fim dos enterramentos na Igreja do Rosário, pela construção do Cemitério, ampliação da Enfermaria, propagação da vacina antivaríola e instituição de um poder de polícia para controlar as ações das pessoas na utilização da água dos chafarizes ou no uso do espaço do Mercado Público.

Na epidemia de Febre Amarela, médicos mais familiarizados com a cidade. Por seus escritos, as ações, diante da epidemia, partem para o indivíduo, na privacidade do lar. Diante das duas epidemias, de Varíola e Febre Amarela, abordamos os caminhos percorridos de 1845 a 1853, respectivamente, início da primeira epidemia e fim da segunda. São anos marcados por conflitos teóricos e práticos que geram vários desejos de cidades. Nesse meio, retorno à formação médica que, apesar de singular por

uma mesma instituição, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, difere na ação de José Lourenço e Castro Carreira. Pela documentação, há embates sobre homeopatia, alopatia, isolamento dos enfermos e eliminação de focos miasmáticos, divergências que tornam confusas falas e ações dos médicos na cidade. Nesse mar de conflitos e incertezas, não é propagada apenas a prescrição médica, mas outros saberes circulam na província.

Enfim, conclui-se que as práticas médicas, de Castro Careira e José Lourenço são apenas uma das formas de se pensar a cidade, o que se justifica pelo intervir e ir de encontro à concepção de uma cidade diferente de seu saber, legitimado pela instituição, pelo ofício e pelo cargo de interventor, melhor dizer de médico.

## Capítulo 1 - Os médicos e a cidade.

## 1.1 A formação médica.

Ser médico, na Província, em meados do século XIX, era exercer ofício bastante árduo, pois não são poucas as reclamações dos esculápios referentes às dificuldades da formação e do exercício de curar. Dr. Mathias, médico da corte, explicita a difícil trajetória da formação acadêmica: *frequêntar seis annos de academia, soffrer uma immensidade de exames, e gastar bom par de patacas*<sup>6</sup>. Mas, apesar de tantas reclamações, ser médico, no Brasil Imperial, era profissão almejada por muitos e alcançada por poucos.

Tinha o ingresso, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o candidato de 16 anos, com conhecimentos de línguas estrangeiras, latim e inglês (ou francês), de filosofia racional e moral, de aritmética e de geografia, ainda era imprescindível a apresentação de atestado de bons costumes emitido pelo Juiz de Paz da freguesia, além do pagamento da taxa de matrícula, em torno de 20\$000 reis<sup>7</sup>, e custos da estadia na capital do império.

E os gastos não param por aí: ainda é exigência do curso de medicina a elaboração de trabalho monográfico, *tese inaugural* apresentada no fim do curso para obtenção de título de doutor. Os temas escolhidos para as Teses eram selecionados pela Faculdade, que publicava anualmente lista, da qual cada aluno escolhia o seu tema<sup>8</sup>. A impressão do trabalho é custeada pelo aluno, sem ajuda da Faculdade, que apenas fornecia o lente para a orientação.

Assim o ingresso na Faculdade e a obtenção de grau de doutor exigem critérios, sem dúvida um deles é a condição financeira. Talvez esse seja o motivo por que poucos patricios cearenses ingressaram na Faculdade de Medicina. Desde a fundação até o ano de 1846, temos registro de apenas três médicos cearenses: José Lourenço de Castro e Silva (1808-1874), Liberato de Castro Carreira (1820-1903) e Francisco Alves Fontes (1817-1880)<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> *Que atura um médico*. Periódico dos pobres, ano I, n 63, 14 de setembro de 1850. p 1-2. Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> LYCURGO DE. Castro Santos Filho. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1991, p 91.

<sup>8</sup> LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p114.

<sup>9</sup> Francisco Alves Pontes, cearense, nascido na cidade de Sobral forma-se na Faculdade do Rio de Janeiro em 1841. Não o contemplo na pesquisa, pois não localizei atuação do médico no período estudado.

Lembre-se que o início da prática e formação médica por instituições não principiam com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, senão com as Escolas e as Academias de Medicina.

A implementação do ensino médico-cirúrgico por instituições, no Brasil, data de 1808, em duas escolas médicas, a *Escola de Cirurgia da Bahia* e a *Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica no Rio de Janeiro*. Ambas formavam cirurgiões que, após a conclusão do curso, prestavam exames para a autorização para a prática.

As autorizações são fornecidas pela Fisicatura-mor, nos anos de 1808 a 1828, período marcado pela sua criação e extinção. As atividades da Fisicatura não se restringem apenas à autorização e fiscalização das práticas dos cirurgiões, mas às diversas formas da arte de curar como médicos, boticários, sangradores, parteiras e curandeiros.<sup>10</sup>

O acesso às autorizações não é um procedimento simples: inicialmente, o solicitante requer um auto de exame à Fisicatura. Os médicos que desejam a carta de autorização devem anexar, ao requerimento, o diploma expedido pela Faculdade. Os cirurgiões e boticários devem apresentar certificado expedido por algum mestre (geralmente diplomados pelas escolas) já autorizado pela Fisicatura, e às demais artes e necessária a apresentação de atestados de pessoas com posição social respeitável que confirmem a habilidade para curar.

O processo final da seleção para obtenção das autorizações de curar consiste na expedição das *cartas de médico e cirurgião*; e as *licenças para curar de medicina* são passadas em nome do Imperador. As *cartas de sangrador e parteira* são expedidas pelo cirurgião-mor e a *licença de curandeiro*, pelo físico-mor ou algum subalterno da Fisicatura.

Por esses indícios, a pesquisadora Tânia Pimenta sugere a diferenciação entre grupos, o primeiro composto por médicos, cirurgiões e boticários autorizados por alguém ilustre e de maior respaldo na sociedade, e os demais pelos funcionários da própria Fisicatura.

---

<sup>10</sup> Sobre o funcionamento da Fisicatura-mor no Brasil foram consultados os seguintes trabalhos da pesquisadora Tânia Pimenta:

PIMENTA, Tânia Salgado. *Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX*. Campinas, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. Campinas, São Paulo, 2003.

As diferenças vão além dos critérios das autorizações. Neste estudo, restrinjo-me à questão médica, mostrando que, desde antes da criação da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, os médicos tinham destaque na hierarquia social.

A pesquisadora afirma que, entre atividades semelhantes, *médico, licenciado a curar de medicina pratica*<sup>11</sup> e *curandeiros*, há uma hierarquia. Os *médicos* eram considerados autoridades por excelência na cura, podendo ser substituídos apenas, na ausência, por indivíduos com conhecimentos em cirurgia e farmácia, sendo os mais indicados os *licenciados em medicina prática*, em detrimento dos *curandeiros*.

Esclareça-se que não se indica que os *curandeiros* tenham menos ou mais receptividade na população, isto é outro caso, mas os candidatos à licença preferem o título de *licenciado à prática médica*, em detrimento da licença de *curandeiro*.

Reafirmo as palavras da pesquisadora: *Sem dúvida ter uma licença de medicina não tornava uma pessoa tão conceituada quanto ter uma carta de médico, porém era mais valorizada do que possuir uma licença de curandeiro*.<sup>12</sup>

A carta de médico é fornecida apenas às pessoas formadas por alguma instituição de ensino, enquanto a licença de medicina, uma autorização cedida para indivíduos com prática, seja como cirurgião ou boticário que na ausência de um médico podem exercer semelhantes funções.

A procura de cirurgiões e boticários pelo cargo que mais se assemelha às funções médicas é motivada pelo desejo de obter status social, é que para ser médico, nesse período, é necessário estudar em faculdades estrangeiras. Mesmo com a criação de faculdades no Brasil, o acesso ao ofício não se tornou menos oneroso.

A diferenciação social das práticas médicas pode ser percebida na capitania do Ceará, no ano de 1799, ao receber comissão médica para tratar os enfermos de epidemia de febre intermitente que se propaga nas províncias do Norte. É enviada pelo governo de Pernambuco, *a comissão formada pelo médico português João Lopes Cardoso Machado, licenciados Joaquim José*

---

<sup>11</sup> Solicitações realizadas por cirurgiões e boticários, já com algum tipo de qualificação em cirurgia e farmácia pelas escolas, almejando diferenciação e status social aproximando das atividades dos médicos.

<sup>12</sup> PIMENTA, Tânia Salgado. *Artes de curar*. Op. Cit., p 67.

*Henrique e Teotônio Ferreira dos Reis, boticário João Pio Caetano de Carvalho e dois sangradores, dos quais um de nome Bernado.*<sup>13</sup>

Tem-se uma hierarquia na descrição da Comissão. O único médico de formação portuguesa chefia a delegação, enquanto dos sangradores apenas um é mencionado pelo primeiro nome, como membro de menor importância e outro, completamente esquecido.

Os práticos da medicina estabelecidos temporariamente na capitania do Ceará, vêm de Pernambuco, capitania mais próspera, pois, no período referido, a administração da capitania cearense é subjugada aos interesses da de Pernambuco.

Em épocas de epidemias e endemias, até meados do século XIX, os médicos são remetidos de outras províncias, como o cirurgião Francisco Coelho de Lemos, contratado em 1691 para servir no Forte. Está registrado na historiografia que, diante de um surto epidêmico de impaludismo ou malária, no fim do século XVIII, o governo de Pernambuco envia para Fortaleza o Físico e boticário licenciado João Lopes e sangradores, para socorro dos enfermos<sup>14</sup>.

A situação modifica-se com a transição das Escolas para Academias médico-cirúrgicas, em 1813 e 1815, respectivamente, do Rio de Janeiro e da Bahia. É certo afirmar que as Escolas foram responsáveis pela ruptura da dependência de profissionais advindos da metrópole, pois a criação das Escolas possibilita a formação de esculápios e a prática de cura.

Com a Academia médico-cirúrgica, mudanças necessárias ocorrem na estrutura do ensino: a introdução de disciplinas anatomia, higiene, instruções cirúrgicas e prática médica; ampliação de salas do Hospital da Santa Casa da Misericórdia no Rio de Janeiro. Vale ressaltar as reformas ocorridas em 1813 a 1831, assim como a reivindicação, em 1826, do direito de conceder os diplomas: *carta de cirurgião* e *carta de cirurgião formado*.<sup>15</sup> Dessa forma, finda a subordinação ao físico-mor e ao cirurgião-mor, nas extintas Escolas.

<sup>13</sup> BARBOSA. José Policarpo de Araújo. Op. Cit., p31.

<sup>14</sup> Refiro-me a historiografia cearense: BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da saúde pública do Ceará: da Colônia a Vargas*. Fortaleza: Edições UFC, 1994. p23.

<sup>15</sup> Segundo o Dicionário Histórico - Biográfico das Ciências da saúde no Brasil (1832 – 1930) verbete Escola Anatômica, cirúrgica e médica do rio de Janeiro: *A carta de cirurgião era dada ao aluno depois que ele completasse o quinto ano do curso, e a carta de cirurgião formada era conferida ao aluno que além de freqüentar o sexto ano do curso também repetisse as matérias do quarto e quinto anos*. BLAKE, Augusto Victorio Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico Brasileiro*. Quinto Volume. Rio de Janeiro. Imprensa nacional, 1899.



Mesmo com as modificações, a estrutura de ensino médico encontra-se em dificuldades para firma-se como instituição respeitável, devido à estrutura precária. Diante dos problemas e reivindicações a lei de 3 de outubro de 1832 determina que as Academias passem a status de Faculdades. Lembro que não muda apenas a denominação, mas a composição passa por reformulações.

Há uma preocupação em legitimá-las, diante das seguintes implementações: a) adequação de funcionamento pelos estatutos e regulamentos da Faculdade de Medicina de Paris, por não haver o próprio; b) abertura do curso de farmácia e de parto; c) organização do currículo com disciplinas de física médica, botânica zoologia, química médica, mineralogia, anatomia, fisiologia, patologia, farmácia, medicina operatória, partos medicina legal e higiene; d) complemento do quadro dos professores, muitos das Faculdades de Medicina da França; e por fim concessão de títulos de doutor em medicina, farmacêutico e de parteira<sup>16</sup>.

A essa estrutura, aos moldes da Faculdade de Paris, é formado o primeiro médico cearense José Lourenço de Castro e Silva, natural de Aracati, que parte para a capital do império em 1829, interessado em tornam-se médico. Ainda na cidade de origem, José Lourenço inicia os estudos preparatórios, freqüenta por quatro anos aulas públicas sobre o Estudo da Gramática Latina com o professor e amigo da família Antônio Francisco de S. Payo.<sup>17</sup>

Chegando ao Rio, José Lourenço prossegue sua jornada de estudos, matriculando-se no Seminário de S.Joaquim, por um ano no Curso de Filosofia. Após longa preparação para os exames de admissão, José Lourenço ingressa na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, em 1832, passando a residir mais seis anos na corte, entre aulas teóricas na sede da Faculdade<sup>18</sup> e lições práticas, nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia. Passa por 13 exames

---

<sup>16</sup>PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro*. Op. Cit., p28.

<sup>17</sup> SILVA, José Lourenço de Castro. *Defesa que em janeiro de 1840, publicou o doutor José Lourenço em consequência das arguições injustas, que lhe faziam seus adversários políticos e hoje a imprimimos eliminando o que é estranho à profissão do mesmo doutor*. Tipografia Constituição. Ceará, 1845. p01.

<sup>18</sup> Necessário lembrar que a Academia de Medicina futuramente passa a ser denominada Faculdade de Medicina.

das matérias estudadas, com aprovação plena no *curso-completo-Médico-Cirurgião*, até então sem o Grau de Doutor.<sup>19</sup>

O Grau de Doutor é expedido após defesa de Tese, e, por motivos justificados por José Lourenço, não foi possível obtê-lo no momento, pois a situação financeira o exige-lhe responsabilidade junto a família que tanto o ajudara na Corte; o longo período de férias entre os meses de dezembro a março trazem mais gastos que até então tinham de ser contidos. De acordo com o médico, emprego, na província cearense em Dezembro vem a calhar, pois sabe-se que ele tem na capital do império, trabalho no Hospital Regimental, desde a primeira carta, ganhando nada mais que 700\$reis anuais, provavelmente pouco dinheiro para cobrir as despesas, principalmente, para quem deseja em breve desposar jovem de família abastada .

Lembre-se a fala do Dr. Mathias, para quem cabe o aluno *gastar bom par de pacatas. Os lucros que ao depois tem depois de formado: e inda peor que os lucros o que soffre e atura no exercitar do seu officio.*<sup>20</sup>

Pode, contudo, o médico sem sua defesa clinicar? José Lourenço replica que o Grau de Doutor pela defesa da Tese *só dá direito de ser Lente ou substituto*,<sup>21</sup> pretensões não contempladas por quem, com o curso completo, dava-se por satisfeito com as duas cartas: *de Cirurgião e de médico já nos davam boa graduação.*<sup>22</sup>

Somente em 1850, na cidade do Rio de Janeiro, José Lourenço apresenta e sustenta a tese: *Ligeiras considerações sobre algumas enfermidades dos órgãos annexos ao globo e a ophthalmia aguda em geral.*<sup>23</sup>

No ano em que José Lourenço retorna para assumir o emprego prometido na cidade de Fortaleza, o conterrâneo e primo de primeiro grau, Liberato de Castro Carreira, parte para a capital do império ingressando na 7ª turma da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.<sup>24</sup>

De fato, Castro Carreira tem trajetória acadêmica mais curta e dedicada aos estudos. Inicia vida acadêmica na Faculdade de Medicina, em

---

<sup>19</sup> SILVA, José Lourenço de Castro. Op. Cit., p02.

<sup>20</sup> Periódico dos pobres, ano I, n 63, p 1-2. Rio de Janeiro. 14 de setembro de 1850. *Que atura um médico.*

<sup>21</sup> SILVA, José Lourenço de Castro. Op. Cit., p04.

<sup>22</sup> Id. Ibidem., p04.

<sup>23</sup> BLAKE, Augusto Victorio Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico Brasileiro*. Quinto Volume. Rio de Janeiro. Imprensa nacional, 1899, p 9.

<sup>24</sup> Archivo medico brasileiro, tomo I, n 5, p120. Rio de Janeiro. Dezembro de 1844.

1839, e finda, cinco anos depois, com a defesa e publicação da tese: *Dissertação sobre a Pleurezia*.<sup>25</sup> Regressa, à capital da Província Cearense para a prática da medicina ao lado do primo José Lourenço.

São poucos os relatos sobre a vida do médico na cidade do Rio de Janeiro. Talvez, Castro Carreira não tenha tido amigos tão influentes, ou mesmo, a necessidade de relatar seu esforço na formação acadêmica para defender-se de injúrias políticas, como o médico José Lourenço.

De certo, afirma-se o prestígio do médico Castro Carreira na capital do império pois, mesmo após a partida para Fortaleza, não rompe vínculos com a instituição de ensino. Constantemente seus artigos são publicados nos jornais especializados, com o objetivo de:

traduzir capítulos de livros, verbetes de enciclopédias e dicionários, artigos e notícias já publicadas em jornais ou revistas científicas estrangeiras e além da divulgação dos trabalhos das atividades da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e, posteriormente, da Academia Imperial da Medicina da Faculdade de Medicina através de publicações das atas das sessões, dos relatórios das comissões e dos trabalhos escritos pelos acadêmicos e elogiados pelos amigos por sua atuação médica.<sup>26</sup>

Castro Carreira tem os artigos publicados no periódico *Archivo Medico Brasileiro*,<sup>27</sup> onde declara ser assinante e constante leitor. Sua atuação é marcada pela *correspondência médica*, em que informa, duas vezes, o descobrimento e o uso de uma fonte de água férrea na província do Ceará<sup>28</sup>, publica investigações sobre um novo preservativo da varíola<sup>29</sup>, divulga sua experiência cirúrgica sobre a amputação da coxa de uma escrava por meio de inalação de éter<sup>30</sup>, além de enviar, ao redator do Jornal, relatos não publicados,

<sup>25</sup> Id. *Ibidem.*, p120.

<sup>26</sup> FERREIRA, L. O. *Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843)*. In: História, Ciências, saúde – Manguinhos, V 2 p 331-51, jul-out. 1999

<sup>27</sup> Percebe-se a tentativa de organização médica entorno da faculdade, da sociedade de medicina e dos periódicos especializados, na tentativa da propagação de um saber homogeneizado e assim legitimá-lo.

<sup>28</sup> *Archivo médico brasileiro*. Tomo II. Dezembro 1845. no. 4. p96. *Correspondência medica. Descobrimto de uma fonte d'agua férrea na Província do Ceará, pelo Dr. Liberato de Castro Carreira*. Ceará, 12 de novembro de 1845.

*Archivo médico brasileiro*. Tomo II. Janeiro 1846. no. 5. p120. *Correspondência medica. Existencia de uma fonte d'agua férrea na Província do Ceará, pelo Dr. Liberato de Castro Carreira*. Ceará, 2 de dezembro de 1845.

<sup>29</sup> *Archivo médico brasileiro*. Tomo III. Janeiro 1847. no. 6. p120. *Correspondência medica. Novo preservativo da variola, pelo Dr. Liberato de CastroCarreira*. Cidade de Aracaty, 20 de novembro de 1846.

<sup>30</sup> *Archivo médico brasileiro*. Tomo III. Agosto 1847. no. 12. p286. *Correspondência medica. Amputação da coxa sem dor por meio de inalações ethericas, pelo Dr. Liberato de Castro Carreira*. Cidade de Aracaty, 20 de julho de 1847.

como a *Observação de um tumor elephantíaco no monte de Vênus de uma Sra* e o envio de exemplares do Jornal *O Cearense*, no qual o médico publica seus escritos sob título de *Chonica medica* da província do Ceará.

Assim, pelos relatos, a província cearense aparece nos periódicos médicos como atenta e preocupada em elaborar práticas médicas para evitar o aparecimento e a propagação das moléstias, pois os estudos de Castro Carreira contemplam relatos sobre experiência médica, diante de epidemias e endemias, atuações cirúrgicas, descobertas médicas e o cuidado com a higiene da cidade e dos indivíduos.

José Lourenço pouco escreve sobre a prática médica, com exceção de dois trabalhos: a tese *Ligeiras considerações sobre algumas enfermidades dos órgãos anexos ao globo e a ophtalmia aguda em geral*<sup>31</sup> e *Breves considerações sobre a climatologia do Ceará, precedidas de uma ligeira descrição da cidade e seus subúrbios*. Os demais trabalhos publicados têm cunho estritamente político. Mas não é pelo distanciamento de interesses que deixaram de existir conflitos na prática médica dos dois doutores.

Ambos tornam-se políticos, ao certo, um mais fervoroso que outro. Inicialmente, chega-se essa conclusão pelo caráter das obras publicadas. Mas é pela ação efetiva, na política, que se tecem as diferenças entre José Lourenço e Castro Carreira.

De certo, são políticos, pois não podemos pensar a medicina como atuação exclusiva, pois pensar as idéias e práticas médicas para a cidade e seus moradores não deixa de ser uma ação política, regada de interesses, ora partidários, ora particulares.

---

<sup>31</sup> Castro e Silva, José Lourenço. *Ligeiras considerações sobre algumas enfermidades dos órgãos anexos ao globo ocular e a ophtalmia aguda em geral*: These apresentada e sustentada em 27 de maio de 1850. Rio de Janeiro, 1850, in 4º.

## 1.2 Medicina e política.

Além da escolha pela prática da medicina, José Lourenço e Castro Carreira pertencem à mesma genealogia: trazem o sangue da Família Castro. E, de acordo com a historiografia, *uma das mais antigas que conta a Província do Ceará, figura[ndo] na política do País desde os tempos coloniais*.<sup>32</sup> Não remonto a períodos coloniais, mas verifico o caminho dos personagens em questão.

À vista de exposto, são primos em primeiro grau, da família Castro, aracatiense como afirma Castro Carreira, na ocasião do seu discurso: *No Aracati onde não há partido conversador*<sup>33</sup>. Exageros a parte, os dois médicos são partidários da ala Liberal, um mais do que o outro.

À análise das obras dos médicos, não fica difícil visualizar o que mais se preocupou em escrever e atuar no meio político. José Lourenço, pelas obras publicadas, dedica-se à literatura política, na maioria, fácil de encontrar nos periódicos cearenses da época.

José Lourenço ingressa na política ao retornar à Província Cearense, à qual dedicou todo o ardor de sua juventude e a experiência e as luzes da idade madura<sup>34</sup>. Destaca-se na assembléia por exercer várias legislaturas como deputado, nos biênios 38-39, 40-41 e 46-47. Sua trajetória política mostra-se pouco tranqüila, em período em que:

na esfera político-administrativa, nas secas e escassez de comida, na luta pela posse da terra e de outros bens, na imposição e solidificação de valores morais...agressões e assassinatos se efetivaram como mecanismos de privilegiados de negociação.<sup>35</sup>

A violência era uma prática cotidiana e forma rápida de obtenção e legitimação do poder partidário. Agressões verbais e físicas, emboscadas seguidas de assassinatos fazem parte da esfera de que participam os médicos José Lourenço e Castro Carreira.

<sup>32</sup> STUDART, Guilherme. *A Família Castro*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXII, 1958, pp108-155.

<sup>33</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. *Reacção do Partido Conservado na Província do Ceará em 1868*. p 28.

<sup>34</sup>STUDART, Guilherme. Op. Cit.,p150-151.

<sup>35</sup> VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: histórias da família no sertão (1780-1850)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec,2004. p 163.

Neste contexto, o médico José Lourenço assume o cargo de médico que o fizera voltar da capital da província cearense. Sua atividade não se restringe apenas à prática médica, alianças são restabelecidas para legislatura de 1838 a 1839.

Em situação difícil, na Corte, José Lourenço recebe, no dia 11 de dezembro de 1837, a seguinte correspondência:

Ilmo. Sr. tendo a Lei Provincial de 5 de outubro do corrente anno, autorizado ao governo para mandar engajar hum Médico, que venha aqui estabelecer-se, oferecendo-se p. isto 1:2000#réis [um conto e duzentos mil réis] pagos a meses, como tudo melhor se vê da cópia inclusa; e estando eu bem informado dos talentos e habilidade de V.S., lembrei-me de o convidar para aceitar este partido, no qual muito ganharão os Cearenses tendo ao pé de si um seu patrício, e o primeiro formado nesta Faculdade para lhes ministrar os socorros da Medicina, de que tanta necessidade temos. Deus guarde a V.S. Palácio do Governo do Ceará, em 20 de novembro de 1837. José Martiniano de Alencar. Ilm José Lourenço de Castro e Silva.<sup>36</sup>

Para o médico, um convite irrecusável, é que se lastima pela circunstância financeira enfrentada na Corte, além do mais, essa é a oportunidade de regressar à província de origem, quiçá, exercer vida política.

Mas o convite provavelmente não é ocasional. José Lourenço mantém relações de amizade com Martiniano de Alencar, longa data. Participam da *Sociedade Amantes de Filosofia Racional e Moral*, o primeiro logo ingressa na Academia de Medicina, é convidado como membro e, posteriormente eleito por três vezes Vice-Presidente e, seis vezes, presidente. O segundo faz parte do corpo de Sócios Honorários juntamente com nomes ilustres da política e literatura como Evaristo Ferreira da Veiga, Marques de Marica, Abade de S. Bento, Januário da Cunha Barbosa, etc.

Os laços de amizades não cessam na *Sociedade de Amantes de Filosofia*, basta lembrar que, em meados de 1830, Martiniano de Alencar, juntamente com o afamado político e ministro da fazenda regencial, Dr. Manuel do Nascimento, aliam-se na formação oficial do partido Progressista, bem mais conhecido como liberal ou pela alcunha de *Chimango*, coligados ao governo regencial de Feijó. A disputa entre os dois partidários para as eleições senatoriais em 1831, na qual saiu vitorioso Martiniano de Alencar, não impede

---

<sup>36</sup> Livro 34.b Registro de Ofícios expedidos pela Presidência da Província do Ceará as autoridades civis e eclesiásticas e as Câmaras Municipais. 1836/1838. *Correspondência ao Dr. José Lourenço de Castro e Silva*. p197. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

futuros laços que, mais tarde, resultam no engajamento de José Lourenço ao corpo administrativo da Província.

Pelo partido liberal, Martiniano de Alencar obtém indicação para Presidente da Província do Ceará, nos anos de 1834 a 1837. Não é estranho convidar o sobrinho de Manuel do Nascimento de Castro e Silva para cargo em sua administração. Até mesmo porque já o conhecia.

Aceito o convite, José Lourenço parte para a Província do Ceará, em Janeiro do ano seguinte, confirmado, em outubro, por Lei, seu engajamento, é *nomeado inteiramente pelo presidente da província*,<sup>37</sup> deixando claro que exerceria o cargo por quinze anos, se assim desejasse, independente da administração vigente.

No ano do engajamento, o médico mostra seu empenho em questões partidárias, eleito deputado pelo Partido Liberal, no biênio 1838 a 1839. Até então, pareceu que José Lourenço não teria problemas em assumir dois cargos públicos, atividades tão almeçadas no pelo médico e político. Um consolida a condição do outro, ambos atuam no objeto homem e cidade, com suas peculiaridades.

Mas a tranqüilidade chega ao fim: José Lourenço começa a ser pressionado a optar por um dos caminhos. A coação é feita pelo Presidente da Província, João Antônio de Miranda, que assume a administração nos anos de 1839 a 1840, apoiado pelo partido Regressista, ou Conservador, também conhecido como *Caranguejo* e futuramente *Saquarema*.

Mas transições de governos, torna-se praxe a substituição de funcionários anteriores aliados da sucessão. Registram-se na historiografia, demissões, exonerações de cargos, agressões aos membros do partido derrotado, até invasões domiciliares.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Lei no. 133 de 32 de agosto de 1838. In: Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província do Ceará. Parte I. Ceará: Typografia Commercial, 1862, pp 167-8.

<sup>38</sup> Refiro-me aos seguintes trabalhos:

VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: histórias da família no sertão (1780-1850)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004; CARREIRA, Liberato de Castro. *Reação do Partido Conservado na Província do Ceará em 1868*; STUDART, Guilherme. *A Família Castro*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXII, 1958; SILVA, José Lourenço de Castro. Defesa que em janeiro de 1840, publicou o doutor José Lourenço em consequência das arguições injustas, que lhe faziam seus adversários políticos e hoje a imprimimos eliminando o que é estranho à profissão do mesmo doutor. Tipografia Constituição. Ceará, 1845; PINTO. José Marcelo. *A eleição senatorial do dr. Manuel do Nascimento*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXXI, 1967; POMPEU. Tomás. Um episódio deplorável de nossa história. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXX, 1966.

Em 1838, os ares estão bem acirrados, os conservadores chegam ao poder e qualquer motivo gerava atrito nas partes. Críticas não são permitidas, sobretudo se originadas de um da oposição, fato passado em 1838, quando o farmacêutico *chimango*, Antônio Eloi da Costa, é surpreendido a socos e pontapés por Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá, na porta do palácio governamental, acusando o opositor de fazer severas críticas à administração conservadora.<sup>39</sup>

Pois bem, para a nova administração, José Lourenço também incomoda bastante. Basta lembrar que, em 11 de outubro de 1838, é publicado, em de Fortaleza, o primeiro número da *Sentinelá Cearense na Ponta do Mucuripe*, redigido por José Lourenço, com o objetivo único criticar de combater a administração do presidente conservador Manuel Ferlizado de Sousa e Melo. Finda o periódico em 15 de fevereiro de 1839, data que marca a saída do mesmo da presidência.<sup>40</sup>

Político fervoroso, ocupando cargo de prestígio, pode trazer mais problemas para os conservadores. Por que não pressioná-lo a escolher? O cargo de médico fortalece o prestígio político, o que incomoda a oposição. João Antônio Miranda, sucessor, do mesmo partido, envia correspondência na qual solicita, ao médico, que escolha o subsídio, já que pretende assumir a assembléia. Prontamente, o médico *prefere o subsídio de Deputado ao ordenado de medico*<sup>41</sup>, mas não deixa a sua prática médica e os socorros aos enfermos, mesmo em sessões. Dois meses após a primeira correspondência, em setembro de 1839, o Presidente João Antônio Miranda insiste na idéia da impossibilidade da prática médica e política do Dr. José Lourenço, que reafirma:

não obstante haver continuado durante os trabalhos legislativos, a tratar dos meus doentes; todavia participo a VEx. (ser esse o meu dever) q por se achar adiante a Assembleia Provincial; continuo desempedido a tratar dos enfermos a meu cargo.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> POMPEU, Tomás Sobrinho. Um episódio deplorável de nossa história. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart. Tomo LXXX; ano 1966.

<sup>40</sup> Cipriano barata o esquecido. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LXXXVI, 1972. p201.

<sup>41</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 31 de julho de 1839. Enviado pelo Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Antônio de Miranda. Arquivo público do estado do Ceará - APEC

<sup>42</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 22 de setembro de 1839. Enviado pelo Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Antônio de Miranda. Arquivo público do estado do Ceará – APEC.



As argumentações de José Lourenço não fazem efeito e João Miranda o demite do cargo, pelo seu partidário, liberal, Martiniano de Alencar.

Contudo a demissão do médico não pode ser atrelada apenas à sua atividade partidária. De fato, há interesse político na ação da demissão, mas não podemos descartar possível insatisfação na sua atuação médica.

Desde a assunção do cargo de médico da pobreza, seus relatos referentes à Saúde Pública resumem-se na vacinação contra as bexigas e no tratamento dos doentes isolados no Lazareto da Jacarecanga<sup>43</sup>. Nota-se a ausência da ação médica em pensar medidas da Saúde Pública para cidade: na limpeza das ruas ou na construção de edifícios públicos – Hospital de caridade, Cemitério, Cadeia Pública. Há possibilidade de que a insatisfação da administração seja o pouco empenho do médico em pensar medidas higiênicas para a cidade.

Mas as intrigas com o Presidente não cessam por aí. Sem o emprego de médico da Província, José Lourenço passa a atender em sua clinica particular e dedica-se mais arduamente à política, compondo a *defesa que em janeiro de 1840, publicou o Doutor José Lourenço em conseqüência das arguições injustas, que lhe faziam seus adversários políticos e hoje a imprimimos eliminando o que é estranho a profissão do mesmo doutor. (ceará, 1845. Na tipografia constitucional).*

É notória a insatisfação política de José Lourenço, em 1838 e 1839, que o fez publicar, no ano seguinte, tal obra. Inquietante é saber o porquê da impressão do trabalho apenas em 1845. Que interesse tem o médico em tornar pública a obra em um ano marcado pela seca e pela epidemia de varíola? Por que a necessidade de eliminar o que há de estranho entre o médico e o político? Tem o médico cometido ação política que, de certa forma, prejudique o prestígio de médico?

José Lourenço não está satisfeito com a administração conservadora e acusa os adversários de chamá-lo de *mediocre*, de *ser mal estudante*,

---

<sup>43</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofícios datados 2 de janeiro de 1839, 21 de janeiro de 1839, 21 de fevereiro de 1839 Enviado pelo Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Os dois primeiros ao Presidente Manoel Felizardo de Miranda e o último ao José Antônio de Miranda. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

afirmarem que levou *dois RR na Academia do Rio de Janeiro* e que por fim, teria exercido *uma triste figura na capital do Império*.<sup>44</sup>

Se as acusações são verdadeiras ou não, não cabe, neste trabalho, respondê-las. A razão de fazê-las é algo a questionar. Calúnias e inverdades são meios para abalar o status social, requisito para sucesso da carreira política, bem como médica. José Lourenço utiliza-se de cartas e pareceres de professores, amigos e diretores de instituições para contra argumentar críticas a sua vida acadêmica e pessoal.

Mostra-se realmente exaltado, acusado de *estúpido*, momento perfeito para atingir a imagem do adversário, o presidente Antônio Miranda. José Lourenço deixa a corte sem seu título de Doutor, pois alega que, recebendo o convite para o cargo de médico na província, em dezembro, não tem tempo suficiente para a preparação da tese, e que a academia fecha no dia 20 de dezembro com reabertura somente em março do ano seguinte.

Sem título, logo é rotulado pelos opositores de *estúpido*. Ora, diz José Lourenço, *partindo destes princípios diremos também que é estúpido o Exmo. Sr. Bacharel João Antônio de Miranda que não tomou o mesmo Grau, quando o Curso de S. Paulo faculta aos que querem tomar*.<sup>45</sup> Em outras palavras, José Lourenço conclui que *não tomar o Grau de Doutor é estúpido; no curso de S. Paulo não foi este grau conferido ao Exmo. Sr. João Antônio, logo Sr. é estúpido*.

No mais, enfatiza sua trajetória, já conhecida, de aluno dedicado, trabalhador e freqüentador de círculos prestigiados como a *Sociedade de Amantes da Filosofia*.

José Lourenço provavelmente antecipa o retorno dos liberais ao poder e sente-se mais tranqüilo em tornar pública a sua defesa. Em 1840, Martiniano de Alencar, articulado com os partidários da Corte, celebra o golpe da maioria e a queda dos *caranguejos*. Desde então, assumindo a Presidência da Província, retorna Martiniano de Alencar e, por decreto, em meados do mês de janeiro de 1841 autoriza a recontração de José Lourenço ao cargo de médico da pobreza<sup>46</sup>.

<sup>44</sup> SILVA, José Lourenço de Castro. Op. Cit., p04.

<sup>45</sup> Id. Ibidem. p04.

<sup>46</sup>Lei no. 231 de 14 de janeiro de 1841. In: Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província do Ceará. Parte I. Ceará: Typografia Commercial, 1862, pp 355.

Eleito para o biênio, 1840 a 1841, o médico retoma as duas atividades e agora passa a ser perseguido pelo atual Presidente da Província, o conservador José Joaquim Coelho. O Presidente não tarda a solicitar relatórios médicos sobre os doentes atendidos na Província em anos anteriores. O médico, na oportunidade, reclama a injusta demissão e afirma que não os fizera por estar ausente do cargo.<sup>47</sup>

Reassumido o cargo, tem-se nova postura do médico em relação aos assuntos da Saúde Pública. Preocupado com a construção de açude, relata a qualidade da água e os cuidados que se devem tomar, sobre as febres que assolam a cidade, indica a terapia a ser seguida, e, por fim, descreve o clima e salubridade da cidade. Preocupações não percebidas em sua atuação médica ou política. A pressão político partidária da oposição leva a repensar novas ações? De certa forma, sim, pois há intensa solicitação dos Presidentes da Província em receber os relatos das ações médicas.

Em outra oportunidade, precisamente, em 4 de agosto de 1841, o Presidente José Joaquim Coelho, solicita ao médico, relatório sobre os doentes do lazareto de Jacareacanga. Responde o médico prontamente em ofício: *em muito mau estado encontrei esses doentes (três), dos quais em principalmente nehuas esperanças dá de restabelecimento.*<sup>48</sup>

No dia seguinte, o médico volta a escrever ao Presidente Joaquim Coelho, alegando haver sido mal interpretado por alguns. E fala-se pela cidade que o mesmo fizera críticas à administração conservadora, no ofício, acerca do *tratamento e curativo dos doentes que se achão no Lazareto da Jacarecanga.* Defende-se da seguinte forma:

Disse-se VExa. passar de novo a vista sobre esse meo officio e verá, q sem intrometter-me a fazer aberrações sobre os doentes, q forão entregues ao Cirurgião-mor, nem sobre o estado do Hospital ( q se acha melhorado). Limitei-me somente a participar a VEx a. q = dentre os 3 doentes pobres q lá achei, um principalmente estava em muito mal estado = mas desta expressão tão clara de modo algum pode-se entender-se q era mal o seu estado, p ser mal o tratamento e o curativo.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 20 de julho de 1841. Enviado pelo Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Joaquim Coelho. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

<sup>48</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 04 de agosto de 1841. Enviado pelo Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Joaquim Coelho. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

Fica evidente que desconfianças e inimizades estão no ar, pois mesmo que José Lourenço não tenha feito nenhuma referência, ou mesmo que o tenha feito, é o que menos importa. A prática médica é permeada por conflitos de diversos interesses. Sendo assim, impossível distinguir a ação médica da ação política.

Também não podemos descartar o provável interesse do Cirurgião-mor, Silvério José da Cruz, em acusar o médico, pois o mesmo retorna ao Lazareto para exercer suas funções, antes suspensas pelo sucessor do atual presidente.

De fato, o ano de 1841 é de intensa conspiração política. Outro facultativo envolvido em intrigas partidárias é o farmacêutico, Antônio Eloi da Costa, o *chimango* que há pouco falamos ter sido surrado na porta do palácio do governo. Antônio Eloi, o boticário da pobreza, tem como função produzir os medicamentos solicitados pelo médico da pobreza, o José Lourenço, para cura dos enfermos.

Antônio Eloi, em 11 de julho do ano referido, é severamente repreendido pelo Presidente Joaquim Coelho, solicitando informações sobre sua prática farmacêutica, pois chegara, a seu conhecimento, que o mesmo não fornece bons medicamentos para o Hospital Militar.

O farmacêutico solicita que o Presidente fiscalize sua botica, a fim de encontrar algum medicamento arruinado, e a acusação só pôde partir do inimigo gratuito, o então Cirurgião-mor do Hospital Militar, Silvério José da Cruz. Afirma o farmacêutico que as intrigas são fruto do passado, pois:

essa pessoa que VExa me ergue de eu a ter preterido, afiançando nunca ter abusado da confiança d'seos predisseçores já que foi por este mesmo Cirurgião bastante atassalhado, e por queixas d'elles de falta de cumprimento de seus deveres, e as muitas instancias foi despedido pelo Ex mo Senador Alencar, por isso não he muito que mudadas as circunstancias eu seja expulso do Boticário do Hospital, lançando-me uma precha que não me cabe.<sup>50</sup>

<sup>49</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 05 de agosto de 1841. Enviado pelo Dr. José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Joaquim Coelho. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

<sup>50</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 18 de junho de 1841. Enviado por Antônio Eloi da Costa. Ao Presidente José Joaquim Coelho. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

Não posso escusar de me perguntar como a denúncia de vendas de medicamentos arruinados pode interferir na prática terapêutica recomendada pelo médico e manipulada pelo boticário? Compreendo que não apenas o médico, na hierarquia na médica, atua no campo político, mas também boticários e cirurgiões. Na defesa do farmacêutico, mais uma vez fica clara a intriga entre conservadores (cirurgião-mor Silvério José da Cruz e o Presidente), com os liberais já mencionados (o farmacêutico Antônio Eloi, o médico José Lourenço e o ex-presidente Martiniano de Alencar).

No entanto, diante da acusação do inimigo, Antônio Eloi apresenta, ao Presidente, atestados de boa conduta. O primeiro, emitido pelo *Médico da pobreza*, o senhor José Lourenço, afirma ter *uma geral confiança pela prontidão e perfeição com q avia os remédios* e que *jamaís* [o farmacêutico] *recorresse à fraude*.<sup>51</sup> O segundo, a atestar a conduta do farmacêutico, o senhor Joaquim da Silva Santiago, Cirurgião-mor da Câmara Municipal, encarregado da propagação da vacina, afirma que Antônio Eloi é exímio boticário aprovado pela fisicatura e avia com prontidão e zelo os medicamentos solicitados.<sup>52</sup> Provavelmente, os atestados tenham surtido efeito, pois Antônio Eloi permanece no cargo por longa data. O testemunho dos atestados de boa conduta é a forma de tranquilizar os compradores da botica, da clínica da pobreza e da clínica particular. A denúncia podia prejudicar não apenas o proprietário da botica, mas a administração pública que tem como proposta tratar a pobreza enferma com os medicamentos do boticário da pobreza.

As disputas estão longe de restringir-se apenas ao âmbito verbal. Agressões e assassinatos fazem parte do cenário, no ano turbulento de 1841. Refiro-me ao assassinato de Major Facundo e a tentativa de envenenamento de deputados. São tramas estas que se cruzam e têm como personagens a família Castro.

O primeiro episódio acontece, em 8 de dezembro de 1841, por volta das 19 horas, em uma das ruas mais movimentadas da capital cearense

<sup>51</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 19 de junho de 1841. Enviado por José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Joaquim Coelho em defesa do farmacêutico Antônio Eloi da Costa. Arquivo público do estado do Ceará – APEC.

<sup>52</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 18 de junho de 1841. Enviado por Joaquim da Silva Santiago. Ao Presidente José Joaquim Coelho em defesa do farmacêutico Antônio Eloi da Costa. Arquivo público do estado do Ceará – APEC.

exatamente na Rua da Palma, atual Major Facundo, nas proximidades do Palácio Presidencial, um tiro de carabina acerta fatalmente o Vice-presidente da Província, Major Facundo, que acabara de passar a administração ao Presidente conservador.<sup>53</sup>

Os liberais entram em pânico, chegou-se até a pensar o início de caçada aos partidários *chimangos*. Não ficam parados e partem para a investigação dos fatos. De hora, pouco se sabe, mas a versão dos liberais sobre o ocorrido afirma que o assassinato é do coronel Agostinho José Tomás de Aquino, chefe do partido conservador de Icó. O executor do plano é Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá, envolvido no espancamento do farmacêutico, e o tiro parte da arma do negro Abraão, o único punido.

De acordo com a acusação, vê-se o *boticário Ferreira tirar da prateleira de sua botica clavinotes e entregá-los aos assassinos Pedro Chagas e Antônio Abraão*.<sup>54</sup>

As acusações recaem sobre o Presidente, pois, de acordo com os liberais, o mesmo não age na punição dos acusados por ser conivente e manter relações pessoais com os mesmos.

Para muitos inimigos de Facundo, a atribuição de seu assassinato é fruto de atitudes liberais, em 10 de novembro, na assembléia provincial, onde a oposição (os liberais), não conseguindo passar certo projeto, dilui *tártaro emético em algumas quartinhas, o bastante para provocar vômitos*. Alguns governistas bebem a água, entre eles, o Dr. Gaspar e o Coronel Agostinho, logo atacados por forte dor no estômago. Por algum tempo, o fato é despercebido até que suspeitas recaiam sobre os liberais, principalmente Facundo e o sobrinho José Lourenço, mais habilitado para manusear tal substância.<sup>55</sup>

Anuncia-se pelas ruas da Província que Agostinho jura ambos de morte, mas, em lugar onde as calúnias, e promessas de violência e de morte são anunciadas aos ventos, não surtem efeito no cotidiano dos ameaçados.

Após seis anos dos acontecimentos, José Lourenço é acusado, nas folhas do *Cearense*, de ter envenenado os deputados. De acordo com o

---

<sup>53</sup> POMPEU. Tomás. Um episódio deplorável de nossa história. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXX, 1966, p290.

<sup>54</sup> POMPEU. Tomás. Op. Cit., p291.

<sup>55</sup> Id. Ibidem.,p 291.

redator do periódico Thomaz Pompeo de Sousa Brasil, na presidência dos liberais, em 1844, de volta à administração da Província, acusa José Lourenço de mudança partidária, que não conseguindo se reeleger deputado pelos *chimangos* adere às idéias *dos caranguejos*.<sup>56</sup>

O médico, cuja função é promover a saúde e combater as epidemias, é acusado de manipular veneno e usar o ofício como arma política. Possivelmente, a repercussão do envenenamento o tenha levado a publicar a obra, em 1845, com o objetivo de tornar claro o que há de diferente entre o médico e o político.

José Lourenço passa, pela imprensa *injuriando-o nobre senador Alencar*,<sup>57</sup> confirmando assim a mudança partidária. Além, segundo Thomaz Pompeo, de revelar segredos que, em tempos de amizade, são usados para obter favores na oposição conservadora. E diante do contexto, o redator dirige-se a José Lourenço como:

Que abusando da confiança mutua, que devem ter os membros de uma mesma assemblea, lança tártaro na jarra da assemblea para fazer adoecer, ou assassinar seu collegas da opposição, e cheio de vergonha, e confusão nem ao menos avisa seus amigos, que tambem forao victimas.<sup>58</sup>

Ao certo, o redator não poupa palavras contra o médico, lembrando que *o facto de envenenar (tártaro he veneno) huma jarra d'agua de uma assemblea he virgem na história da perversidade humana*.<sup>59</sup> E encerra o extenso artigo de duas páginas clamando-o de ambicioso, baixo e hipócrita, e não admite relações de cumplicidade com pessoas que acusou de matar Major Facundo.<sup>60</sup> Vai ao Rio de Janeiro, juntamente com o padre Carlos Peixoto de Alencar, pedir providência para o assassino e proteção para si e seus amigos.<sup>61</sup>

Outro defensor do partido Liberal é o médico Liberato de Castro Carreira, *médico da pobreza* de Fortaleza, a partir de 1845, depois de nomeado Provedor da Saúde, em 1847. Ainda não se encontrava na Província, na morte do tio e nem na acusação de envenenamento do primo. Mas certamente acompanha a trajetória do partido.

<sup>56</sup> De acordo com o Jornal Cearense em 26/04/1847: "O Sr.dr. José Lourenço manifestou a província e ao paiz inteiro o seu resentimento de não ter sido eleito deputado".

<sup>57</sup> Jornal O Cearense 19/04/1847 ano 2 n42 pp03-04.

<sup>58</sup> Id. Ibidem.,p03-04.

<sup>59</sup> Id. Ibidem.,p03-04.

<sup>60</sup> Id. Ibidem.pp03-04.

<sup>61</sup> POMPEU. Tomás. Op. Cit., p290.

Logo que chegou à capital, o médico exerce prática médica. Liberato de Castro aparece nos periódicos apenas para manifestar suas atividades médicas, em crônicas, artigos etc. Nos anos de 1846 a 1850, é nomeado substituto do Juiz Municipal e dos órfãos e de Direito da capital do Ceará. É escolhido Senador em 1867, a partir de que escritos políticos surgem apontando abusos do partido conservador em 14 anos de domínio. Refiro-me ao panfleto *A reação conservadora do Ceará* na qual Castro Carreira acusa os conservadores cearenses de abuso e violência, o assassinato de João Facundo e Simões Branquinho.<sup>62</sup>

Na província do Ceará, Castro Carreira, ao contrário do primo, dedica-se assiduamente a pensar e pôr em prática ações para evitar o aparecimento de epidemia. São várias as correspondências onde o médico orienta no tratamento das doenças, relata as ações do Lazareto, orienta a população sobre a importância da higiene como prevenção de doenças, orienta o Presidente da Província na construção de edifícios como o Cemitério extramuros, o Hospital de Caridade, a Cadeia Pública e medidas para com os retirantes indigentes.

A proximidade com o governo mostra Castro Carreira médico e político, mas intencionalidades, à primeira vista, diferentes do médico José Lourenço. Enquanto o último vive intensamente a vida política partidária, envolvendo-se em disputas e intrigas políticas, por fim, com menor ação nas questões de Saúde Pública, Castro Carreira é atuante da medicina social, reelaboração dos espaços da cidade. Sua ação política volta-se para as práticas médicas, distante das intrigas políticas.

Entretanto as divergências não são apenas na ação, mas também no pensamento das teorias médicas. Assim, torna-se necessário caminhar pela cidade de Fortaleza para entendimento dos espaços ocupados pelos médicos e noções de saúde pública propagadas, em meados do século XIX.

---

<sup>62</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit., p 65.



### 1.3 Estrutura médica na cidade.

Caminhando pelas ruas da capital da província, nos anos de 1838 a 1853 podemos localizar os primeiros espaços de atuação dos médicos, boticários e cirurgiões, que se restringem ao hospital Militar, ao lazareto, às três boticas, a uma enfermaria, a nada além do que três clínicas particulares.

Nosso ponto de partida é a Praça Pedro II, atualmente Praça do Ferreira, nome que denuncia nosso propósito. Ferreira é um dos boticários mais conhecidos e tem sua botica bastante freqüentada, na Rua da Palma, atual Major Facundo, juntamente com duas outras.

No início, a rua é singela. Casinhas de taipa em contraste com o Sobrado e Botica Mamede. O edifício anuncia a chegada à Praça Pedro II, local de grande circulação de pessoas. Pela rua, deparamos prédios de certa grandeza que chamam a atenção: casa de correção, sobrado de Aratanha e lojas.

No outro lado da rua, no segundo quarteirão, encontra-se o próximo concorrente de Mamede. Refiro-me à botica do citado Ferreira. A farmácia encontra-se em quarteirão privilegiado, em frente à praça, vizinho a lojas de bastante movimento, como a do coronel Francisco Fidelis Barroso, e residências de ilustres cearenses.

Em direção à praia, está, no fim da rua, a botica de Antônio Elói da Costa. Para uma cidade de aproximadamente 12.000 habitantes,<sup>63</sup> três boticas são um número alto, não só para a venda de medicamentos - drogas simples, águas destiladas, pastas, óleos, pílulas, pastilhas, pomadas, pós, tinturas, xaropes, vinhos medicinais, xaropes<sup>64</sup> - mas para preparados como venenos, pólvoras, etc. Lembramos a morte de major Facundo, com o assassino acusado de comprar clavinotes na loja do Ferreira. Justifica-se, assim 3 boticas, pela comercialização de outros artigos.

Voltando à Praça Pedro II, tem-se outra rua, a Rua da Boa Vista, atualmente Rua Floriano Peixoto. Nela, enfatizamos as ações dos médicos e

---

<sup>63</sup> *Quadro numérico da população livre do termo da cidade da Fortaleza.* Jornal O Cearense, 20.03.1848. Ano III. No. 135 p04

<sup>64</sup> Segundo o médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz estes eram alguns dos medicamentos indispensáveis a qualquer botica. Ver: CHERNOVIZ, Formulário e guia medico. Décima quinta edição. Livraria de A. Roger e F. Chernoviz. Paris, 1892. p 48.

cirurgiões da saúde pública. Passando pela Câmara Municipal, com a Cadeia Nova, ao fundo, tem-se a vista de casas de tijolos e sobrados de ilustres cearenses, até o Sobrado de José Lourenço, no terceiro quarteirão.

A atuação médica, na cidade de Fortaleza, inicia com o cargo criado por decreto em 1837. O médico engajado tem como obrigação:

curar gratis a pobreza e os presos pobres, e juntamente a dar impulso à vaccina, de acordo com o cirurgião a quem se commeter este trabalho.<sup>65</sup>

Tal atividade é realizada na clínica da pobreza ou na visita do médico às residências e edifícios públicos onde estão os doentes. Um segundo espaço é a clínica civil, bem conhecida como clínica particular, onde o médico presta socorros não somente aos pobres, mas aos que podem pagar pelos serviços. É o caso dos pacientes do médico José Lourenço: a mulher do músico Bittencuor, o guarda Elias Vieira e Agostinho Pereira da Cunha<sup>66</sup> que consultam o médico para aplicar-lhes a terapêutica contra as febres.

Um quarteirão adiante, a casa do cirurgião Joaquim da Silva Santiago. Recém chegado à capital da província, em 1826, é contratado pela Câmara Municipal como Cirurgião-mor da Província para propagar a vacina contra bexigas. O cirurgião afirma que começou:

a prestar esse relativo serviço à humanidade sem ter por isso gratificação alguma até o anno de 1830, em que o governo mandou dar-me a gratificação annual de duzentos mil reis pela thesouraria da província.<sup>67</sup>

Por que o Cirurgião exerce funções por quatro anos sem remuneração? O que leva a Câmara a remunerá-lo a partir de 1830? Sobre o primeiro questionamento, não é claro seu interesse. Em relação ao segundo, sabe-se que, com o fim da Fisicatura, a Câmara Municipal de cada província fica responsável pelos serviços de *saúde pública*, com as seguintes responsabilidades: fiscalização das embarcações, aplicação das quarentenas quando necessárias, inspeção dos armazéns de secos e molhados, elaboração

<sup>65</sup> Lei no. 106 de 5 de outubro de 1837. In: Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província do Ceará. Parte I. Ceará: Typografia Commercial, 1862, pp?.

<sup>66</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 2 de julho de 1841. Enviado por José Lourenço de Castro e Silva. Ao Presidente José Joaquim Coelho. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

<sup>67</sup> Ofício enviado pelo Cirurgião-mor da Província e do partido da Câmara ao Presidente da câmara Municipal da Cidade de Fortaleza em 3 de maio de 1834. Correspondências expedidas e recebidas pela câmara Municipal de Fortaleza. 1818-1845. Ala 20. Estante 429. Caixa 37. Fundo: Câmara Municipal. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

de medidas salubres para a cidade e, por fim, a propagação da vacina pelo do Cirurgião vacinador.<sup>68</sup>

Para outras tarefas, a Câmara Municipal contrata Joaquim da Silva Santiago, Cirurgião-mor da província que passa a receber desde então mencionada remuneração, para o que, também deve cumprir as seguintes obrigações: propagar a vacina contra varíola a todos que o procurem em sua residência e informar a Câmara, mediante relatórios, com lista contendo nome, sexo, idade e profissão dos vacinados.<sup>69</sup>

Joaquim Santiago informa, em ofícios, à Câmara Municipal ou ao Presidente da Província, que *tem curado, e continua a curar a pobreza*.<sup>70</sup> Deixa claro o objetivo de vacinar as pessoas pobres. Seguem-se então, os indícios que levam a crer que as atividades voltadas à *saúde pública* têm como objetivo inicial prover assistência aos enfermos pobres mesmo antes da criação do cargo de médico da pobreza.

Justifica a criação do cargo de *médico da pobreza*, segundo o presidente da província:

a cidade habitada por grande número de indigentes, a legislatura decretou o engajamento d'um Doutor em medicina para curar a pobreza.<sup>71</sup>

A duas quadras seguintes, encontra-se o sobrado do cirurgião Machado, que chamo a atenção, pois de certa forma a edificação significa status social. Destacando-se pela imponência, funcionava como uma clínica particular.

<sup>68</sup> A partir de 1830, a Câmara Municipal das províncias assume as responsabilidades antes pertencentes a Fisicatura. Os seguintes trabalhos apontam esta transição:

PIMENTA, Tânia Salgado. *Artes de curar*: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX. Campinas, São Paulo, 1997; BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura*: a experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850 – 1880). São Paulo, 2002. 240p. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>69</sup> Ofício enviado pelo Cirurgião-mor da Província e do partido da Câmara Joaquim da Silva Santiago ao Presidente da câmara Municipal da Cidade de Fortaleza em 3 de maio de 1834. Correspondências expedidas e recebidas pela câmara Municipal de Fortaleza. 1818-1845. Ala 20. Estante 429. Caixa 37. Fundo: Câmara Municipal. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>70</sup> Ofício enviado pelo Cirurgião-mor da Província e do partido da Câmara Joaquim da Silva Santiago ao Presidente da Província Martiniano de Alencar em 8 de outubro de 1834. Correspondências expedidas e recebidas pela Câmara Municipal de Fortaleza. 1818-1845. Ala 20. Estante 429. Caixa 37. Fundo: Câmara Municipal. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>71</sup> Falla com que o Exmo. Presidente da Província do Ceará José Martiniano de Alencar na ocasião da abertura da assemblea legislativa provincial no 1º. de agosto de 1838. Fortaleza, Typografia Brasileira, 1878. p07.

Pela Praça da Carolina, atual Praça dos Correios, tem-se a Rua do Quartel. Não demoramos à avistar, na segunda quadra, a residência do médico militar Silvério José da Cruz. Diante das transformações da década de 30, a Câmara Municipal, ante a preocupação em fiscalizar as embarcações, cria a Junta da Saúde do Porto e nomeia o cirurgião Silvério José da Cruz cirurgião dos Portos.<sup>72</sup>

Da rua do quartel, tem-se o Largo, onde fica é a 10ª. Região Militar, área de funcionamento do mais antigo hospital de Fortaleza, o hospital Militar. Não se sabe ao certo o início de funcionamento, mas a construção é do fim do século XVIII, com o objetivo de atender aos militares, aos estrangeiros provenientes de embarcações e, na seca, presta socorros à população. As primeiras comissões médicas, ao chegarem à capital, dão atendimentos nesse estabelecimento.

Outro local de serviço à pobreza enferma é a clínica da pobreza, conhecida como Lazareto da Jacarecanga, cujos administradores são o médico José Lourenço e o Cirurgião Joaquim da Silva Santiago, situada nas proximidades do campo da Amélia, atual Praça Castro Carreira. Edifício simples e mal estruturado, pois reclama o médico que há *falta de meios e sobre tudo de um estabelecimento, onde se siga arisca as observações.*<sup>73</sup>

O médico José Lourenço atende os pobres enfermos, na vacinação, com o cirurgião Joaquim da Silva Soares, em funções criadas por decreto de engajamento:

O engajado residirá nesta cidade, e terá por obrigações o seguinte:  
 1º. Receitar e curar a todas as pessoas pobres, inclusive os presos, que também forem pobres, receitando-os por um formulário (ou fora d'elle, quando julgar conveniente) que deverá apresentar a Câmara Municipal desta Cidade para esta contactar um boticário, que por menos o fizer.  
 2º. Visitar os doentes se for necessário, todos os dias, sendo além disto encarregados de vaccina, com exclusão de outro qualquer facultativo.  
 3º. Comunicar no fim de cada mez, ao presidente da província, e publicar pela imprensa, sendo possível, o número das pessoas que experimentão o seu curativo e o bom ou mal estado d'elle.<sup>74</sup>

<sup>72</sup> Comunicado da Câmara Municipal de Fortaleza a respeito da criação e nomeação dos membros da Junta da Saúde do Porto. 5 de dezembro de 1833. Correspondências expedidas e recebidas pela Câmara Municipal de Fortaleza. 1818-1845. Ala 20. Estante 429. Caixa 37. Fundo: Câmara Municipal. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>73</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício outubro de 1845. Enviado por Liberato de Castro Carreira. Ao Presidente José Ignácio Correia e Vasconcellos informa os dados estatísticos dos doentes pobres. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

Fica evidente a preocupação com os pobres enfermos. Acredita-se que a pobreza é um facilitador da propagação das doenças, diante disto o médico era encarregado de: a) vaciná-los; b) isolá-los; c) em caso de enfermidades, curá-los; d) acompanhar o tratamento e; e) informar as autoridades administrativas.

Contudo a assistência não se restringe apenas ao diagnóstico da enfermidade, mas à obtenção de cura por via farmacêutica. Para isso conta a cidade com três boticas, na Rua da Palma, atual Major Facundo; a primeira, do senhor Mamede, a segunda, mais conhecida, do senhor Ferreira e, a do senhor Antônio Elói da Costa.<sup>75</sup>

No mesmo decreto, artigo 5º, a obtenção de remédios pela pobreza é lembrado:

As pessoas pobres que se quiserem a proveitar do beneficio da presente lei, sendo do interior da província, trarão attestados das autoridades, ou de pessoas de reconhecida probidade do lugar, que justifiquem a sua pobreza, e a vista da taes documentos o médico escreverá na receita a palavra – *caridade* [ grifo meu] – e o boticário aviará logo.<sup>76</sup>

As políticas assistencialistas datam de longo tempo, principalmente na saúde pública, fato constatado com a criação das Santas Casas de Misericórdia, inicialmente em Lisboa, disseminadas nas colônias Portuguesas, com o objetivo de abrigar os órfãos e os expostos, acolher os enfermos e sepultar os mortos.<sup>77</sup>

A Santa Casa de Fortaleza é oficialmente inaugurada em 1861, mas o início da construção e funcionamento datam de 1846, como enfermaria para o *abrigo da pobreza indigente*.<sup>78</sup>

Para o médico Castro Carreira, a atitude do Presidente Ignácio Correia, ao Inaugurar a enfermaria, tem intenções filantrópicas que *cumpre*

<sup>74</sup> Lei no. 133 de 31 de agosto de 1838. In: Coleção de leis, decretos e regulamentos da Província do Ceará. Parte I. Ceará: Typografia Commercial, 1862, pp 167-8.

<sup>75</sup> Sobre a localização das boticas, utilizei o seguinte artigo: BRIGIDO, João. Fortaleza de 1845. Almanaque do Ceará. Para o ano de 1845, se voltar Organizado da memória, e sob documentos por OUTRO ARAMAC. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart. Tomo LXXII; ano 1958, pp 234-235.

<sup>76</sup> BRIGIDO, João. Op. Cit., p234.

<sup>77</sup> VASCONCELOS. Argus. *Santa Casa de Fortaleza*. 1861-1962. Fortaleza, 1994. p 38.

<sup>78</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 27 de abril de 1846. Enviado por Liberato de Castro Carreira. Ao Presidente Ignácio Correa Vasconcellos Regulamento para criação da enfermaria. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

*lhes [pobreza] tem aberto as mãos benévolas, e mui positivamente mostrado a benignidade de coração.*<sup>79</sup>

As práticas de *saúde pública*, nesse período, diferenciam do conceito empregado no Brasil República. De acordo com o presidente João Antônio, a atividade de um hospital consiste em *acolher os enfermos pobres, e crianças expostas; e sirva a outros objectos Filantropicos desta constituição*. Em nenhum momento, nas falas dos médicos e dos Presidentes, os assuntos referentes à *saúde pública* não são concebidos como dever do Estado.<sup>80</sup>

Mas a concepção assistencialista e de caridade ultrapassa o âmbito médico, é perceptível, nas leis, decretos, ofícios, a preocupação com os pobres. A lei de Orçamento Municipal de 1848, que delibera a quantia de 300 mil reis para os meninos pobres da cidade de Fortaleza, com investimento na compra de vestimentas dos alunos pobres e pagamento das diárias dos expostos.

Ainda é mencionada, nas correspondências médicas, a necessidade de edificar casas para retirantes e provisão de trabalho nas Obras públicas, durante a seca de 1845. Que intenção têm as autoridades administrativas nas obras assistencialistas? Meio de evitar roubos fornecendo trabalho aos ociosos? Contenção do alastramento de doenças, com isolamento dos enfermos nos lazaretos? Ou mesmo, um meio de manter a cidade aformoseada retirando, assim, os indigentes das ruas para mantê-las limpas?

Os médicos Castro Carreira e José Lourenço afirmam que a pouca ou até mesmo a falta de higiene dos pobres, hábitos alimentares e sua forma de viver põem a cidade em risco constante de doenças. Até o momento, é claro o entendimento das diretrizes de *saúde pública*, mas o que é entendido por doenças vai facilitar a compreensão das medidas tomadas pelos médicos em épocas de epidemia.

---

<sup>79</sup> Correspondências recebidas pelo Presidente da Província pelas autoridades médicas. Caixa não catalogada. Ofício datado 27 de abril de 1846. Enviado por Liberato de Castro Carreira. Ao Presidente Ignácio Correa Vasconcellos Ofício de agradecimento a obra da enfermaria. Arquivo público do estado do Ceará - APEC.

<sup>80</sup> Relatório que apresentou o exmo. Senhor doutor Francisco de Souza Martins, presidente desta Província na abertura da Assembleia legislativa provincial no dia 1º, de agosto de 1840. Fortaleza, Typografia Brasileira, 1878. p05.



## Capítulo 2 – Teorias e práticas médicas.



## 2.1 As febres e os miasmas.

A análise dos conceitos pertinentes no discurso e na prática médica é fundamental para a pesquisa, entre eles, de saúde, doença, salubridade, miasmas, higiene, e outros.

Decerto, são conceitos do cotidiano, inseridos na temporalidade analisada, de significação peculiar, percebida à consulta de livros e guias de medicina produzidos no século XIX<sup>81</sup>. De acordo com o Dr. Chernoviz, saúde é *um estado em que todas as funções se executam livre e facilmente; é o estado normal*<sup>82</sup>.

Compreendemos que a consulta ao verbete não é suficiente para o entendimento dos conceitos. Faz-se necessário localizar as teorias médicas que os concebem. Entender que as formulações não são isoladas e que fazem parte de um conjunto de idéias e ações articuladas.

Traçar esse caminho é percorrer teorias que perpassaram séculos: - teorias hipocrática, galênica e neo-hipocrática - que compõem o pensamento médico da primeira metade do século XIX.

São concepções em constante construção, marcadas por experimentações, fusões e descobertas teóricas, principalmente, permeadas por conflitos e divergências entre os esculápios e estes com os demais praticantes das artes de curar.

Em permanências e particularidades teóricas, têm-se ferramentas para análise de discursos e os exercícios, acerca da causa e tipologia das enfermidades, diagnosticadas e tratadas pelos médicos cearenses que, diante das *doenças* – desequilíbrio das funções e conseqüentemente a destruição dos órgãos<sup>83</sup> –, intervêm para o restabelecimento do funcionamento do corpo através dos preceitos de higiene.

<sup>81</sup> Refiro-me especificamente as obras do médico Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1881): CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das ciencias*. 6ª. edição, Pariz:Chernoviz,1890. 2v.

\_\_\_\_\_. *Formulário e guia medico*: contendo a descripção dos medicamentos, as doses, as moléstias em que são empregados, as plantas medicinaes indiginas do Brazil, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico e muitas informações úteis. 15ª. edição, Pariz: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz,1892.

<sup>82</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das ciencias*. Op. Cit., Verbetes Saúde p 964-965.

<sup>83</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das ciencias*.Op. Cit., verbete moléstia, doença ou affecção p 436-438

Sendo a *saúde* o equilíbrio das funções e as moléstias *toda alteração de uma ou de muitas partes do corpo*<sup>84</sup>, o desejo do homem é a harmonia e o bom desempenho das ações dos órgãos. Para esculápios oitocentistas, harmonia é própria do indivíduo, devido à força medicatriz da natureza:

é como o antídoto ao lado do veneno, tende sem cessar a restabelecer a tranqüilidade e o equilíbrio na organização. Às vezes suficiente para produzir a cura por si mesma, carece outras vezes de ser coadjuvada pelos socorros da arte.<sup>85</sup>

Assim atuam os médicos, cirurgiões e farmacêuticos, segundo visão propriamente dita das instituições. Os socorristas da arte de curar são responsáveis pelo restabelecimento do equilíbrio, quando essa *força medicatriz* fosse demasiadamente fraca.

A concepção de saúde (harmonia e desequilíbrio) do médico Chernoviz tem interligação com as *teorias dos humores*, na Grécia antiga, e a *galênica*, aplicada posteriormente por Galeno.<sup>86</sup> Para a escola médica grega, de Hipócrates, o corpo está *são* pelo *equilíbrio* de seus elementos básicos: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra.

Para Hipócrates o corpo humano tem formação similar ao da natureza. Desta forma, estão relacionados os elementos essenciais: água, ar, terra e fogo, cada um com suas propriedades: o ar, quente e úmido; a água, fria e úmida, a terra, fria e seca; o fogo, quente e seco. Por fim, todos se relacionam diretamente com o clima e a temperatura, determinados pelas estações do ano.

A esses elementos descritos, são associados *os humores* e centros reguladores, em número de quatro: sangue, quente e úmido; a fleuma, fria e úmida; a bile amarela, quente e seca e, por fim, a bile negra, fria e seca, regidos, respectivamente, pelos centros reguladores: coração, cabeça, fígado e baço.

A saúde do indivíduo é determinada pelo *equilíbrio* dos humores ou do clima (calor, frio, secura ou umidade). E para o restabelecimento do equilíbrio,

<sup>84</sup> Id. Ibidem. p436-438.

<sup>85</sup> Id. Ibidem. p436-438.

<sup>86</sup> Sobre as teorias dos humores e galênica, consultar:

MOSSÉ, Claude. As lições de Hipócrates. In: *As doenças têm história*. Tradução: Laurinda Bom. Lisboa, Terrama, 1997 .p.38-55.

MICHEAU, Françoise. A idade de ouro da medicina árabe. In: *As doenças têm história*. Tradução: Laurinda Bom. Lisboa, Terrama, 1997 p. 57-77

ANDRADE DE LIMA, Tânia. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. In: Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos, II (3): 44-96, Nov. 1995 – Fev. 1996.

é necessário promover, no primeiro caso, a eliminação dos excessos humorais, é que, verificada a abundância de sangue, catarro, bile, matérias fecais, urina e suor, o equilíbrio pode ser feito pela intervenção médica, promovendo diarréias, vômitos, sudores, hemorragias, etc. Ou, no segundo caso, pelo princípio oposto ao clima. Para as enfermidades influenciadas pelo clima seco/quente, é necessária a aclimação em local úmido/frio, pela aplicação da teoria dos opostos.

À vista da teoria hipocrática, Galeno desenvolve a dos temperamentos, classificando-os: sanguíneo; colérico ou bilioso; fleumático ou pituoso; melancólico ou atrabiliário e misto. Relaciona, dessa forma, o fator desencadeador das moléstias (excesso de humores) com as características psicológicas. Para a pesquisadora Tânia Andrade, a teoria é *mais psicológica que fisiológica*<sup>87</sup>, pois interfere diretamente na índole dos indivíduos. Em períodos quentes: tendência à inquietude e impaciência; e em tempos frios: à melancolia e ao desânimo.

Para especificar o temperamento da moléstia, o médico deve ser criterioso, uma vez que analisa hábitos alimentares, condições climáticas, modos de higiene, enfim, ações que contribuem para o diagnóstico e prognóstico da enfermidade.

Diante desses conhecimentos, pode-se analisar um dos mapas de Castro Carreira, em Comissão à cidade de Aracaty, em tempos de febres.

## QUADRO 1

*Mappa estatístico dos doentes Pobres tratados no mês de dezembro de 1846 pelo dr. Liberato de Castro Carreira médico da pobreza em comissão no Aracaty.*<sup>88</sup>

Nomes	Idades annos	Temperamento	Diagnostico	Tratamento	Resultado	Em qtos dias
Maria Joaquina	20	Sanguíneo	Fluctuosides	Anti-espamotico	Cura	4
Francisco Costa	12	Dito	Abcesso	Dilatação	Cura	0

<sup>87</sup> ANDRADE DE LIMA, Tânia. Op. Cit., p. 49.

<sup>88</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médio Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 15 de dezembro de 1846. Cidade do Aracaty. Em anexo: *Mappa estatístico dos doentes Pobres tratados no mês de novembro de 1846 pelo dr. Liberato de Castro Carreira médico da pobreza em comissão no Aracaty*. APEC.

Juliana Ma dos Reis	50	Dito	Zoster	Cauterisação	Cura	3
Manoel Lourenço	24	Dito	Febres	Emético	Cura	8
Berlamino Alves	20	Dito	Febres	Emético	Cura	0
Manoel Antônio	27	Indeterminado	Disurio	Antiplogístico	Cura	5
Francisco M Barreto	50	Fleumático	Gastro-hapatides	Dito	Morte	9
Ignácio J da Silva	40	Sanguíneo	Ulcera venera	Topicos	Continua	
Maria do Rosário	52	Dito	Carbúnculo	Evacuantes	Cura	6
Carolina Joaquina	28	Dito	Angina	Antiplogistico	Cura	2
Luisa Ma. de Jesus	25	Fleumatico	Phtýsica	Pertarais	...	...
Manoel Correa Vidal	38	Sanguíneo	Gastrites	Antiplogistico	Continua	
José ...	7	Indeterminado	Diarreia	Evacuante	...	*...
Maria da Penha	22	Nervoso	Apoplexia	Antinervinos	...	*...
Maria de Jesus	26	Sanguíneo	Actorrêa	Antiplogistico	Continua	
Maria Angélica	13	Dito	Febres	Emético	Cura	10
Antônio Francisco de Oliveira	10	Dito	Febres	Emético	Cura	5
Francisco Pereira	50	Dito	Reumatismo	Antiplogistico	...	**...
João Paulo Monteiro	14	Dito	Febres	Emético	Cura	2
Lourenço Mora	50	Fleumatico	Anarsaca	Evacuantes	Morte	26
Custodio Reis de Oliveira	18	Sanguíneo	Febres	Emético	Cura	5
Antonio	10	Dito	Febres	Emético	Cura	4
Maria	4	Indeterminado	Ulcera	Tópico	Continua	
Theresa	6	Dito	Gastrites	Antiplogistico	Continua	
Ignácio Fernades Martins	50	Sanguíneo	Embaraço Gástrico	Evacuantes	Continua	
Francisco da Cunha	15	Dito	Carbúnculo	Tópicos	Continua	

**FONTE.** Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médico Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 15 de dezembro de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC

*\*Não procurou mais tratamento*

*\*\* Esse doente morreo quase e repente, e qdo soubemos de sua morte já não podíamos fazer autopsia, porque estamos persuadidos não ter morrido de moléstia q classificamos.*

Em face das febres que assolam a cidade de Aracati, em 1846, o presidente Ignácio Correa de Vasconcellos solicita que o médico da pobreza Castro Carreira vá à cidade socorrer os enfermos. Para isso, o médico indica o cirurgião Francisco José de Mattos para obrigações na clinica da pobreza. Alega Castro Carreira que não existe facultativo para substituí-lo nos termos do regimento que cria o cargo de médico da pobreza, e, para a pobreza da capital não ficar abandonada, indica o cirurgião.<sup>89</sup>

Castro Carreira chega à cidade em maio, onde permanece até não restar mais indícios de febres, isto é, meados de dezembro.<sup>90</sup> Em sua clinica, acompanha os doentes pelos relatórios. Identifica-os pelo nome e idade, atribui, ao temperamento, o diagnóstico da moléstia, a terapêutica adequada, o resultado e o período do tratamento.

Castro Carreira trata sete acometidos pelas febres - Manoel Lourenço, Berlamino Alves, Antônio Francisco de Oliveira, Maria Angélica, João Paulo Monteiro, Custodio Reis de Oliveira e Antônio – todos de temperamento sanguíneo, tratados pelo método *Emético*.

De acordo com o Formulário Médico do Dr. Chernoviz, os medicamentos eméticos são os que *determinam vômitos; e que para este fim são administrados*<sup>91</sup>, também classificados na categoria vomitório, que têm como função não apenas o esvaziamento do estômago, mas:

um agente perturbativo e revulsivo, cuja acção prompta e energica desvia as moléstias de certos órgãos. Pela sua influencia anima-se a circulação capilar, augmentam os suores, as ourinas e as mucosidades intestinais<sup>92</sup>.

Os medicamentos eméticos têm várias funções: *vomitório, purgativo, sudorífico, ferbrifugo*. Chernoviz chama atenção sobre a árdua tarefa de classificá-los e colocá-los numa só classe, pois *há medicamentos que tem*

<sup>89</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médico Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza ao Exmo.sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 30 de abril de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>90</sup> Trajetória acompanhada pela documentação enviada pelo médico da pobreza, Liberato de Castro Carreira ao Presidente da Província Ignácio Correa de Vasconcellos. Ofícios datados de 30 de abril de 1846 a 15 de dezembro de 1846. Contabilizados onze ofícios e três mapas sobre o tratamento (os mapas são em número maior, mas impossível à transcrição dos demais devido a mutilação). Verificar mapas em anexo.

<sup>91</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia medico*. Op. Cit., Verbete: eméticos p. 729.

<sup>92</sup> Id. Ibidem.,p. 729.

*propriedades multiplices, conforme as suas doses, as moléstias em que se empregam e o modo de vida ou a constituição dos doentes*<sup>93</sup>.

Assim é comum encontrar medicamento de auxilio no tratamento de várias enfermidades, como os eméticos: o tártaro stibiano e a Ipecacuanha, aconselhados nos:

**embaraços gástricos** (grifo meu), esquinencias, erysipelas, **constipação** (grifo meu), febres catarraes, bronchites, peneumonias, certos envenenamentos, garrotinho, coqueluche, diarreas, dysenterias, enxaqueca, sciatica, rheumatismo, gota, etc.<sup>94</sup>

Conforme o mapa, Castro Carreira partilha da prática de tratamento com eméticos. Mas, inicialmente, não especifica a tipologia das febres, segundo o médico, pela insuficiência de tempo para observá-las. Ao chegar à cidade de Aracati, informa ao Presidente da Província que:

as febres continuo, porem eu não posso dar a VEx.a noticias circunstanciadas do seo estado e caracter pelo limitado tempo de minha chegada, o que farei logo que entrar no exercício activo de minhas funções<sup>95</sup>.

De certo, o diagnóstico de febres é um processo lento, por ser realizado através de observações, não apenas dos sintomas manifestados, mas dos hábitos alimentares e do cotidiano do enfermo.

Cabe ao médico classificar inicialmente o estado das febres em: *febres symptomaticas* ou *febres essências*, a primeira por inflamações e a segunda sem manifestações evidentes.

O segundo critério de classificação refere-se ao caráter: *contínuo*. São as que se manifestam continuamente sem cessar, como as febres typhoide, as febres amarella, as febres puerperal, as febres cerebral, as febres que dependem das bexigas, sarampos, escarlatinas, etc.; ou *intermittente*, que cessam e voltam a aparecer.<sup>96</sup>

O médico não tarda em informar, com detalhes, a tipologia, o caráter e as causas das febres da cidade de Aracati concluindo que:

<sup>93</sup> Id. Ibidem., p.729.

<sup>94</sup> Id. Ibidem., p.729.

<sup>95</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médio Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 5 de Maio de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>96</sup> Sobre a classificação e tipologia das febres utilizo: CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia medico*. Op. Cit., Verbete: Febres p972-977.

as febres aqui existentes de **febres gástrico-biliosas** (grifo meu) isto é a mesma que graça nesta capital, e que tendo por um pouco cessado, agora reaparecerão com intensidade, em consequência de umas chuvas que derão, a pobreza é atacada em grande escala, porem aquellas que sujeitão ao tratamento adequado tem sempre obtido vantagens(...) <sup>97</sup>

Castro Carreira, na primeira semana de clinica médica, verifica que os pacientes afetados pelas febres sentem *um cansaço geral, um **embaraço gástrico** (grifo meu), dor de cabeça, vômitos, língua esbranquiçada, sede e febre*. Pelos sintomas, classifica-as em febres gástrico-biliosas, e receita como terapia, a *Ipecacuanha e o emético*. <sup>98</sup>

Há a preocupação do médico em tranquilizar a administração pública, pois, primeiramente, informa o caráter intermitente das febres que cessam e reaparecem em determinado tempo, devido às chuvas, eliminando, assim, a possibilidade de febres epidêmicas, como a febre amarela; e, segundo, ressalta que, diante do tratamento adequado que consiste no uso de remédios e boa alimentação, os enfermos obtêm recuperação.

Este é o caminho do médico: observar e diagnosticar as enfermidades e, por fim, aplicar o tratamento necessário. A primeira parte parece ser fácil, pois depende de conhecimentos para o trabalho de observação dos sintomas e uma análise do clima. Afirma categoricamente que:

Felizmente não traz [as febres] aquelle caráter assustador, que ao principio teve; quase sempre **as constipações** (grifo meu) tem sido a causa primordial d'ellas, influenciado talvez por algumas chuvas, que tem dado chamadas de caju, e a sua terminação é sempre pelas febres intermitentes, o q tenho conseguido fazer logo a principio, para a cura ser mais prompta. <sup>99</sup>

As febres provocadas pelas chuvas do caju ocasionam mudanças bruscas na temperatura passando do calor para o frio, do seco ao úmido, inevitavelmente trazendo febre.

<sup>97</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médico Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 12 de Maio de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>98</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias*. Op. Cit., Verbete Saúde p 964-965.

<sup>99</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médico Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 3 de outubro de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

O tratamento dos enfermos requer negociação com a administração pública. Para o médico, a cura é o restabelecimento dos humores. O equilíbrio é obtido através do método emético, como vomitórios, através da *Ipecacuanha*<sup>100</sup>, pequeno arbusto que *em altas toses que tem ação vomitiva ou o tártaro emético*<sup>101</sup> que, na dose de 5 a 10 centigrammas, dissolvido em uma a três chicanas d'água, irrita a superfície gástrica e produz vômitos.

A clareza do diagnóstico e receita de remédios é barrada pela dificuldade na obtenção, pois afirma o médico que: *sendo os remédios por sua natureza caros, não pode o Paharmaceutico encarregado do seo fornecimento continuar a fase-lo com prejuiso*<sup>102</sup>. São vários os pedidos de abonos para o boticário e o farmacêutico, para fornecimento dos remédios necessários.

Castro Carreira clama por uma enfermaria, para acompanhar integralmente os doentes, mas, entre as medidas solicitadas – remédios, enfermaria – prefere socorrer a pobreza.

Em fala anterior, o médico afirma que os mais atacados pelas enfermidades são os pobres e que, além do escasso fornecimento dos remédios, da ausência de local para recolhimento dos enfermos, a fome faz retardar-lhes o restabelecimento. São os pedidos de ajuda. Em correspondência, o médico chega a solicitar que:

abstraindo a idéia de um estabelecimento de misericórdia pois que podemos a continuar a fazer os curativos pelas casas, como até agora temos feito, torna-se por tanto necessário que VExa. mande alguma farinha para a esmola da Pobreza, pois que estas ruas se achao apanhadas, e os habitantes já cansados não lhe podem dar o sustento<sup>103</sup>.

O médico conclui que, diante da situação de miséria, é conveniente ao Presidente da Província reverter o pedido da construção da enfermaria para compra de alimentos.

Apesar da precariedade de socorros, o médico fica satisfeito com a utilização dos remédios nos tratamentos. De acordo com o relatório, dos 26 doentes socorridos em novembro, 13 conseguem restabelecimento, entre os

<sup>100</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia medico*. Op. Cit., Verbete Ipecacuanha p 484

<sup>101</sup> Id. Ibidem., Verbete tártaro emético p231.

<sup>102</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médico Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 4 de junho de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>103</sup> Id. Ibidem..



quais, 7 acometidos pelas febres, segundo o médico, curados pelo método dos eméticos. Outros 7 permanecem em tratamento, 3 morrem, um não pela moléstia tratada. Três abandonam o tratamento por questões não explicitadas.

Com os resultados, o médico, exultante no exercício, informa, ao Presidente, que *ella(febre) tem abrandado, e tenho o praser de comunicar a VExa. que ainda não perdi um só doente d'ella, d'uma grande vantagem para a sciencia, e não menos gloria para o Médico*<sup>104</sup>. Reafirma, a importância do saber e prática médica na cura das moléstias. Atrela o sucesso da cura ao método emético, cujo princípio existe há séculos.

Até aqui, é clara a permanência de algumas teorias na prática do médico. Teorias e práticas perpassam gerações. Não pretendo seguir cronologicamente as doutrinas, surgimento e pontos de transições, pois creio ser impraticável. Compartilho com Pedro Nava:

as grandes idéias médicas não pertencem a este ou aquele século, não são sucessivas e sim coexistentes. Tanto existe um naturismo hipocratico, como um naturismo gallênico; um naturismo arabatista, como um naturismo contemporâneo.<sup>105</sup>

É o que vai continuar pela análise do mapa. Outras práticas são bastante utilizadas na medicina hipocrática e galênica, por exemplo, os *Evacuantes*, ou purgantes, empregada geralmente no tratamento da anarsaca<sup>106</sup>, diarréia e embaraço gástrico.

Por fim, permanente no mapa, o método *Antplogístico*, com finalidade de combater inflamações: disurio, angina, gastrites, actorrêa e reumatismo, como tratamento à base de “sangrias, bichas, bebidas aquosas, mucilaginosas”.

Compreendemos que nem tudo é permanência, há o processo de construção de novas experiências e a modificação dos discursos de cura, pela aplicação dos seguintes métodos: primeiramente, os *Anti-espamoticos*

<sup>104</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofício enviado pelo médio Liberato de Castro Carreira, médico da pobreza em comissão no Aracaty ao Exmo. Sr. Ignácio Correa de Vasconcellos. Presidente da Província. Em 11 de julho de 1846. Cidade do Aracaty. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>105</sup> NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003. p. 10

<sup>106</sup> De acordo com *Formulário e guia medico*, do dr. Chernoviz: verbete *Anasarca: Intumescencia geral ou muito extensa do corpo e dos membros, produzida pela accumulção de serosidade no tecido cellular subcutâneo. – A anasarca não difere do endema senão pela sua extensão; este é sempre parcial, aquella geral. As moléstias orgânicas do coração, a albuminuria, a anemia no seu mais alto grão, as moléstias do fígado, a intoxicação palustre, as febres intermitentes que duraram muito tempo, etc, são as causas ordinárias da anasarca.* p. 855

(espasmos), com a finalidade de diminuir os movimentos convulsivos dos músculos pela manipulação de *ether sulfurio, nítrico, almíscar, Âmbar* etc; e, segundo, a Cauterização, com substância que provoca irritação na pele, para formação de crosta de proteção, no em combate de doenças da pele e úlcera. Consiste na utilização do azoato de pedra, conhecida como pedra infernal, devido à forte ação cauterizante; pedra lipes, pedrahume calcinada e o ácido sulfúrico, diluídos em água, são todos *cathereticos*.

A intervenção no corpo é pela manipulação dos elementos para ocasionar o equilíbrio dos humores, e pela ação tópica no combate das moléstias.

Ressalto a dificuldade em identificar e definir as doenças. Estudos do período descobrem as propriedades do ar, entre elas, a de curar ou adoecer o indivíduo, associado ao clima, ou ar e elementos interligados na composição.

O ar limpo, livre e refrescante do campo tem propriedade de restabelecer a saúde do indivíduo, enquanto a inalação do ar deletério corrompe o organismo e leva à morte. Desta forma, o ar das cidades passa a ser propício para o desenvolvimento de moléstias, pois é associado a:

um caldo pavoroso no qual se misturam as fumaças, os enxofres, os vapores aquosos, voláteis, oleosos e salinos que exalam da terra, e, se for o caso, as matérias fulminantes que ela vomita, a morrinha que sai dos pantanais, os insetos minúsculos e seus ovos, animáculos espermáticos, e, muito pior ainda, os miasmas contagiosos que se elevam dos corpos em decomposição<sup>107</sup>.

Entre os elementos da cidade, ênfase aos miasmas<sup>108</sup>, tidos como os piores na escala dos males citadinos, pois tais emanações infectam o ar e desencadeiam moléstias. Os enxofres e os vapores provocam asfixias, os sais ácidos metálicos coagulam o sangue: conclusões principiadas por Hipócrates e seus discípulos, da escola de Cós, sustentadas pela medicina neo-hipocrática.

Reconhece-se primeiro, que o ar interfere no equilíbrio do corpo e, segundo, a definição das novas preocupações em identificar e classificar os pontos de infecção, associados aos odores. É o que Cobin chama de vigilância

<sup>107</sup> CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução: Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 21

<sup>108</sup> Chernoviz define e classifica miasmas como: *Emanações que, se bem que inapreciáveis as mais das vezes pelos processos químicos ou físicos, espalham-se no ar, adherem a certos corpos com maior ou menor tenacidade, e tem sobre a economia animal uma influencia mais ou menos perniciosa*. In: *Formulário e guia medico*. 15ª. edição, Pariz: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz, 1892. p. 1072.

olfativa que *tem por múltiplos objetivos detectar os gases e principalmente os “ares” irrespiráveis, discernir e descrever os vírus, os miasmas, os venenos até então inapreendidos.*<sup>109</sup>

Mas a vigilância não é simples, pois só o olfato identifica os miasmas, por não ser possível vê-los ou toca-los. Sobre composição, são emanções nocivas e de difícil definição, sabe-se que são de origem vegetal ou animal que corrompem o ar e, uma vez inalados, atacam o corpo humano. De acordo com Chernoviz:

Os miasmas fazem parte d'esse systema geral de emanções, que tem tão grande parte na natureza. Cada ente os recebe e os transmite reciprocamente. N'esta troca contínua de elementos, operam-se as misturas, as separações, as combinações mais variadas. Em certos casos nascem miasmas, espécies de venenos voláteis, invisíveis, impalpáveis. Cujas fontes são felizmente conhecidas, e que podemos evitar ou destruir.<sup>110</sup>

Para os esculápios, os miasmas estão em toda parte, em doses nocivas ou não, variam de acordo com o clima e o grau de putrefação da matéria orgânica da biosfera. Os miasmas desenvolvem-se, em menor quantidade, em clima frio e seco. Pois, no clima quente e úmido, as partículas atmosféricas se propagam com maior facilidade. Lembramos a passagem do médico Castro Carreira, ao afirmar que as febres que assolam a cidade de Aracati concentram-se principalmente nos períodos quentes e úmidos, como o da *chuva do caju*. Resta aos médicos a tarefa de curar os enfermos, haja vista a impossibilidade de intervenção nos fenômenos naturais.

O segundo fator determinante, o grau de putrefação dos elementos de origem vegetal e animal, é evitá-lo ou destruí-lo. Eliminar as fontes de infecção miasmática, nos pântanos, nos porões de navios, em canais de água parada, nas minas, nas fábricas, nas latrinas, nas desagudeiras, nos canos, nas cloacas, nos matadouros, nos cemitérios, nos odores do homem vivo ou morto, nos hospitais e nos quartéis, significa adotar medidas de higienização dos espaços e dos corpos.

Assim, desenham-se, nas cidades, as concepções de “salubre” e “insalubre”. Como afirma Foucault:

---

<sup>109</sup> CORBIN, Alain. Op. Cit., p. 24

<sup>110</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias*. Op. Cit., Verbete miasmas p. 421-426.

Salubridade é o estado das coisas, do meio e seus elementos construtivos, que permitem a melhor saúde possível. Salubridade é a base material e social capaz de assegurar a melhor saúde possível dos indivíduos. É correlativamente a ela que aparece a noção de higiene pública, técnica de controle e de modificação dos elementos materiais do meio que são suscetíveis de favorecer ou, ao contrário, prejudica a saúde. Salubridade e insalubridade são o estado das coisas e do meio enquanto afetam a saúde; a higiene pública (...) é o controle político-científico deste meio.<sup>111</sup>

O autor chama a atenção para a ação do estado das coisas. A cidade, em termos médicos, passa a ser classificada como salubre ou insalubre, sendo este o fator determinante da propagação das doenças.

A cidade insalubre é atrelada aos pontos miasmáticos que, inalados, contaminam o sangue, e manifestam-se através das moléstias. Dentre os males citadinos, no topo da pirâmide as emanações deletérias dos corpos. Propagam os discursos setecentistas:

os miasmas pútridos, emanados dos corpos doentes ou em estado de decomposição, forem inalados pelo organismo e vierem a corromper o equilíbrio das forças intestinais; se produzir uma interrupção da circulação do espírito balsâmico do sangue pela obstrução dos vasos, viscosidades dos humores ou ferimentos, isto significa o triunfo da gangrena, da varíola, do escorbuto, das febres pestilenciais ou pútridas.<sup>112</sup>

Identificada a tipologia da enfermidade, resta ao prático aplicar o medicamento aconselhável ao paciente, após análise do foco de infecção caracterizado geralmente pela fetidez e pela umidade.

Desta forma, a cidade é mapeada pelos pontos de infecções miasmáticas. Médicos, boticários, Presidentes de Província, vereadores da Câmara Municipal, comerciantes e outros começam a dialogar sobre a cidade, salubre ou insalubre, e sugerir mudanças, ações que interferem no cotidiano dos moradores.

---

<sup>111</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 16ª. edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.p. 93.

<sup>112</sup> CORBIN, Alain. Op. Cit., p. 21.

## 2.2 As febres e os odores.

Mostrar, Senhores, o que nesta parte precisa a Província bem poderia fazer em poucas palavras dizendo – precisa de tudo – pois que estradas, pontes, fontes, assudes, casas de câmaras, de jury, de instrução publica, de mercado, igrejas, cimiterios, cadeias, quarteis, calçamentos de ruas & ou não possui, ou as tem em tal estado que é o mesmo não ter.<sup>113</sup>

O Presidente da Província Correa de Vasconcellos resume as necessidades urbanas da província: *precisa de tudo*. A construção e manutenção dos equipamentos urbanos da cidade de Fortaleza é um caminho longo, permeado pela impossibilidade das verbas, por chuvas torrenciais, pelo abandono administrativo e pelo mau uso do espaço urbano, tornando-o insalubre. Destaque-se o último, em que se cruzam obra pública e saúde pública; interesses de médicos e autoridades administrativas no pensar a cidade, pela construção ou utilização dos espaços urbanos.

Na primeira metade do século XIX, a cidade de Fortaleza conta aproximadamente com 11.437 habitantes, 847 casas de palhas e 571 de telha, totalizando 1.418 residências. Sobre a ocupação da população, na maioria, são agricultores, seguidos por empregados no comércio e significativa massa de ociosos. Quadro de profissões: empregados públicos 89, oficiais militares 21, sacerdotes 8, negociantes 46, taverneiros 86, médicos 6, boticários 2, impressores 3, artistas de diversos gêneros 276.<sup>114</sup>

Tristão Araripe atribui a imprecisão dos números ao reduzido quadro de inspetores de quarteirão responsáveis pelo levantamento, e os poucos existentes entregam os *arrolamentos parciais cheios de lacunas*.

Tento identificar os médicos e boticários do quadro de profissões. Os farmacêuticos, entendo tratase-se dos senhores Antônio Rodrigues Ferreira, e Antônio Eloy da Costa. A identificação dos médicos, não podemos afirmá-la, pois muitos denominam médicos os formados pelas faculdades, bem como os

<sup>113</sup> Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Ceará pelo presidente da mesma província, o coronel graduado Ignacio Correia de Vasconcellos em o 1º. de julho de 1847. Ceará, Typ. Fidelissima de F.L. de Vasconcellos, 1847. Tópico: Obras públicas p. 17.

<sup>114</sup> Jornal O Cearense, ano III, no. 135, p 4. Fortaleza, 20/03/1848. *Quadro numérico da população livre do termo da cidade de Fortaleza*. Tristão Araripe.

nomeados pelas comissões cirurgião.<sup>115</sup> Diante da dificuldade, indicam-se os seguintes práticos da cura: Liberato de Castro Carreira e José Lourenço de Castro e Silva, enfatizados na pesquisa; Silvério José da Cruz, José Joaquim Machado, Marcos José Theophilo; João José Vieira; Francisco José de Mattos; Joaquim da Silva Santiago e João Pedro, todos, têm a titulação de cirurgião, alguns, no decorrer do tempo, obtêm o grau de doutor em medicina.<sup>116</sup>

Todas têm no quadro, atividade em Saúde Pública na cidade de Fortaleza, com os seguintes objetivos: diagnosticar e curar as moléstias, analisar a qualidade da água, discutir a salubridade da cidade, propor a criação de espaços urbanos (cemitério, hospital, mercado, matadouro), orientação em períodos de epidemias e por fim, higienizar a cidade e o indivíduo, é que, para o saber médico, os pontos de infecções miasmáticas podem ser atrelados aos elementos da natureza: terra, água e ar, e bem como provenientes de emanações sociais como do indivíduo negro, pobre e doente.

Uma das atividades médicas dá-se num domingo, de abril de 1846, quando o médico Liberato de Castro Carreira convida os senhores Francisco José de Matos, Silvério José da Cruz e José Joaquim Machado para visitá-lo.

À primeira vista, parece uma reunião dominical de amigos, não fosse o fato de os convocados serem cirurgiões, e os dias de abril não foram os mais tranqüilos, uma vez que a população da cidade de Fortaleza está assolada pelas febres, acompanhadas de dor de cabeça, vômitos, sede, embaraço gástrico. Para o médico Castro Carreira, está claro: trata-se das *febres gástrico-biliosas*.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> A pesquisa enfatiza a ação dos médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Reconhecemos a prática de cura por indivíduos desatrelados às instituições, os quais não são citados devido à escolha metodológica da pesquisa. A lista sugerida foi realizada através das informações localizadas:

Jornal O Cearense, ano III, no. 135, p 4. Fortaleza, 20/03/1848. Quadro numérico da população livre do termo da cidade de Fortaleza.

BRIGIDO, João. Fortaleza de 1845. Almanaque do Ceará. Para o ano de 1845. Organizado da memória, e sob documentos por OUTRO ARAMAC. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: typ. Studart. Tomo LXXII; ano 1958. pp 234-235.

Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Documentos enviados pelos médicos aos presidentes de província. Arquivo Público do estado do Ceará – APEC.

<sup>116</sup> Castro Carreira permanece no cargo de médico da pobreza nos anos de 1845 a 1854. Silvério José da Cruz exerce o cargo de Cirurgião-mor nos anos de 1840 a 1844. Após assume como médico militar. Joaquim da Silva Santiago cirurgião da Câmara nos anos de 1840 a 1844.

<sup>117</sup>Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades medicas ao Presidente da Província. *Algumas reflexões sobre as febres que ora graçaõ nesta cidade*. 21 de Abril de 1846. Arquivo Público do estado do Ceará – APEC.

Diante do diagnóstico, o médico Castro Carreira convoca a Comissão para analisar e aprovar sua reflexão sobre as febres,<sup>118</sup> para apontar as causas, elaborar medidas para melhor precisar a peste e, quiçá, extingui-la.

Para o saber médico da época, as febres gástrico-beliosas são causadas por fatores determinantes: a) *habitação em um clima quente e úmido*; b) *existência de pântanos*; c) *passagem rápida de uma estação para outra* e d) *a ingestão de substâncias irritantes*.<sup>119</sup> Pela conclusão, das causas da moléstia, é que podemos acompanhar as teorias médicas pensadas e praticadas pelos médicos na primeira metade do século XIX.

Para o médico Castro Carreira, não é de se admirar o aparecimento de febres já que a cidade oferece condições. De acordo com a análise médica, o vento da cidade está contaminado por *miasmas*, um dos grandes causadores de doenças.

Descrever os *miasmas* não é tarefa fácil para os médicos do século XIX, pois estão no plano invisível, podendo ser detectados pelo olfato. Rezam os guias médicos do período que os miasmas são oriundos de emanações das matérias em decomposição, percebidos pelo cheiro forte e odores pútridos. Os elementos provenientes da putrefação contaminam o ar que, respirado, proporciona o desequilíbrio dos humores; em outras palavras, ocasionam o aparecimento de diversas moléstias, como as *febres pútridas*, o *cholera-morbus*, a *varíola* e qualquer outro desequilíbrio.<sup>120</sup>

De acordo com o pensamento médico, o ar é responsável pela contaminação do sangue e também pela sua purificação, pois, introduzido nos pulmões, *modificaria o sangue de negro e venoso que era tornado-se vermelho e arterial: e repellido pelo coração, depois d'esta transformação, o liquido sanguineo derrama por todo o corpo o calor, o movimento e a vida*<sup>121</sup>. Com

<sup>118</sup> O capítulo terá como eixo o documento: Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades médicas ao Presidente da Província. *Algumas reflexões sobre as febres que ora gração nesta cidade. 21 de Abril de 1846*. Arquivo Público do estado do Ceará – APEC. Encontra-se transcrito nos anexos.

<sup>119</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades médicas ao Presidente da Província. *Algumas reflexões sobre as febres que ora gração nesta cidade. 21 de Abril de 1846*. Arquivo Público do estado do Ceará – APEC.

<sup>120</sup> Vale lembrar, que as concepções sobre saúde e doença, baseavam-se na *teoria humoral*. Sendo assim as enfermidades atribuídas ao desequilíbrio dos humores corpóreos, seja por fatores internos ou externos. Consultando o dicionário médico do século XIX, o verbete moléstia e doença as classifica como: *toda alteração de uma ou de muitas partes do corpo: ela se manifesta pelo desarranjo de suas funções*. CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias*. 6ª. edição, Pariz:Chernoviz,1890. 2v.

<sup>121</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luis Napoleão. Op Cit. p654

essas explicações, são compreensíveis as ligações entre *miasmas*, odores e desequilíbrio humoral.

Os odores são classificados e perseguidos pelos médicos.<sup>122</sup> Os focos de miasmas, detectados pelo cheiro pútrido, dando, assim, preocupação pela fiscalização dos espaços e indivíduos. É preciso tornar o ar da cidade salubre e os ambientes de convivência – praças, igrejas, hospitais, matadouros - higienizados. Vê-se o cuidado das autoridades em criar e pôr em vigor estratégias que visam à salubridade.

---

<sup>122</sup> A respeito das transformações da percepção olfativa consultar: CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. Tradução: Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



### 2.3 O clima e os lugares insalubres.

É lugar comum atribuir, à beneficência do clima, ausência de moléstias. Assim, Presidentes de Província abrem o tópico sobre *Saúde Pública*, nos Relatórios Presidenciais. No caso, Souza Martins afirma que, *como o Clima do Ceará he extremamente sadio, não havemos sofrido contagio, ou enfermidades endêmicas, que da ação estragos na população*<sup>123</sup>.

O presidente Silva Bitancourt chama a atenção para o privilégio da província do Ceará em relação às demais, pois:

A salubridade d'este solo não tem apresentado d'aquelleas epidemias mortífera, que asolão outos lugares; e com quanto tenho as febre intermitentes se desenvolvido n'esta passagem d'estação com mais vigor, não tem sido mortífera.<sup>124</sup>

O presidente tranqüiliza a população em relação às febres, informando serem intermitentes, ocasionadas pela alternância de estação. Identificados os indícios de febre, resta, às autoridades médicas, detectar as causas. De certo, o clima é indicado como fator inicial, pois a passagem de uma estação para outra, diretamente, influencia o aparecimento de febre, e, na coexistência com pontos de insalubridade urbana, no início, benigna pode se tornar em algo maligno.

Em situação semelhante, coube ao Presidente da Província José Joaquim Coelho consultar o médico da pobreza sobre o caráter das febres da cidade em 1841. José Lourenço responde prontamente enviando-lhe ofício, em 2 de julho do mesmo ano, no qual afirma tratar-se de pneumonias:

os ventos do sul, q tem agora sofrerão com uma impetuosidade espantosa, causando a sensação de um frio desagradável quando nos achamos abrasado de calor e cobertos de suor da estação calmosa, tem sem duvida causa a essas enfermidades, q sob diversos symptommas se tem manifestado pneumonia, pleurisas, hepatites e intermitentes perniciosas são em geral o Catarrão para cujo tratamento tendo por vezes sido chamados.<sup>125</sup>

<sup>123</sup> Relatório que apresentou o exm. senhor doutor Francisco de Sousa Martins, presidente desta província, na ocasião da abertura 'Assembléa Legislativa Provincial no dia 1º. de agosto de 1840. Ceará, Typ. Constitucional, 1840. Tópico: Saúde Pública.

<sup>124</sup> Relatório que á Assembléa Legislativa Provincial do Ceará, apresentou na sessão ordinária no dia 1.o de junho de 1843, o ex.mo presidente e commandante das armas da mesma província, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt. Ceará, Typ. de José Pio Machado, 1843. Tópico: Saúde Pública p. 10

<sup>125</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades medicas para o Presidente da Província. *Sobre as enfermidades que assolam a*

José Lourenço atribui, ao clima, a causa das enfermidades e, diante do Presidente, sustenta a afirmação, caso alguém queira provar ao contrário. O Presidente Joaquim Coelho reproduz o discurso do médico dois meses após, no relatório presidencial:

O saudável clima desta província não tem permitido o desenvolvimento das moléstias, que em outros lugares causão grandíssimo estragos na população: apenas no fim do Inverno certas pneumonias de caráter assas agudo, e violento fizerão numerosas vítimas, principalmente na classe pobre, que, pela carência de meios, menos se podia garantir contar os insultos da enfermidade.<sup>126</sup>

Utilizam-se os relatórios médicos pelos Presidentes da Província. Tópicos como Saúde Pública, Casas de Caridade, Hospital, Obras Públicas são assuntos ligados à saúde e doença.

Os relatórios provinciais, produzidos nos anos de 1838 a 1841, enfatizam a ligação de doenças com as condições climáticas. Mas, na fala do presidente Silva Bitancourt, em 1843, os médicos passam a divergir quanto às causas das doenças. Declara o presidente que *À diferentes causas efficientes se tem ellas [febres intermitentes] attribuido, não combinando os mesmo Professores de saúde*. Uns atribuem-nas aos pântanos; outros, ao açude do Pajeú; e outros à estação chuvosa. Não arriscando, o presidente atribui ao *conjuncto de todas essas causas*.

À análise da documentação médica, há divergência sobre as causas das enfermidades. José Lourenço, no cargo de médico da pobreza, atribui a causa das moléstias especificamente ao clima, associado às chuvas e ao calor.

Lembro que José Lourenço ocupa o cargo de médico da pobreza, nos anos de 1838 a 1839, demitido<sup>127</sup> na administração do presidente Miranda, nos anos de 1839 a 1840. Retoma o posto em 1841 a meados de 1843.

Mesmo na alternância de cargo, tem a restrita função de vacinar e cuidar dos enfermos do Lazareto da Jacareganga e no *corte das bexigas*. São raras as impressões do médico sobre a cidade, espaços urbanos e os focos de

---

*cidade de Fortaleza*. José Lourenço de castro e Silva. Médico da pobreza. 2 de Julho de 1841. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>126</sup> Discurso recitado pelo ex.mo senhor brigadeiro José Joaquim Coelho, presidente e commandante das armas da província do Ceará, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, no dia 10 de setembro de 1841. Pernambuco, Typ. de Santos & Companhia, 1842. Tópico: Saúde Pública. P15

<sup>127</sup> Sobre a demissão do médico José Lourenço de Castro e Silva consultar o capítulo 1.

miasmas. Atribui as enfermidades ao clima, como afirma em ofícios sobre os doentes do Lazareto da Jacarecanga : *q de cinco apenas morreu hum no dia 17 do Corrente, pq alem de serem más as bexigas, o frio q faz nesse dia e no anterior bastante concoreo p esta perda*<sup>128</sup>. Em outro ofício, distingue a febre da varíola, afirmando: *não he bexigas pestilentas: moléstia aquella [febres] mui freqüente quando aparece os calores que ora temos.*<sup>129</sup>

Entretanto não era apenas o clima fator atribuído ao surgimento de moléstias, assim afirma o Presidente Silva Bitancourt, ao alertar a associação das chuvas para os pontos de infecção miasmática:

*o solo cearense he incontestavelmente sadio, e atribuindo o aparecimento da febre intermitente e a asthma, que se desenvolvem na estação pluvial, a dois fatores: exalação dos pântanos, que existem na proximidade do Porto, e a a humidade d'atmosfera.*<sup>130</sup>

A partir dos anos de 1843 e 1844, há uma crescente preocupação em identificar e extinguir os pontos de infecções miasmáticas, com a determinação de locais insalubres. Isso pode ser atribuído ao engajamento do médico Castro Carreira ao cargo de médico da pobreza, visto que sua prática médica é enfatizada pela identificação e eliminação dos pontos de infecção miasmática.

Para Castro Carreira, o germe da moléstia está nos pântanos que, em situações climáticas propícias, propagam o mal, pois a temperatura elevada e o forte calor acarretam chuvas, formando pântanos que contaminam o ar e espalham as febres. Assim, associa as doenças não apenas às condições climáticas, mas às suas.

<sup>128</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades medicas para o Presidente da Província. *Sobre as atividades do Lazareto da Jacarecanga*. José Lourenço. Médico da pobreza. 21 de fevereiro de 1841. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>129</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades medicas para o Presidente da Província. *Sobre as febres*. José Lourenço. Médico da pobreza. 5 de setembro de 1841. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>130</sup> Relatório do ex.mo presidente e commandante das armas da provincia do Ceará, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial no 1º. de julho de 1844. Ceará, Typ. Cearense de J.P. Machado, 1844. Tópico: Saúde Pública p. 12.

A cidade de Fortaleza está cercada por charcos, os mais citados, na documentação, são os da área *da prainha* e os do açude do Pajeú,<sup>131</sup> pelo mapa, localizados dentro da cidade, próximo ao centro.

---

<sup>131</sup> Os dois pântanos parecem constantemente nos relatórios dos Presidentes de Província é atribuída a eles a causa das moléstias. Seguintes relatórios: Relatório da Província do Ceará. Presidente Souza Mello. Falla 1de agosto de 1838. Obras publicas p35; Relatório da Província do Ceará. Presidente Antônio de Miranda Discurso 12 de agosto de 1839. Aterro dos pântanos da prainha p45; Relatório do Presidente de Província do Ceará. Silva Bitancourt. Relatório 1 Junho de 1843. Saúde Pública p10.

**Mapa 1**  
**Mapa dos pontos de infecção miasmática na cidade de Fortaleza**  
**nos anos de 1845 a 1850.**



**FONTE.** Mapa realizado a partir da planta de Fortaleza levantada pelo padre Manoel do Rego em 1856 e informações do jornal *O Cearense*, dos Relatórios dos Presidentes de Província e da documentação expedidas pelas autoridades médicas para o Presidente da Província.

O Presidente Silva Bittancourt também associa as moléstias aos dos pântanos, ao afirmar que:

As exalações dos pântanos que existem nas proximidades do porto, e a humidade d'atmosfera que as moléstias podem desaparecer empregando os meios aconselhados pela hygiene, e fazendo entulhar esses pântanos, o que se pode conseguir com facilidade.<sup>132</sup>

Ressalta a importância de aterrâ-los, sem indicar os meios. O médico Castro Carreiro sugere, na *reflexão médica sobre as febres*, que se pode aproveitar parte da guarda policial e os braços ociosos para o aterramento dos charcos.<sup>133</sup>

Mas a ação não é posta em prática. Pontos de infecção voltam a ser denunciados pelo Presidente da Província ao chamar a atenção da Assembléia, em 1850, sobre:

a necessidade de se instiguirem inteiramente os pântanos, que no sitio desta cidade denominado – Prainha – se formou em parte pela água do mar, que certas ephocas invadem e alagam os terrenos mais baixos, e em parte pelas chuvas, que ali se conserva.<sup>134</sup>

O Presidente Fausto Augusto relaciona as freqüentes febres intermitentes a esses focos de miasmas, diante de que, encarrega o Engenheiro da Província de fazer o orçamento das despesas necessárias para a obra.

O Presidente aponta que os pântanos são formados pelas águas das chuvas, em terreno baixo, onde corre o riacho próximo ao açude do Pajeú, conservando-se, ali, pequenos charcos que contaminam a atmosfera. Quanto aos demais, informa que *mandei-lhes esgotar, o que facilmente se conseguiu, tendo sido necessário para conservar permanentemente, levantar-se um pontilhão no beco chamado do Cacimbão.*<sup>135</sup>

É importante para o Presidente tranqüilizar a população, pois já se sabe da propagação da febre amarela pelas províncias do Norte. Nesse clima de expectativa, o sucessor Almeida Rego continua a solicitação do aterramento

---

<sup>132</sup> Relatório que á Assembléia Legislativa Provincial do Ceará, apresentou na sessão ordinária no dia 1º. de junho de 1843, o ex.mo presidente e commandante das armas da mesma provincia, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt. Ceará, Typ. de José Pio Machado, 1843.

<sup>133</sup> Id. Obide.,

<sup>134</sup> Relatório com que excelentíssimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da provincia, abriu a 1.a sessão da Assembléia Legislativa Provincial no dia 1º. de julho de 1850. Ceará, Typ. Cearense, 1850.

<sup>135</sup> Id. Ibidem.,

dos pântanos, uma vez que, segundo ele: *só assim se prevenirá o aparecimento de febres intermitentes e endêmicas que se desenvolvem depois da estação chuvosa.*<sup>136</sup>

É certa, nas falas dos presidentes, a associação dos pântanos ao surgimento das enfermidades. Mesmo assim, o aterramento dos pântanos não é concretizado. Muitas propostas, e poucos trabalhos realizados.

Na tarefa de identificar e eliminar os focos de infecção, Castro Carreira faz, das páginas do Jornal *O Cearense*, não apenas um meio de propagação de experiências médicas<sup>137</sup>, mas também um campo de denúncia do desleixo das autoridades, em relação aos assuntos da Saúde Pública. Por exemplo, aponta o não cumprimento das posturas da Câmara, especificamente a que *proíbem accumulos de sisco nas ruas da cidade.*<sup>138</sup>

Especificar exatamente os detritos da cidade não é possível. Mas entre os *siscos* que compõem o lixo, denuncia o médico que *são lançados animaes cuja putrefação tem toda ali lugar.*

Desperta a atenção do esculápio a quantidade de lixo (*Sterquillinos*) na rua do quartel, quase em frente à Matriz, sendo este um dos *focos de emanações miasmáticas*. Contesta a presença de *cloacas* bem em frente à casa do Sr. Samico. Assusta o médico por ser uma das ruas mais movimentadas da cidade, rua da Palma, vizinha à botica do Ferreira. Informa que *quem tem de transitar por aquelles sítios, tem de ser mimoseado com uma bella porção de vapores aromaticos*. Ironicamente, Castro Carreira denuncia os odores e ao males ocasionados por eles.

A cada dia surgem reclamações, não apenas dos médicos, mas de indivíduos que se incomodam com os lixos que associam às enfermidades. É o que clama leitor nas folhas do periódico *O Cearense*: *Srs. do governo, da policia, da municipalidade, attendei a saúde pública; cuidai da limpeza, e aceio da cidade. Vedai-nos a peste, se podeis ou ao menos provai ao publico vossos desejos*. Prossegue o apelo apontando os focos miasmáticos na cidade:

<sup>136</sup> Relatório do excelentíssimo senhor doutor Joaquim Marcos Almeida Rego, presidente da província do Ceará, á respectiva Assembléia Legislativa na abertura da 1ª. sessão ordinária de sua 9.a legislatura, em o 1º. de setembro de 1852. Ceará, Typ. Cearense, [n.d.]

<sup>137</sup> Castro Careira utiliza o jornal *Cearense* pra divulgar suas experiências médicas, como o uso do Ether em procedimentos cirúrgicos (Etherisação).

<sup>138</sup> Jornal *O Cearense*, ano III, no. 128, p 3. Fortaleza, 24/02/1848.

*vendas com gêneros arruinados; casas com salgadeiras dentro da cidade, becos e das travessas obstruídas de lixo e emundícies.*

O denunciador ainda indaga a administração pública sobre a presença do lixo no beco da Assembléia, do Garcia e de outros espalhados pela cidade. Questiona que os *calcetas*<sup>139</sup> deveriam ser destinados aos trabalhos públicos, como a limpeza das ruas e não o abastecimento de água para o palácio. E por mais uma vez clama: *removeis os focos miasmáticos da cidade: prova à Deos, e ao homem que tendes ao menos bons desejos.*<sup>140</sup>

Em suma, para o médico Castro Carreira e o reclamante, o lixo acumulado, nas ruas da cidade, é um dos fatores de moléstias. Mas Castro Carreira reconhece que muitos têm opinião contrária a sua, pois andam afirmando que *isto de miasmas é luxo da medicina*. Castro Carreira ironiza e chama os descrentes de *intendidos do Ceará*.<sup>141</sup>

Se transitar pelas ruas da cidade não parecia ser olfativamente agradável, freqüentar edifícios públicos – igrejas, cemitério, matadouro, mercado, salgadeiras, cadeias – não é diferente. E o templo sagrado, a Igreja, não foge à regra.

Na primeira metade do século XIX, a cidade de Fortaleza conta com três igrejas: da Matriz, da Prainha e do Rosário. A última, por boa parte do século XIX, é matriz, que passa por obras. Assim, concentram-se, na pequenina igreja, as atividades cabíveis: cultos públicos, festas religiosas, aulas, eleições, reuniões e enterramentos.

Justamente pela última ação, a igreja é mencionada freqüentemente nos relatórios de província e no jornal *Cearense*. Os enterramentos são questionados pelos médicos, pois a escassez do espaço da Igreja do Rosário causa transtornos, pelo odor dos corpos em putrefação e pela exposição dos restos mortais.

É o que afirma o presidente Souza Mello, ao defender a construção do cemitério, pois:

O pestifero ar que se respira na Igreja do Rozario, e deveis estar convencidos que graves males podem provir da inspiração dos miasmas exalados continuamente de innumeros corpos em

<sup>139</sup> Indivíduo que realiza trabalho forçado. Alguns casos referem-se ao trabalho forçado atrelado ao cumprimento de pena criminal.

<sup>140</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 325, p 4. Fortaleza, 25/04/1850.

<sup>141</sup> Jornal O Cearense, ano III, no. 128, p 3. Fortaleza, 24/02/1848.



putrefação, apenas cobertos com pequenas camadas de terra mal apertado e algumas taboas apresentando grandes fendas.<sup>142</sup>

Decerto, prática antiga incomoda alguns, que classificam o ar da igreja de pestilento, prejudicados pelos odores dos mortos, associados às doenças. O sucessor, Antônio de Miranda, não realiza a obra prometida. Convida facultativos, para examinar terreno para construção do cemitério. O administrador da província declara que *o estado lamentável de nossas finanças* não permite a realização da obra. Solicita à Câmara Municipal que se encarregue da obra, mas o que se vê é que as reclamações se repetem nos relatórios presidenciais: *a igreja do rosário ponto de infecção miasmática, problema somente resolvido com a construção de um cemitério afastado do centro da cidade*<sup>143</sup>.

Na reflexão médica, a problemática dos enterramentos é enfatizada e tem como resultado o início da construção do cemitério. Castro Carreira descreve a precariedade dos sepultamentos e os males que causam à saúde dos freqüentadores do templo:

Na Matris [igreja do rosário] onde 08 e 10 corpos são sepultados em uma mal cavada cova, estando quase na superfície da terra os últimos cadáveres que se enterrão, sendo tão mal cobertos, que quando entrão em putrefação não se pode passar para aquele lugar.<sup>144</sup>

O médico sugere a criação de cemitério extramuro, fora do centro urbano. Logo a edificação fica pronta, em 1848: cemitério de São Casimiro que além, de ser transformação do espaço geográfico urbano, modifica os costumes fúnebres dos habitantes.<sup>145</sup>

Além do isolamento dos mortos, é necessário pensar os locais do isolamento dos vivos, espaços associados à insalubridade e, conseqüentemente, à propagação de doenças: cadeias e hospitais.

<sup>142</sup> Relatório com que o exm. Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello presidente da província abriu a 1ª Sessão da Assembléia Legislativa Provincial no dia 1º de agosto de 1838. Tópico: Saúde Pública p 08

<sup>143</sup> Discurso que recitou o exm. sr. doutor João Antônio de Miranda, presidente desta província, na ocasião da abertura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 1º. de agosto do corrente ano. Ceará, Typ. Constitucional, 1839. Tópico: Saúde Pública p. 03.

<sup>144</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. *Algumas reflexões sobre as febres que ora gração nesta cidade. 21 de Abril de 1846.* Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>145</sup> OLIVEIRA, Carla Silvino de. *Longe dos vivos um lugar para os mortos: o processo de construção do primeiro cemitério extramuros de Fortaleza. (1838-1848).* Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2003.

As duas prisões da cidade são alvo da crítica médica. Uma, ao lado do quartel militar e a outra, na Rua da Palma, fundos da Câmara, no centro da cidade. Para o médico Castro Carreira, as moléstias dos presos são frutos das péssimas condições de higiene do local e descreve o espaço com riqueza de detalhes:

o ar mefítica que ali se respira, e a constante humidade consome com rapidez a saúde e a vida dos desgraçados presos, a cloaca he no meio da prisão, tendo apenas por devizão hum pano que reserva da vista dos seus companheiros aquelle que vai satisfazer o requisito da natureza. Esta só circunstancia basta para fazer-se idéia do ar, que respirão os desgraçados que ali jazem: a prova dos seus soffrimentos estampa-se nos semblantes de todos os que habitão tão cruel morada. A anemias clorozes, hydropesias, ascites, anasarcas febres interminentes & são as moléstias constantemente observada nas prisões d'esta capital pela falta das condições de hygienicas de que absolutamente carecem.<sup>146</sup>

Fala-se pouco, nos relatórios presidenciais, da necessidade de mudanças. Apenas lembra o presidente Souza Mello que a última reforma, em 1837, fecha metade das janelas para evitar *a entrada de bebidas espirituosas, e a freqüente comunicação com pessoas de fora*<sup>147</sup>, não resolve o problema e traz novos, pois a tornou *menos salubre e claras por se estreitar o espaço por onde o ar, e luz podem penetrar*. Provavelmente a umidade apontada pelo médico é devido à pouca luz e à concentração dos odores pela dificuldade da circulação do ar .

A necessidade de isolamento dos enfermos é lugar comum nos relatórios presidenciais e ofícios dos práticos da medicina.

Para entender a preocupação com o isolamento, é necessário remontar às discussões sobre as teorias do caráter das moléstias contagiosas e infecciosas. Para Chernoviz, o contágio significa *a propriedade que tem certas moléstias de se comunicar de um a outro individuo pelo contacto, ou por intermédio do ar*. Por infecção, entende-se a *acção exercida na economia por miasmas morbíficos*. De acordo com Jane Beltrão:

A diferença entre contágio e infecção é que, uma vez produzido o contágio, não mais dependia das condições que lhe deram origem para se propagar. O contágio reproduzia-se por si mesmo,

<sup>146</sup> Jornal O Cearense, ano III, no. 143, pp 01 e 02. Fortaleza, 20/04/1848.

<sup>147</sup> Relatório com que o Exmo. Sr Manoel Felizardo de Souza e Mello Presidente da Província abriu a 1ª Sessão da Assembléia Legislativa Provincial no dia 1º de agosto de 1838. Tópico: Tópico Obras Públicas p 35

independente das condições atmosféricas. Enquanto que, a infecção se devia à ação de substâncias animais ou vegetais em estado de putrefação no meio ambiente. Os miasmas morbíficos que davam origem à infecção atuavam, unicamente, na esfera do foco. Na verdade, a infecção se transmitia de um indivíduo doente a um outro são, mas não por contágio e, sim pela alteração atmosférica produzida pelo doente, atuando sobre o indivíduo são.<sup>148</sup>

As moléstias contagiosas propagam-se pelo contato entre pessoas contaminadas, tendo como prática principal o isolamento e as quarentenas. Sua propagação é desassociada das emanações miasmáticas. Já a teoria infeccionista propõe que a causa das infecções são os miasmas, dependentes das condições locais e das variações ambientais, e recomenda o aterro dos pântanos, cuidados com a água e o ar, e higiene dos alimentos.

Na cidade de Fortaleza, independente das conclusões médicas sobre o caráter da transmissão das moléstias, as práticas para evitar a propagação de doenças são utilizadas, o isolamento dos enfermos e a higienização dos espaços.

A escolha dos locais dos edifícios urbanos não é aleatória. Não apenas o lazareto e o hospital são construídos fora da cidade, em posição contrária ao vento. O cemitério, a prisão, o matadouro têm como característica comum, condições propícias para desenvolvimento de *focos de miasmas*. Para os produtores de discurso de salubridade, é necessária a transferência para fora da cidade, a sotavento para não propagar o ar contaminado em direção ao Centro. A estratégia, como medida de prevenção de moléstias, é responsável pela reorganização espacial.

---

<sup>148</sup> Sobre os conflitos das teorias, consultar: BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Gão-Pará*. Campinas, 1999. 246p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Jane Felipe Beltrão, em seu trabalho acompanha a polêmica produzida pela chegada da epidemia de Cólera em Belém, em função das teorias médicas do contágio e da infecção. Utilizando conceitos do médico Chernoviz: CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Acessórias para uso das famílias*. 5ª. edição, Pariz, Casa do Autor, 1878 vol. I: p 672-3. Verbetes Contágio e p. 213. Verbetes Infecção.

## Mapa 2

**Recorte do Mapa dos pontos de infecção miasmática na cidade de Fortaleza nos anos de 1845 a 1850. Ênfase aos equipamentos urbanos.**



**FONTE:** Mapa realizado a partir da planta de Fortaleza levantada pelo padre Manoel do Rego em 1856 e informações do jornal *O Cearense*, dos Relatórios dos Presidentes de Província e da documentação expedidas pelas autoridades médicas para o Presidente da Província.

Traçar a trajetória de funcionamento do Lazareto da Jacarecanga é percebê-lo periódico e precário. Desde os primeiros ofícios sobre a prática médica, José Lourenço informa a existência da enfermaria e de sua precariedade. Por muitas vezes o médico pede auxílio para que contratação de enfermeiros para auxiliar em tempo de epidemias. Em fase de tranqüilidade, a enfermaria é desativada. É denúncia do presidente Augusto de

Aguiar: *a enfermaria para os indigentes creada n'esta cidade por occasião da ultima secca já não existe.*<sup>149</sup>

Na perspectiva de isolamento dos enfermos, o presidente Silveira de Souza critica a localização do Lazareto da Jacarecanga, por se achar *colocado muito próximo a cidade.*<sup>150</sup> O local do hospital de caridade é próximo *ao largo do Paiol* fora do centro da cidade, e que servisse para que os *destituídos da fortuna encontrassem proteção e remédio contra as enfermidades a que estamos sujeito.*<sup>151</sup> O funcionamento do hospital de caridade assemelha-se ao do Lazareto da Jacarecanga. Apenas em 1861, tem-se sua efetivação, funcionando, anteriormente, em períodos de epidemia.

Outros pontos de infecção, segundo os médicos, são matadouro, mercado público e salgadeiras.

Castro Carreira denuncia a falta de higiene do matadouro, havido como foco de miasmas. Relata que as reses, depois de mortas, ficam expostas ao sol e às chuvas, aguardando serem tratadas e conduzidas ao mercado.

Para ele, a localização do matadouro é muito próxima à Cidade e sugere, às autoridades administrativas, fazer um novo, distante do centro. A *crônica médica* de Castro Carreira reafirma que o clima da província é *salutífero*, comenta que a capital é sadia, mas pode se tornar mais salubre, se:

o matadouro publico fosse removido do lugar que esta estabelecido a sotavento da cidade fora do alcance dos miasmas deletérios, que, exalando do mesmo matadouro, produzem febres perniciosas, e outras terríveis enfermidades.<sup>152</sup>

Associa o equipamento à propagação das enfermidades. Resta solicitar a remoção do mercado e obrigar os mercadores a higienizarem o espaço. Assim, os gêneros alimentícios são também preocupações da Câmara

<sup>149</sup> Relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Ceará apresentou no dia da Abertura da Sessão Ordinária de 1845, Excelentíssimo Sr. Dr. Augusto de Aguiar, Presidente da mesma Província. Ceará: Topografia Cearense, 1845.

<sup>150</sup> Relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Ceará apresentou no dia da Abertura da Sessão Ordinária de 1858, Excelentíssimo Sr. Dr. João Silveira de Souza, Presidente da mesma Província. Ceará: Tipografia Cearense, 1858.

<sup>151</sup> Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Ceará pelo Presidente da mesma Província o Coronel graduado Ignácio Correia de Vasconcelos em 1º. de Julho de 1847. p23

<sup>152</sup> Jornal O Cearense, ano III, no. 138, p4. Fortaleza, 30/03/1848.

Municipal, quanto aos locais de venda – praças, ruas e mercados - ou aos procedimentos de acondicionamento.

A Câmara aprova a postura de que é a *Praça da Boa Vista destinada para n'ella se venderem as aves e animaes miúdos, bem como porcos, cabras, e carneiros*, e que os que venderem animais de grande porte *soffrerão a multa de 2\$000 reis, ou quatro dias de prisão, e na reincidência o duplo*.<sup>153</sup>

Se a lei é seguida com vigor, não me foi possível acompanhar, mas é válido ressaltar a preocupação em especificar o local e o tipo de gênero permitido à venda. O decreto determina que *no mercado só poderá vender peixes já estripados*, evitando que as vísceras permaneçam dentro do mercado, exalando odores e proporcionando focos de miasmas, e sugere o disciplinamento dos espaços:

Art 1º. Toda e qualquer pessoa, que se propuser à venda de peixe dentro do mercado publico só o poderá fazer no barracão para esse fim preparado, sendo obrigado a trazer o peixe limpo e estripado; e durante a venda não poderão entrar no lugar para isso destinado, se não as pessoas, que se empregarem nesse trafego, ou agentes policiaes; o enfrator será multado em 2\$000 réis, ou 4 dias de prisão.<sup>154</sup>

Mas não apenas o matadouro e o mercado público são vistos como maléficis à saúde. As salgadeiras, locais destinados a salgar a carne para melhor conservação, são criticadas pelo médico nas folhas do jornal. Afirma que são várias casas espalhadas no bairro mais povoado da cidade e que os ventos denunciam odores. Assim narra visita ao local:

passando pela rua oposta, fui encommodado por um cheiro insurpotavel, desejando saber a causa disto, visitei o lugar donde partia, e para logo cheguei ao conhecimento de sua existência: grande quantidade de couros frescos mettidos em uma espécie de salmoura ali havião, e exahalavão um cheiro tal, que um cadáver em sua putrefação não é mais insurportavel. Não pude demorar-me muito tempo, nem mesmo examina-la no todo, só o que me é possível afiançar, é, que é terrível, e admira que se consista aquillo. Espero que a câmara tome este aviso na devida consideração; que lá para as bandas onde se mata os gados tem muitos lugares

<sup>153</sup> Coleção de Leis, Decretos, Resoluções e Regulamentos da Província do Ceará: Typographia Cearense – Impresso por Joaquim José D'Oliveira, 1853. Aprovando artigos de postura da câmara municipal da Capital. Resolução no. 622 de 5 de outubro de 1853.p 18.

<sup>154</sup> Coleção de Leis, Decretos, Resoluções e Regulamentos da Província do Ceará: Typographia Cearense – Impresso por Joaquim José D'Oliveira, 1853. Aprovando artigos de postura da câmara municipal da Capital. Resolução no. 628 de 22 de dezembro de 1853. p.19

propícios para salgadeiras & e não no centro de uma cidade, que é sempre prejudicial a saúde publica.<sup>155</sup>

Além dos gêneros alimentícios, é necessário fiscalizar a qualidade da água dos açudes, chafarizes, dos poços e cacimbas. A água potável é um dos pontos discutidos, em meados da década de 30, quando a Saúde Pública é de competência da Câmara Municipal. Em ofício ao Presidente da Província, os vereadores percebem que as posturas não são postas em prática e que *as ruas da cidade sem o aceio necessário, as cacimbas em tal ruínas, os porcos vagando por toda parte tudo em detrimento da Saúde Pública.*<sup>156</sup>

Tem a pequena província, na primeira metade do século XIX, as seguintes fontes de água: a cacimba do Garrote, na lagoa do mesmo nome, com sangradouro para despejar no açude do Pajeú, bem como para abastecimento do Chafariz do Palácio, no largo do mesmo nome. Outra fonte pública é o Chafariz do Povo, por fim, o chafariz da Praia, na prainha.

As fontes funcionam de forma precária e não contínua, pelo mau uso (bombas quebradas, águas rotas) e a frágil estrutura ameaçada por chuvas rigorosas. A manutenção das fontes exige rendimentos, por muitas vezes, não disponibilizados pelos cofres da Província.

Exemplo de precariedade é a construção e utilização do *chafariz do Palácio*, com início no governo de Martiniano de Alencar, em 1836, logo tornando-se um marco das obras públicas, pois se trata da primeira fonte pública da cidade. Assim, proclama, em discurso, o presidente: *tenho finalmente entre mãos a obra de um Xafariz dentro da Cidade, e breve espero que se não dirá mais que a Capital do Ceará não tem huma fonte pública.*<sup>157</sup>

No ano seguinte, porém, informa o Presidente da província que:

a obra do chafariz d'esta cidade não se acha concluída; porque não se pode trabalhar n'ella na estação chuvosa; mas ella se acha em andamento, e bastante adiantada, e diz o seo Administrador que até o fim do Setembro correrá agoa em o novo Chafariz.<sup>158</sup>

<sup>155</sup> Jornal O Cearense, ano III, no. 155. p04. Fortaleza, 01/06/1848.

<sup>156</sup> Arquivo Público do estado do Ceará - APEC. Fundo: Municipal Período 118/1845. Ala 20 estante 429 Caixa 37. Correspondência expedida e recebida pela Câmara Municipal de Fortaleza. *Ofício sobre as limpezas das ruas.*

<sup>157</sup> Falla com que o exm.o presidente da província do Ceará abriu a segunda sessão ordinária da Assembléia Legislativa da mesma província no dia 1o de agosto de 1836. [Ceará, Typ. Patriotica, 1836]. Tópico: Obras Públicas p. 03.

<sup>158</sup> Relatório com que o excelentíssimo presidente da província do Ceará abriu a terceira sessão ordinária da Assembléia Legislativa da mesma província no dia 1.o de agosto de 1837. [Ceará, Typ. Patriotica, 1837] Martiniano de Alencar p 03

A obra foi concluída dentro das expectativas do Presidente. Resta a vigilância sobre a qualidade da água. Para isso, periodicamente, o presidente solicita, aos facultativos, a análise da água, e um dos motivos, segundo o presidente Souza Mello, é que *alguém se lembrou de atribuir o excesso de enfermidades ao estagnamento e uso das águas que mantem o Chafariz do Palácio.*<sup>159</sup>.

O autor da associação, não foi possível identificá-lo. O certo é que a província é formada em 1839, por diferentes *moléstias intermitentes* que, segundo o presidente, *em muito maior numero que nos annos pretéritos, se manifestarão na cidade, causando não pequena mortandade principalmente em crianças*<sup>160</sup>. Pela associação água corrompida à doença, o presidente Souza Mello solicita, aos seis facultativos, parecer sobre as águas do chafariz do Palácio.

O Presidente não informa o nome dos facultativos, mas indica que, dos seis, cinco concordam que a água é contaminada pelos resíduos animais e vegetais na composição, mas, com a evaporação, entram em decomposição matérias estranhas. Já o *sexto professor*, crê que as águas apenas se tornam salubres, se for fechada toda a extensão do açude, idéia descartada pelo Presidente, pois alega ser uma obra de custo oneroso.

Porém Souza Mello informa que novas análises das águas serão realizadas após as chuvas e que o dinheiro que seria gasto com a reforma serviria para a construção de duas novas cacimbas. Promessas realizadas, com certa lentidão, mas realizadas. A abertura da *fonte é conhecida pelo nome de cacimba do povo*, e que segundo o presidente, não é iniciada a construção de outras obras devido à ausência de engenheiro.

Restava porém examinar outros lugares, que apresentando caracteres, que indiquem possibilidade de existência d'agoas arthesiana, convenientemente fosse emphehender obra tão dispendiosa;mas infelizmente o chamado Engenheiro apenas he um simples trabalhador sem conhecimentos alguuns scientificos;<sup>161</sup>

<sup>159</sup> Relatório do Presidente de Província Souza Mello. 1 de Agosto de 1838. Tópico saúde Pública p. 05.

<sup>160</sup> Id. Ibidem.p 05.

<sup>161</sup> Relatório do Presidente de Província Manoel Felizardo de Souza e Melo. 1 de agosto de 1838. Tópico obras públicas p28.



O presidente não vai à capital da província solicitar pessoalmente, pois acaba de assumir o cargo, e requer o envio de *Official de Corpo de Engenheiros*.<sup>162</sup>

Uma ameaça ao abastecimento de água potável é a estação chuvosa, em maio de 1839. A cheia da Lagoa do Garrote e o transbordamento das águas para o açude do Pajeú têm como conseqüências, a demolição do cano condutor da água para o chafariz do palácio e a inutilização do sangradouro do açude e do paredão de contenção.

É pensando abandonar a recuperação do chafariz do Palácio, devido à péssima qualidade da água, considerando *a lavagem de todas as espécies, a ser deposito de todas as imundiceis, a vegetação de diferentes arbustos e finalmente à filtração constante da agoa estagnada da lagoa do garrote*.<sup>163</sup> Além disso, é necessário novo paredão, dois sangradores e novo cano, substituindo os de tijolos, que por muitas vezes criam um tecido vegetal que impede o trânsito das águas. Tal reforma exige rendimentos que, por muitas vezes, não são disponibilizados pelos cofres da Província. Assim, permanece a precariedade das fontes públicas, denunciada pelo próprio Presidente que chama a atenção, em 1843, para a situação dos *chafarizes em que se devião ter despendido quantias avultadas [estão] sem água; Assudes arrombados*.<sup>164</sup>

Além das fontes públicas, tem a província pequenos poços, na maioria, forrados por barris de vinho e azeitona, denunciados pela péssima água. Para o Presidente Souza Melo, *só vendo-se se poderá fazer idéias da falta de aceio quem em taes poços havia*. E afirma que:

Além de serem abertas, e neles se lavarem de noite diferentes pessoas, os pretos exaurirão por meio de cuias já rotas a agoa, que escorrendo pelos pés, hia ter a ao deposito d'onde de novo era levada aos potes.<sup>165</sup>

<sup>162</sup> Analisando os relatórios presidenciais dos anos de 1836, 1837 e 1838, nota-se a pertinência acerca da problemática da mão-de-obra. Várias são as reclamações sobre a ausência de engenheiros, inspetores de obras públicas e trabalhadores para a lavoura. Percebo tópicos destinados a essa questão como: *colonização e engajamento de artífices estrangeiros* In: Relatório do Presidente de Província Manoel Felizardo de Souza e Melo. 1 de agosto de 1838. p 17.

<sup>163</sup> Discurso que recitou o exm. sr. doutor João Antonio de Miranda, presidente desta província, na ocasião da abertura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 1º de agosto do corrente ano. Ceará, Typ. Constitucional, 1839. Tópico: Obras Públicas p. 37.

<sup>164</sup> Relatório que á Assembléia Legislativa Provincial do Ceará, apresentou na sessão ordinária no dia 1.º de junho de 1843, o ex.mo presidente e commandante das armas da mesma província, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt. Ceará, Typ. de José Pio Machado, 1843. Tópico: Obras públicas p12.

Para as autoridades administrativas, é necessária a fiscalização das fontes, evitando a destruição e a contaminação das águas. Solicita-se a seguinte medida:

He necessário que o orçamento fixeis quantia necessária para o pagamento de hum homem a quem esteja encarregado encher constantemente o tanque, e evitar os danos que pessoas mal intencionadas, ou rapazes costumão praticar em todas as obras públicas.<sup>166</sup>

A solicitação de vigilância das fontes públicas não é a primeira, nem a última. Na administração anterior, Martiniano de Alencar solicita, ao Juiz de paz, José Joaquim da Silva Braga, medidas pra evitar *immundice [na] água do tanque que se destina p. o novo chafariz*.<sup>167</sup> Mesmo depois de pronto, o presidente clama por vigilância, pois pessoas se banham, lavam roupas e cavalos. Solicita patrulhas da polícia para *castigar* os responsáveis pela contaminação da fonte que, segundo Martiniano, é a única fonte publica que vai ter a capital.<sup>168</sup>

A nomeação de funcionário para vigia da fonte pode solucionar o problema. Mas, apesar das tentativas, as fontes logo viram ruínas, denuncia o presidente Silva Bitancort, em 1843, ao afirmar que o *chafariz da Praia* está com encanamento danificado, o *chafariz do Povo* necessita de reparos no tanque e na bomba e o *açude do Pajeú* deverá ser analisado, pois o *chafariz do palácio* esta com a água contaminada.<sup>169</sup>

A idéia de fiscalizar as fontes retorna na fala do médico Castro Carreira, na publicação da *Crônica Médica de fevereiro de 1848*, comparando fontes de água a pântanos:

Não são mais do que huns buracos abertos em huma baixa que pelo hynverno se converte em patano. A agoa que verde da pútrida lama no primeiro dia é insupportável pelo mao cheiro e péssimo gosto de

<sup>165</sup> Relatório do Presidente de Província Souza Mello 1 de Agosto de 1838. Tópico Obras Públicas p 33

<sup>166</sup> Id. Ibidem.p 33.

<sup>167</sup> Livro 34.b Registro de ofícios expedidos pela Presidência da Província do Ceará as autoridades civis e eclesiásticas e as câmaras municipais. Anos de 1836 a 1838. Datado em 17 de Março de 1837. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>168</sup> Livro 34.b. Registro de ofícios expedidos pela Presidência da Província do Ceará as autoridades civis e eclesiásticas e as câmaras municipais. Ano de 1836 a 1838. Datado em 17 de Março de 1837. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>169</sup> Relatório que á Assembléia Legislativa Provincial do Ceará, apresentou na sessão ordinária no dia 1º. de junho de 1843, o ex.mo presidente e commandante das armas da mesma província, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt. Ceará, Typ. de José Pio Machado, 1843. Tópico: Obras públicas p13.

Paul ou lama que tem, sabor que só perde passados dois ou três dias que é o tempo que levão as matérias animaes e vegetaes contidas na agoa a depositar-se. É de observar que ainda assim não fica a agoa boa e salubre com quanto se torne potável. Se ao menos essas desgraçadas cacimbas tivessem guarnições que obstassem a introdução da lama e da porcaria de todo o gênero que nellas fazem os negros, e a canalha que ali vai haurir agoa, ainda não fora tamanha a nossa desdita a respeito de um dos artigos de 1ª. necessidade, e tão essencial de quem direito for sobre este objecto que é dos mais importantes para a saúde publica.<sup>170</sup>

A água para consumo é comparada à lama dos charcos. Mas parece que a reclamação do escapulário surtiu efeito, pelo menos, no âmbito administrativo, pois, no mesmo ano, é aprovado o decreto de lei que orienta o uso das águas.

O artigo 1º. informa a disponibilidade de guarda do corpo policial, no tanque do Chafariz do Palácio, para proibir que as pessoas e animais contaminem a água, isto é, impedimento dos banhos, da lavagem de roupas e lançamento de qualquer *imundice*. É importante ressaltar que a lei proíbe ato comum, ação da normalidade e do cotidiano.

Creio que muitos à margem do discurso médico - entre eles, os que não entendem e/ou não têm acesso, ou os que não concordam com teorias – têm como prática cotidiana a ação agora proibida. O novo decreto é o extraordinário no cotidiano. É o que Nietzsche afirma sobre leis: que *é um grave erro estudar as leis penais de um povo como se fossem expressões de seu character, as leis não revelam o que um povo é, mas o que lhe parece estranho, estrangeiro, singular, extraordinário.*<sup>171</sup> Assim, novas posturas tentam esconder a prática cotidiana.

E diante do novo, os indivíduos que continuam sua prática rotineira passam a ser punidos. O artigo da lei especifica a punição aplicada ao infrator:

será presa e levada à presença do juiz de paz, para ser punida policialmente com um mez de casa de correção, salvo se for escravo, porque neste caso pagará o Senhor do mesmo oito mil réis de multa para as despesas da Câmara, e caso recuse pagar à multa será o delinqüente castigado cem vinte e cinco açoites.<sup>172</sup>

<sup>170</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 325, p 4. Fortaleza, 25/04/1850.

<sup>171</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p86

<sup>172</sup> Coleção de Leis, Decretos, Resoluções e Regulamentos da Província do Ceará: Typographia Cearense – Impresso por Joaquim José D'Oliveira, 1853. Leis Províncias. Livro I. Lei 148 de 22 de setembro de 1848. Sancionada pelo Presidente Manoel Felisardo de Souza Mello.

Sobre o cumprimento da lei, não há informações, deduz-se que pouco se fez, pois as fontes de água pública da província prosseguem alternando tempo de bom funcionamento e de precariedade, com predomínio do último.

## 2.4 Regras para o bom viver.

A teoria miasmática não é a única a orientar os médicos na explicação das moléstias. Castro Carreira afirma que as condições da província determinam as causas das moléstias, que se desenvolvem por haver condições predisponentes, como: *o temperamento bilioso, a reunião de muitos indivíduos em um lugar, a indigestão por excesso de comida, a ingestão de substancias irritantes, a raiva, as affecções triste e, por fim, a ociosidade.*

As causas não pertencem exclusivamente aos fenômenos da natureza, mas à influência mútua do natural e da conduta de cada individuo, em outras palavras, à natureza no corpo.

O termo *temperamento bilioso* demonstra a interação do homem com a natureza. O temperamento determina a índole do humor do individuo e suas predisposições às doenças desse caráter. No caso específico da fonte citada, compreende-se a predisposição do organismo às febres biliosas, atribuídas ao temperamento bilioso, ao período de estiagem, ao clima seco e quente da cidade de Fortaleza.

Os médicos, em reflexões sobre febre, denunciam, ao Presidente, a necessidade de vigilância dos alimentos de primeira necessidade, carne, farinha e peixe, medidas realizadas e detectadas nas correspondências. A comissão, formada pelo médico da pobreza Castro Carreira e os cirurgiões Silvério José d’Cruz e Joaquim Santiago, relata em 29 de Outubro de 1845, que *passamos a examinar os gêneros desembarcados de bordo do transporte da armada nacional Pirapama, entre os quaes se acharão dezeseis sacas de feijão, e duas de arroz com algumã ruina, sendo a farinha de boa qualidade.*<sup>173</sup>

Os médicos reprovam os costumes alimentares dos moradores da Cidade, ressaltando a não variação do cardápio: *pode-se diser, o nosso único sustento a carne, esta vacuum (carne preta considerada de mais difícil digestão, irritante), e a farinha, não temos aquelles condimentos necessários, talvez para*

---

<sup>173</sup> Caixa não catalogada Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. *Exame dos gêneros desembarcados de bordo do transporte.* 29 de outubro de 1845. Arquivo Público do estado do Ceará – APEC.

*mais, salubridade a nutrição.*<sup>174</sup> O médico adverte sobre a má qualidade da carne, pelas péssimas condições de higiene dos matadouros e mercado. Para os médicos, a carne um alimento essencial. De acordo com Chernoviz, é *excessivamente nutritiva e indispensável à alimentação.*<sup>175</sup>

Em conseqüência das constantes secas e escassez de gêneros alimentícios, aumenta o consumo de plantas de substâncias irritantes, como as *mucumans*, classificadas pelos médicos como impróprias para o consumo, além de *causarem irritação e prurido na pele de quem as tocam, semelhantes aos da queimadura.*

No entanto, não apenas lugares insalubres e as condições do clima dos indivíduos são vistos como prejudiciais ao equilíbrio do corpo, mas também as mudanças atribuídas às condições dos alimentos, aos sentimentos de paixão e ira, ao trabalho exercido e à habitação.

De acordo com o Dr. Chernoviz,<sup>176</sup> os cinco preceitos para ter saúde – entendendo saúde como estado em que todas as funções se executam livre e facilmente – são:

a) *Fugir dos excessos em tudo.* Qualquer excesso na alimentação, exercícios, no trabalho, na bebida, nas festas, nos prazeres do corpo, acarreta danos à saúde, devendo, assim, o indivíduo ter a vida regrada;

b) *Viver contente do coração e sossegado do espírito.* Sentimentos fortes, como *paixões, remosso e ambição*, são vistos como causadores das mais terríveis enfermidades, pois deixam o corpo predisposto a desenvolver as moléstias;

c) Essencial, ainda, *respirar habitualmente um ar puro.* Segundo o clínico, a salubridade do ar influi vantajosamente na composição do sangue e em toda a nutrição. A ventilação viciosa, imperfeita, é a origem das moléstias crônicas das grandes cidades. Em países de clima temperado, com elevadas

---

<sup>174</sup> Caixa não catalogada Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. *Algumas reflexões sobre as febres que ora gração nesta cidade. 21 de Abril de 1846.* Arquivo Público do estado do Ceará – APEC.

<sup>175</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia medico.* Op. Cit., p. 503.

<sup>176</sup> *Os cinco preceitos salutíferos encontram-se na obra:*

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias.* Op. Cit., p 964-965. Verbete: saúde.

temperaturas e com o calor incessante, aumenta a transpiração e, assim, a exalação dos miasmas;

d) Alimentar-se constantemente de *alimentos simples e apropriadas a constituição do corpo*. A alimentação baseada em carne e cachaça é considerada inadequada, por serem classificados como alimentos pútridos e de difícil digestão. Acredita-se que tais víveres contaminam os humores internos.

e) E, por fim, manter *uma proporção entre a quantidade de alimentos que se consomem quotidianamente e os exercícios do corpo*. Para os médicos, a alimentação e o trabalho influem reciprocamente um sobre o outro. O indivíduo que se alimenta e não tem uma atividade (trabalho ou exercício) acumula produtos antigos e excessivos da alimentação, ficando na profundidade dos tecidos, transmitindo, assim, para o sangue, grande quantidade de sucos que formam as congestões e inflamações.

Na reflexão de Castro Carreira, tem-se o entrelaçar de várias teorias, entre elas, os preceitos do Dr. Chernoviz, elaborando um novo saber que surge diante das teorias mais antigas e das práticas dos médicos.

Não cabe ao médico apenas indicar as causas, mas pensar estratégias para reduzir e, por fim, extinguir as moléstias. De acordo com o médico cearense, é necessária a construção de Hospital de Misericórdia<sup>177</sup> para que se possa, assim, recolher os pobres afetados e proporcionar, além da cura da moléstia da febre, a da primeira enfermidade: a fome.

A segunda medida sugere a necessidade de aterrar os pântanos da cidade. Para isso, utiliza-se o contingente pobre ocioso, com pagamento em pequena quantia de dinheiro e o restante com farinha. Tal atividade resolve não apenas o problema da salubridade da cidade, mas *obstar uma causa de moléstia; socorrer a pobreza; ser um trabalho que pode entrar homem, mulher e menino* e por fim, *empregar o povo errante pela cidade e tirar a ociosidade*.

Continuando as reflexões, o médico sugere a construção de um cemitério fora da cidade e a fiscalização dos alimentos de primeira necessidade, como o peixe, a farinha, a carne etc.

Quanto à pobreza, clinico informa que, para controlar as febres, é necessário que a *pobresa inferna seja obrigada a recolher se ao hospital*.

<sup>177</sup> A documentação indica a localização do Hospital de Caridade em uma das casas situadas no campo d'Amélia, atual praça Castro Carreira. Lembro que no período funciona na cidade o Lazareto da Jacarecanga, uma casa improvisada para o recolhimento dos pobres enfermos.

Solicitação instigante, pois leva a pensar que os pobres recusam o tratamento. A sugestão seguinte, porém, mostra que não é pequena a quantidade de pobres afetados que transitam pelas ruas da cidade, uma vez que cabe aos Fiscais da Câmara:

privar que certos pobres atacados de moléstias contagiosas, e que andão mendigando, sejam proibidos deste transito, e se lhe mande recolher ao hospital, e no caso de ser incurável a sua moléstia se lhe administre os meios de subsistência, sem que para isto seja preciso vagar pelas ruas onde a sua moléstia a cada passo faz receiar o contágio.

Pelas reflexões médicas, três ou mais idéias se confundem, ao enfatizarem a necessidade do isolamento dos pobres enfermos. O medo da indigência, pelo risco da contaminação ou por questões que envolvam a segurança pública, é constantemente lembrado nos discursos dos médicos cearenses.

É de interesse comum, além de controlar o trânsito dos pobres enfermos pela cidade, conter o número de pessoas em reuniões para esmolas. Segundo o médico, o elevado número de indivíduos em reuniões resulta em evaporação viciada pela transpiração dos corpos e o grande tumulto havia resultado na morte de um indivíduo.

A evaporação viciada da transpiração, em outras palavras, o suor e seus odores, não apenas incomoda pela exalação dos *miasmas*. O médico Castro Carreira deixa claro que concentração de indivíduos *catinguentos* pode levar à morte e comprova mais uma vez as afirmações dos formulários e guias médicos da época. No verbete *asphyxia*, o médico Chernoviz informa que: *no meio de uma grande reunião, o acido carbônico substitui a pouco o ar atmosferico respirável, de sorte que se não houver o cuidado de o renovar, corre-se risco de morrer asphxiado.*<sup>178</sup>

Os odores dos corpos, segundo preceitos médicos da época, podem causar mais do que certo incômodo pois, em grande concentração, a ameaça chega a ser mortífera. Dessa forma, isolar o pobre, seja ele *são* ou *malsão*, não era apenas distanciar um insuportável *catinguento*, mas a possibilidade de evitar males maiores.

---

<sup>178</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias*. Op. Cit., p255.



Pouco o homem poderia fazer para interferir nas causas determinantes de febre (clima, estações, temperatura, pântanos), mas, no que diz respeito às causas predisponentes, é necessário um poder maior de intervenção, pois se trata de modos de pensar e agir de vários indivíduos.

No dia seguinte à reunião convocada pelo médico Castro Carreira, segunda-feira, 15 de abril, a Comissão encaminha a reflexão ao Presidente da Província. Algumas medidas são tomadas em regime emergencial, como o emprego dos pobres em trabalhos públicos e o recolhimento dos enfermos às enfermarias; mas, logo as febres cessam, tais atividades são esquecidas.

Outras solicitações são ignoradas, duas levam bom tempo para realizar-se: a construção do Hospital de Caridade, concluído depois de 15 anos do requerimento; e o primeiro cemitério extramuros, o campo-santo de São Casimiro, que funciona a partir de 1848, pondo fim aos enterros dentro das igrejas.

Diante das reflexões dos médicos, dos presidentes da província e de contribuintes do jornal O Cearense, vislumbram-se várias teorias e práticas médicas e a distância entre o pensar e o fazer médico, práticas que tornam mais evidentes nas epidemias: varíola (1845) e febre amarela (1851/53).

## Capítulo 3 – A cidade das epidemias.

### 3.1 A seca e a varíola.

É comum, na historiografia das doenças, durante o século XIX, atrelar-se o aparecimento da epidemia de varíola à seca,<sup>179</sup> tornado-se comum ser de responsabilidade médica o relato dos fatos – varíola e seca. Deste último, trata o Jornal *O Cearense* na primeira edição. Pois as preocupações com a estiagem que dizimou a cidade de Fortaleza, nos anos de 1845 e 1846, são retratadas nos periódicos.

O artigo tem como epígrafe o texto do médico Emilio Joaquim da Silva Maio, apresentado na sessão pública da sociedade de medicina do Rio de Janeiro, em 30 de julho de 1835, e serve como introdução ao artigo que tem intencionalidade de informar as causas da seca; propagar meios para evitar o mau uso dos solos; e, pedir auxílio à administração pública.

O autor emprega as informações propagadas pelo médico para indicar o fator causador das secas. Segundo o redator, *o corte de nossas matas é a causa primordial das terríveis secas por que temos passado.*<sup>180</sup>

A província, por natureza, tem poucas matas, em consequência, baixa umidade, tornado o terreno árido. A causa das secas tende a aumentar, devido ao uso do solo. Aponta como culpados os agricultores que derrubam as matas para fazer os roçados. Abandonando-o, no ano seguinte, para a abertura de outros. Sobre o fato, argumenta o editor: *Por que no roçado que plantamos este ano, não plantamos nos seguintes?*<sup>181</sup> O mesmo informa que agricultores, alegam a abundância de terras para os roçados, não sendo necessário reutilizar o solo.

<sup>179</sup> Refiro-me as obras de:

TEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e vacinação no Ceará* – ed fac – sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Quando o autor afirma: *Não há Estado do Brasil que mais devesse cuidar da vacinação anti-varíola do que o Ceará. Basta dizer que a varíola é a companheira inseparável das secas e estas são por sua vez o mal congênito da terra cearense.* p05.

STUDART, Guilherme de. *Climatologia epidemias e endemias do Ceará*. – ed. Fc-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. p47. Ao demonstrar o quadro sobre a *varíola no Ceará no século 19* chama atenção para os anos de 1825 e 1845, segundo o médico os casos de varíola neste período apareceram nos *logares de aglomeração das vítimas da seca*.

<sup>180</sup> Jornal *O Cearense*, ano I, no. 1, pp 03-04. Fortaleza, 04/10/1846.

<sup>181</sup> Id. Ibidem.pp 03-04.

O editor se baseia no discurso do médico e dos naturalistas para reforçar sua opinião acerca da seca:

Se nossos comprovincianos soubessem que é reconhecido hoje por todos os naturalistas que os vegetais transpirão, e as vezes copiosamente .. que uma arvore de dez anos espalha em redor de si para mais de trinta libras d'agoa cada dia por distilação e que um chão desabridago de 3/2 pes quadrados perde diariamente 30 onças d'agoa<sup>182</sup>

Assegura que tais informações são ignoradas pelos agricultores e culpa a administração pela omissão:

as Câmaras Municipais nada tem feito sobre este ponto; e as nossas Assembleas Provinciais a penas tem creado empregos e impostos, e escogitado os meios de fazer gastar cada vez mais os redusidos rendimentos da provincia.<sup>183</sup>

Em artigo publicado na terceira edição, o editor relembra o desmatamento pelos agricultores, e aponta outros indivíduos na mesma ação. Refere-se inicialmente aos ditos *mattutos*, que derrubam as matas por banalidade, por um capricho na retirada de mel ou no combate a abelhas. E, por segundo, os escravos que cortam as árvores e arbustos verdes para lenha, em vez de utilizar os arbustos já expostos para esse fim.<sup>184</sup>

O editor transcreve trechos do discurso do médico sobre *a influencia dos bosques nas estações e climas*. O médico faz um estudo associando o desmatamento às secas, concluindo que, em países onde houve redução das matas, teve como consequência modificação do clima para quente, devido à baixa umidade. E assim sendo comum o aparecimento das febres relacionadas às inflamações. Neste caso, um alerta para o aparecimento das varíolas.

É publicado um terceiro artigo *As nossas matas*, com a orientação do discurso do médico, mais prolixo na tríade: desmatamento, menos umidade, escassez das chuvas.

Ainda associa o autor o desmatamento à insalubridade da cidade, pois afirma que *os miasmas dos charcos são por ellas [árvores] absorvidas, e o ar assim se purifica*.<sup>185</sup> Assim, justifica-se que, em períodos de estiagem, as doenças têm condições propicias para desenvolvimento já que as plantas não

<sup>182</sup> Id. Ibidem.pp 03-04.

<sup>183</sup> Id. Ibidem.pp 03-04.

<sup>184</sup> Jornal O Cearense, ano I, no. 3, pp 02-03. Fortaleza, 18/10/1846.

<sup>185</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 3, pp 02-03. Fortaleza, 21/01/1850.

podem purificar o ar. O aparecimento da epidemia de varíola, na seca de 1845, logo é associada ao período de estiagem.

Acompanhar a prática médica no combate e no tratamento à varíola, é perceber a enfermidade como constante, sob o aspecto endêmico, nas décadas de 30 a 50, ou na forma epidêmica, na seca de 1845. Para as duas formas, medidas distintas são adotadas pelas autoridades administrativas e médicas.

Segundo os médicos, em períodos endêmicos, a varíola aparece de forma mais branda. São as: *bexigas discretas, regulares ou benignas*. Iniciam pela febre nos quatro primeiros dias, em seguida, pelo surgimento de manchas vermelhas isoladas na pele, período em que a febre cessa e desenvolvem-se as manchas em pústulas, provocando dores e ardências. A partir do quinto e sexto dias, retorna a febre, classificada como *a febre de supuração*. E continua o sintoma até o oitavo dia, quando as pústulas secam.

Após constatação dos casos de varíola, a medida inicial é isolamento do doente. Para os médicos, a varíola é de caráter contagioso, sendo, pois, de extrema importância isolar o enfermo e pertences do convívio dos sadios. Para isso, conta a cidade de Fortaleza com o Lazareto da Jacarecanga, onde os bexigosos são tratados com bebidas emolientes, para combate à inflamação e à febre. Na dessecação das pústulas, são aplicados banhos com água morna para a retirada das crostas. O tratamento, na clínica da pobreza, do médico José Lourenço, consiste no *corte das bexigas* no período da supuração,<sup>186</sup> lanceta ou pela cauterização das pústulas com a dita *pedra infernal*.

A varíola incomoda não apenas o doente, mas também os que tratam da doença. O desagradável odor do pus das pústulas em erupção, o suor do corpo doente e a pouca higiene do local fazem com que o médico José Lourenço declare que as condições são empecilho para os que tratam dos enfermos, pois *a miséria acompanhada de enfermidades nojentas raras vezes excita esse zelo tão natural de quem abrange amor e estima; e sem lhe os bexingentos quase sempre conta com um feio ferimento*.<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades médicas para o Presidente da Província. Caixa não catalogada. Papéis avulsos. *Sobre os doentes tratados no Lazareto da Jacarecanga*. 21 de Janeiro de 1839. Ilmo Exmo Senr Manoel Felisardo de Souza Mello, Presidente da Província. José Lourenço de Castro e Silva. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

Além dos ferimentos expostos, outro incomodo para os que acompanham o tratamento dos enfermos é a expressão de sofrimento, pois conforme o médico:

um doente coberto de bexigas, q pela sua grande abundancia e confluência não apresentara um só ponto ileso em toda a superfície do corpo, um doente q não encontrara o menor alivio nas posições incessantemente procura, dando gritos agudos pelas dores q sofre; um tal doente na verdade em muito mão estado.<sup>188</sup>

Diante do sofrimento durante, no período endêmico da varíola, cabe às autoridades médicas e administrativas propagar métodos preservativos, isto é vacinação dos indivíduos.

Esse trabalho, na cidade de Fortaleza, não é ameno. Assim diz o cirurgião Joaquim da Silva Santiago que, desde a sua chegada, em 1826 até meados da década de 50, assume vários cargos – cirurgião mor da província, comissário vacinador – na função de propagador da vacina. Relata o cirurgião que, em períodos de alastramento da epidemia, há procura pela vacina. Aconteceu em 1825: *muita gente assombrada pelo espetáculo recente da mortandade e da miseria procurava preserva-se da peste por meio da vacina.*<sup>189</sup>

Com a diminuição dos casos de varíola, a procura pela vacina segue os mesmos passos. Assim, afirma o cirurgião que, em 1830, vacina 186 pessoas, em 1831, o número decai para trinta e, nos anos posteriores, a procura limita-se apenas a amigos e à tropa do quartel militar.

Para Silva Santiago, os problemas de propagação da vacina são: mudanças de administração que não dão continuidades ao trabalho, deixando muitas vezes faltar a vacina; o pus vacínico de péssima qualidade; e a não procura dos indivíduos pelo serviço.

<sup>187</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. Caixa não catalogada. Papéis avulsos. *Sobre os doentes tratados no Lazareto da Jacarecanga.* 4 de Agosto de 1841. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>188</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. Caixa não catalogada. Papéis avulsos. *Sobre os doentes tratados no Lazareto da Jacarecanga.* 5 de agosto de 1841. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>189</sup>Fundo: Câmara Municipal Período 1818/1845. Ala 20 estante 429 Caixa 37. Correspondência expedida e recebida pela Câmara Municipal de Fortaleza. *Ofício sobre ação do cirurgião Joaquim da Silva Santiago.* 3 de maio de 1834 Ao Ilmo Senr Francisco Pres da Câmara Municipal d'esta Cidade. Joaquim da S Santiago Cirurgião mor da província e do partido da Câmara. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

Para solução dessa última dificuldade, o cirurgião, em sessão da Câmara, apresenta a Postura da Câmara Municipal da Bahia, a qual pune os pais de família que não vacinarem seus filhos.

Adota-se semelhante ação pelas autoridades administrativas, em 1838. O presidente Manoel Felisardo de Souza Mello recomenda a Câmara Municipal adotar posturas que *imponhão aos chefes de família que por desleixo, ou prevenções deixarão de levar seus filhos, ou familiares a casa de vacina.*<sup>190</sup>

Crê o presidente que a vacina é o meio principal para evitar o desenvolvido da varíola:

felizmente a bexiga que desde o anno passado [1837] tantos estragos tem feito em algumas províncias do Império, respeitou esta, e para evitar que sua visita não nos seja grandemente fatal, continuarei a empregar todos os meios ao meo alcance para propagar a vacina.<sup>191</sup>

E assim, oficia, ao Cirurgião mor Silva Santiago e ao Juiz de paz da cidade, que ambos trabalhem juntos na execução da postura. O primeiro é encarregado de vacinar e informar, ao Juiz, os faltosos, para o segundo aplicar a punição.

Não é eficaz, porém, a aplicação da postura. Várias reclamações de médicos, cirurgiões e autoridades administrativas sobre a não procura pela vacina. Até mesmo, suspende-se a prática de postura pelo presidente Antônio de Miranda, que sucede a administração do presidente que a aprovou. O presidente reconhece a dificuldade da propagação da vacina, devido à resistência dos pais de família ao afirmar que o povo *não se tem ainda familiarizado com a vaccina.*<sup>192</sup> Não concorda com a postura, pois para ele é necessário *empregarrem-se todos os meios brandos [grifo meu] para que paulatinamente se obtenhão os resultados dessa descoberta tão útil à humanidade.*

<sup>190</sup> Livro 34.b Registro de ofícios expedidos pela presidência da província do Ceará as autoridades civis e eclesiásticas e as Câmaras Municipais. *Ofício A Câmara desta cidade p activar a vacina.* 10 e janeiro de 1838. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>191</sup> Falla que recitou o Presidente da Província do Ceará na ocasião da Abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1º. de Agosto do corrente anno(1838).

<sup>192</sup> Discurso que recitou o exm. sr. doutor João Antonio de Miranda, presidente desta província, na ocasião da abertura da Assembléia Legislativa Provincial no dia 1.o de agosto do corrente ano. Ceará, Typ. Constitucional, 1839.

Meios brandos não combinam com o rigor da postura, que não é posta em prática, em determinados períodos, por opção administrativa, no caso específico, ou ainda por inviabilidade da ação dos juizes de paz.

O último caso é apontado pelo presidente Joaquim Coelho em relatório de 1841. O presidente atribuiu a permanência dos casos de varíola à falta de empenho dos Juizes de Paz, no cumprimento da Postura 60 e ao desinteresse dos pais de família em *apresentar no oitavo dia seus vacinados para extração do necessário pus*.<sup>193</sup>

O presidente elogia o Cirurgião José da Silva Santiago pelo trabalho de propagação da vacina, que não terá êxito, se os vacinados não se revacinarem, atribuindo a responsabilidade aos juizes de paz, que não obrigam os pais de família, e estes por desobediência à lei.

Por sua vez, o cirurgião José da Silva Santiago explica, ao presidente, que tem dificuldades na execução do trabalho. A primeira é recorrente na fala dos presidentes: trata-se do desinteresse dos indivíduos na procura pela vacina e, por segundo, por ter sido destituído do cargo, cujas funções assume o médico José Lourenço. O cirurgião declara que pouco é feito em sua ausência. Informa: *em consequência disto não continuei a vacinar, e não tendo o dito Medico tomado sobre si esta incumbência, extingui-se a vacina*.

Após assunção do cargo, durante a presidência de Martiniano de Alencar, Silva Santiago afirma que o número de 440 vacinados ainda é ínfimo relativamente à população da capital. De acordo com o mapa, dos 440, 105 não comparecem, no oitavo dia para a coleta e recebimento do pus variólico, comprometendo a eficácia da vacina.

## QUADRO 2

---

<sup>193</sup> Discurso recitado pelo ex.mo senhor brigadeiro José Joaquim Coelho, presidente e commandante das armas da província do Ceará, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, no dia 10 de setembro de 1841. Pernambuco, Typ. de Santos & Companhia, 1842.



<b>N.º 5.</b>				
<b>Mapa dos Individuos Vaccinados desde o 1.º d' Agosto de 1840 até 30 de Junho de 1841.</b>				
<b>INNOCENTES.</b>	Branços.....	117	<b>Observações.</b>	
	Pardos.....	145		
	Indios.....	25		
	Pretos.....	39		
	Cafuz.....	39		
<b>ADULTOS.</b>	Branços.....	16	Tiverão Vaccina verdadeira....	306
	Pardos.....	36	Não comparecerão.....	105
	Indios.....	3	Forão Vaccinados.....	29
	Pretos.....	15		
	Cafuz.....	5		
	<b>440</b>		<b>Somma.....</b>	<b>440</b>
<b>SEXOS.</b>	Masculinos.....	207		
	Femininos.....	233		
	<b>Somma.....</b>	<b>440</b>		

Fonte: Discurso recitado pelo ex.mo senhor brigadeiro José Joaquim Coelho, presidente e commandante das armas da provincia do Ceará, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial, no dia 10 de setembro de 1841. Pernambuco, Typ. de Santos & Companhia, 1842. p40.

É comum afirmar o bom resultado das vacinas. O presidente Souza Mello diz *que em nenhum só dos vaccinados aparecerão a respectivas pústulas*<sup>194</sup>

Silva Bitancourt fala que *a providencia, que vigilante preside aos destinos do Brasil, tem affastado desta Província a ceifadora bexiga*. Mas não se nega a exaltar os benefícios da vacina:

cuidados assíduos tem sido empregados para propagar a vaccina, mas debalde se clama que aquelle mal fuge a vista d'este poderoso socorro, o povo tem sido surdo a essas vozes bem-fazejas. Muitos esforços tem conseguido vaccinar alguns individuos na Capital; mas he tal a repugnância, que traz a ignorância do bem-ser, que o puz se perde.<sup>195</sup>

Um ano antes da epidemia de varíola, a não procura pela vacina permanece. É o que explica Silva Bitancourt:

<sup>194</sup> Falla que recitou o Presidente da Província do Ceará na ocasião da Abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1.º. De Agosto do corrente anno(1838).

<sup>195</sup> Relatório que á Assembléa Legislativa Provincial do Ceará, apresentou na sessão ordinária no dia 1.º de junho de 1843, o ex.mo presidente e commandante das armas da mesma provincia, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt. Ceará, Typ. de José Pio Machado, 1843.

A vaccina, preservativo d'hum dos males mais mortíferos, e que por tanto tempo ceifou milhares de victimas, he despresada quase geralmente na Província; e até na Capital são infructiferos os esforços do Governo, e do Professor Joaquim da Silva santiago, encarregado de a distribuir, como vereis no Mappa, que junto sob n 10. Felizmente esse flagello não tem apparecido, pois que bem caro teria a ignorância de pagar sua obstibação.<sup>196</sup>

Comparando os mapas, observa-se acentuada diminuição pela procura do preservativo. Pelo mapa n° 5, em 11 meses de vacinação, 440 indivíduos recebem a vacina. Conforme o mapa n° 10, em 12 meses, o número de vacinados não ultrapassa 79 indivíduos.<sup>197</sup>

### QUADRO 3

<sup>196</sup> Relatório do ex.mo presidente e commandante das armas da província do Ceará, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial no 1.o de julho de 1844. Ceará, Typ. Cearense de J.P. Machado, 1844.

<sup>197</sup> O leitor deve ter percebido no mapa o item: *tiverão a vaccina verdadeira*. Diante desta estatística será necessário fazer uma breve explicação sobre as tipologias das vacinas para entender a natureza verdadeira e falsa. Segundo o formulário médico do Dr. Chernoviz a Vacina é *Erupção de um ou mais botões produzida pela introdução do fluido vaccinico. Nos primeiros dois dias observam-se apenas os caracteres inseparáveis de qualquer picada*.p1182 Verbetes vaccina. A partir de então, podem se desenvolver dois resultados da vacina: a vacina verdadeira e preservativa ou a falsa vacina. O primeiro caso é a almejada pela medicina o qual após o terceiro dia da aplicação até o décimo quinto desenvolve uma pústula com um fluido transparente que se transforma em caráter leitoso até a seca total da pústula. Já o segundo caso, logo no terceiro dia da aplicação surge as pústulas desiguais com fluido amarelado e a menor pressão exercida sobre são imediatamente rompidas e secando-as. Sendo a vacina falsa não preservativa. Segundo os médicos a falsa vacina pode se desenvolver sem causas determinantes, mas ordinariamente em indivíduos já vacinados, ou que já tenha tido varíola.

**N.º 10.** — MAPPA dos indivíduos vacinados desde 22 de Junho de 1843 a 30 de Maio do corrente anno.

		Resultado da Vacinação.	
Branços . . . . .	21	Tiverão vaccina verdadeira	36
Indios . . . . .	6	Forão revaccinados . . . .	29
Pardos . . . . .	26	Não comparecerão. . . . .	14
Pretos . . . . .	18		
<hr/>			
Branços. . . . .	3		
Indios . . . . .			
Pardos . . . . .	2		
Pretos . . . . .			
	<b>Somma . . .</b>		
	79		
<hr/>			
Masculinos . . . . .	33		
Femininas . . . . .	41		
	<b>Somma . . .</b>		<b>79</b>

Fonte: Relatório do ex.mo presidente e commandante das armas da província do Ceará, o brigadeiro José Maria da Silva Bitancourt, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial no 1.o de julho de 1844. Ceará, Typ. Cearense de J.P. Machado, 1844. p30.

O mapa anterior refere-se ao último semestre de 1843 e aos cinco primeiros meses de 1844. Até então, tempo de tranqüilidade. Os casos de varíola, em 1844 aumentam, tornando-se epidêmicos, associados à seca do no mesmo ano.

Os primeiros casos da varíola epidêmica são tratados pelo médico Castro Carreira. Em 1845, ano de seca, provável ano de epidemia, sob suspeita, solicita o presidente da província que o médico visite os bexiguentos, na casa do senhor José Manoel.<sup>198</sup> Lá, duas crianças com *exanthema de pelle*, - manchas vermelhas na superfície da pele - espalhada por todo o corpo que porventura pode provocar esfoliação da epiderme, sintomas parecidos com a varíola benigna.<sup>199</sup> O médico tranqüiliza os que acreditam ser o início de casos de varíola, afirmando que não se trata de bexigas pestilentas e que as

<sup>198</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papeis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. Caixa não catalogada. Papéis avulsos. *Sobre a visita a casa de José Manoel*. 5 de setembro de 1845. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>199</sup> CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia medico*: contendo a descripção dos medicamentos, as doses, as moléstias em que são empregados, as plantas medicinaes indiginas do Brazil, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico e muitas informações úteis. 15ª. edição, Pariz: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz, 1892. Verbetes Exanthema p 971.

*exanthenas de pelle são freqüentes em períodos de calores que ora temos e que tal enfermidade não oferece perigo de contágio, não sendo necessário isolá-los.*

Ainda em Setembro, Castro Carreira observa os primeiros casos epidêmicos de varíola confluentes no lazareto da Jacarecanga. Informa que dos de pacientes, dois se restabelecem e retornam a suas casas. Falece o senhor Vicente Alves. Pouco se pode fazer para evitar a morte do paciente, pois o mesmo tem *bexigas confluentes, e desde o principio manifestarao-se de mão caracter*.<sup>200</sup> Desta forma, o médico tranqüiliza as autoridades administrativas, informando teve sido um caso singular e gravíssimo e pouco havia de fazer. Mas alerta o presidente da província para enviar mantimentos ao Lazareto, pois, caso mais algum doente procure o estabelecimento, é necessário provê-lo.

A ação médica também consiste na vigilância das embarcações, por isso são convocados, pela Câmara Municipal, o médico Castro Carreira e os dois cirurgiões, Silvério Jose da Cruz e Joaquim da Silva Santiago, para analisar as embarcações recém chegadas e constatar a presença de doentes e relatar as condições higiênicas. Para alívio da administração, das embarcações apenas os gêneros alimentícios encontravam em *ruínas*.<sup>201</sup>

Em Outubro, a procura pelo Lazareto aumenta. Propagam-se os casos de *varíola confluentes*, com os mesmos sintomas das bexigas discretas, mas com maior intensidade. As confluentes diferem da anterior, pois as pústulas ulceram e deixam marcas por vezes permanentes. Castro Carreira reclama que muitos não completam o tratamento. Argumenta o médico que *talvez por falta de meios, sobretudo de um estabelecimento, onde se seja as observações*.<sup>202</sup> Denuncia que o espaço do lazareto não é mais suficiente e, apesar das adversidades, fica satisfeito com o reduzido número de óbitos.<sup>203</sup>

---

<sup>200</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades médicas para o Presidente da Província. *Sobre os doentes do Lazareto da Jacarecanga*. Setembro de 1845. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>201</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades médicas para o Presidente da Província. 29 de outubro de 1845. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>202</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades médicas para o Presidente da Província. *Sobre os doentes do Lazareto da Jacarecanga*. Outubro de 1845. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>203</sup> Acompanhar os trabalhos do médico no período da epidemia de varíola torna-se difícil devido a mutilação dos mapas estatísticos dos doentes pobres tratados por Castro Carreira.

A enfermaria solicitada pelo médico é construída pelo presidente Ignácio Correa e funciona em meados de maio de 1846. A *Infermaria de caridade* tinha o intuito principal de acolher grande número de enfermos, em consequência da estiagem. O Presidente informa que, a partir deste edifício, pudesse construir um hospital de caridade, pois *a caridade publica reclamava de vós a criação de um hospital em que os pobres e desvalidos fossem tratados como pedia a humanidade.*

Em um ano de funcionamento, passam pela enfermaria 344 doentes, dos quais se restabelecem 277, morrem 45 e ficarão em tratamento 22 enfermos. Diz o presidente Ignácio Correa: *a despeza, que de presente se faz com o pessoal desta infermaria, é mui módica e tem sido fornecido pelos socorros públicos, a cargo dos cofres gerais.*<sup>204</sup>

Logo providencia os fundamentos de um Hospital de caridade cuja obra se acha muito adiantada. Para isso, utilizam-se recursos provenientes da seca passada, pois já que o inverno dá os primeiros sinais, antes aplicar o dinheiro em obra de caridade, em vez de *fazel-os distribuir e desaparecer immediatamente pelo seo consummo.*

Para outros presidentes, a quantia para manutenção da enfermaria e continuidade da construção do hospital não é tão módica. O presidente Augusto de Aguiar informa a inviabilidade de recursos para a construção iniciada pelo presidente anterior, Correa de Vasconcelos:

Uma extensão de 315 palmos de frente conta 20 janellas, e uma elegante e nobre entrada; tendo de fundo 107 palmos, conta do lado de Liceo 6 janellas e uma porta de entrada para elle; e do lado opposto o mesmo numero de janellas. As portas de todas as janellas na sua maior altura tem treze palmos com seis de largura, e as das entradas tem altura desoito, ficando a do hospital com dez de largura, e a do Liceo com oito. Contem de mais três infermarias para homens pelo lado do mar, e uma para mulher, pelo de terra com cem palmos de comprimento, e vinte oito de largura; duas sallas para operações, com quarenta de frente, e trinta e cinco de fundo; uma entrada com quarenta e seis de frente e o mesmo fundo das outras; dous grandes quartos com vinte oito de frente, e trinta e dous de fundo para arrecadação de utencilios do hospital: quatro quartos com vinte sete de frente e desesseis de fundo para moradia de enfermos, e outros diversos misteres, uma varanda do lado de detraz

<sup>204</sup> Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Ceará pelo presidente da mesma província, o coronel graduado Ignacio Correia de Vasconcellos em o 1.o de julho de 1847. Ceará, Typ. Fidelissima de F.L. de Vasconcellos, 1847.

sobre columnas com cento e trinta palmos de frente e trinta e hum de fundos; quintal com poço no centro, cozinha &. <sup>205</sup>

Decerto, o plano é grandioso e atende as exigências de salubridade médica, com janelas e portas amplas, em grande quantidade, para a circulação e renovação do ar. Mas a grandeza do plano não é compatível com os recursos disponíveis, sendo necessário repensá-lo.

Ao fim da seca e dos casos de varíola, a enfermaria de caridade é desativada. É o que informa o presidente Augusto de Aguiar: *a enfermaria para os indigentes creada n'esta cidade por ocassião da ultima secca já não existe.* <sup>206</sup>

O cargo de médico da pobreza permanece provido com o *vencimento annual de um conto de reis*, mas a quantia destinada à compra de medicamentos para os doentes pobres não é mais fornecida. Explica o presidente Augusto Aguiar que as finanças da província encontram-se em déficit e, mesmo compreendendo a necessidade de manter o abastecimento dos remédios, declara que não poderá continuar a fazê-lo:

pesando actualmente sobre a provincia uma grande divida contrahida, e tendo ella diante dos olhos um deficit avultado, e por outro lado sendo aqui facil colher nos campos sem despendio algum os vegetais medicinaes applicado nos casos ordinarios, e mesmo sendo em geral baixo o preço dos medicamentos, resulta a rasão de economia prepondera mais do que a de philantropia, sendo que pouco poderão os pobres aofferer com a suppressão proposta, mormente dando-lhes a provincia, como lhes dà, gratuitamente o tratamento medico, que é sempre o mais custoso, e o que realmente excedeas possibilidade das classes indigentes. <sup>207</sup>

Ao contrário do que diz a fala anterior, a redução de verbas da saúde pública reflete diretamente na ação do médico. Reduz-se o número de doentes assistidos pelo médico da pobreza, pela extinção da enfermaria e pelo fim do contrato com o farmacêutico, com conseqüente a não distribuirão de medicamentos.

dos mappas no. 6 que deixo sobre a mesa, vereis o número de doentes-pobres, que tem sido tratados pelo médico da pobreza, desde que deixarão de ser tractados na enfermaria, isto é, desde o 1º.

<sup>205</sup> Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Ceará pelo excellentissimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da provincia, em o 1.o de julho de 1849. Ceará, Typ. Cearense, 1849.

<sup>206</sup> Id. Ibidem.,

<sup>207</sup> Id. Ibidem.,

de novembro do anno passado [1847] até 31 de maio do corrente anno[1848]<sup>208</sup>

#### QUADRO 4

**N.º 6. — QUADRO** estatístico dos doentes tratados desde Janeiro (\*) até a data deste.

Homens . . . . .	55	Curarão-se . . . . .	58
Mulheres . . . . .	62	Não completarão o tratamento. 18	
		Morrerão . . . . .	8
		Continuão em tratamento. . . . .	33
	117		117

(\*) Convem observar, que no mez de janeiro foi limitadissimo o numero dos doentes, apenas tratarão-se 4, isto em consequencia de não haver naquelle mez contracto feito com o pharmaceutico, para o fornecimento dos medicamentos; por consequente pode-se dizer que os doentes tratados principiarão a ser de fevereiro a maio.

Ceará, 10 de junho de 1848.

*Dr. Liberato de Castro Carreira,*  
Medico da pobreza.

**FONTE:** Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Ceará pelo excellentissimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da província, em o 1.º de julho de 1849. Ceará, Typ. Cearense, 1849. p37

Sem local apropriado para atendimento aos enfermos e sem medicação, a ação do médico da pobreza restringe-se cada vez mais à clínica particular.

Acabado o período epidêmico, o quadro das ações referentes às ações de saúde pública torna-se precário e pontual, pelo fechamento da enfermaria, diminuição de medicamentos dos pobres e reduzida vacinação (mapa seguinte).

<sup>208</sup> Id. Ibidem.,

## QUADRO 5

N.º 7 — MAPPA das pessoas vaccinadas do 1.º de Janeiro a 30 Junho de 1848

		RESULTADO DA VACINA.	
Habentes.	Branco . . . . .	40	Tiverão vaccina regular . . . . . 67
	Indios . . . . .	6	
	Pardos . . . . .	10	
	Negros . . . . .	4	
Adultos.	Branco . . . . .	15	Forão revaccinados . . . . . 14
	Indios . . . . .	6	Não comparecerão . . . . . 53
	Pardos . . . . .	51	
	Negros . . . . .	2	
		134	134
Sexos.	Masculino . . . . .	106	
	Femenino . . . . .	28	
		134	

**OBSERVAÇÕES.**

Nenhum acommettimento de incômodo houve nas pessoas que vacinai durante a marcha da vaccina.

Existem 20 pares de laminas com pus vaccinico, que extrahi das pessoas que vacinai, e temo perdê-las por falta de concorrência de pessoas que queirão vaccinar-se.

Ceará, 3 de Julho de 1848.

Joaquim da Silva San Tiago,  
Commissario vaccinador Provincial.

Fonte: Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Ceará pelo excellentissimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da provincia, em o 1.º de julho de 1849. Ceará, Typ. Cearense, 1849. p38

Ao lado da ação pontual referente às questões de saúde pública, outras ações devem ser pensadas para sanar os problemas sociais causados pelos retirantes da seca que permanecem na cidade, mesmo quando o médico Castro Carreira informa, no fim do ano de 1845, não haver mais varilosos no Lazareto da Jacarecanga.<sup>209</sup>

A primeira medida solicitada pelo presidente, ao médico, é que o mesmo dê parecer sobre o local escolhido para a construção de casas para retirantes. Assim, mais uma vez, unem-se o médico Castro Carreira e os cirurgiões Silvério d’Cruz e Silva Santiago para pensar o local e a estrutura das casas.

O local escolhido é o campo da Amélia, segundo especialistas, melhor lugar da cidade não há, pois, além de extenso espaço, as condições higiênicas são perfeitas, com o terreno a sotavento da cidade, livre de qualquer emanação perniciosa. Depois, por estar nas proximidades do mar, os indivíduos encontram água potável e para o banho, essencial para os preceitos de

<sup>209</sup>Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Offícios expedidos e recebidos das autoridades medicas para o Presidente da Província. *Sobre os doentes do Lazareto da Jacarecanga*. 22 de dezembro de 1845. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC



higiene, e ainda: é mais segurança do que propriamente higiene, segundo o médico, por ser pouco habitado o local, o que separaria assim esta pobreza da que já existe na cidade facilita as investigações policiais necessárias.<sup>210</sup>

Assim, há preocupação não apenas pelo local com condições higiênicas, e pela necessidade de afastar a pobreza do centro e vigiá-la. De fato, a construção e estrutura das casas são preocupações dos médicos.

Segundo os médicos, é mais interessante, em vez de casas de palhas, como tantas na cidade, construir uma ou mais casas, conforme a necessidade, porém de *grande comprimento e pouca profundidade*, para resolver possíveis problemas de higiene: com pouca profundidade, é fácil lavá-las; mais segurança, com as famílias na mesma casa dividida em compartimentos, tornando-se mais fácil vigiá-las. Tais afirmações são reforçadas, à afirmação de que:

Sendo esta gente pouca asseados, além do seu infortúnio, não têm muito espaço, ou esconderijos onde possam depor alguma matéria suscetível de corrupção, o que não acontece se eles tiverem unicamente o espaço onde possam livremente estar, por que então procurarão depor aquilo que não precisam em lugar não os incommodos.<sup>211</sup>

Desconhece-se se as medidas são efetivadas. Vale ressaltar a ação médica em assuntos de saúde pública. Por vezes, marcada por uma estrutura pontual e precária. Apesar da adversidade, as preocupações dos médicos são propagadas, discutidas e, por vezes, praticadas.

---

<sup>210</sup> Caixa não catalogada: Saúde Pública. Papéis avulsos. Ofícios expedidos e recebidos das autoridades médicas para o Presidente da Província. *Sobre a construção das casas para retirantes*. 19 de Janeiro de 1846. Arquivo Público do estado do Ceará - APEC.

<sup>211</sup> Id. Ibidem..

### 3.2 Dúvidas e expectativas.

O ano de 1850 é marcado pela epidemia de febre amarela em algumas províncias. Na corte, mais de um terço da população contrai a doença.<sup>212</sup> Surgem casos nas províncias da Bahia, Pernambuco e Pará. E para muitos, a chegada da febre no Ceará é questão de tempo.

As notícias da epidemia ganham destaque na imprensa local. O periódico *O Cearense*, no fim de 1849 e meados de 1850, publica artigos apontando a febre nas províncias.

O periódico alega realizar tarefa da administração pública: divulgação das causas, efeitos e remédios para prevenção da população. Afirma o periódico: *Chamamos de novo a atenção, si não do presidente, chefe de policia, e mais auctoridade que não se importão, ao menos do publico para as seguintes medidas publicadas pelo Diário de Pernambuco*. E assim, conselhos e experiências sobre a salubridade pública são noticiados mensalmente, com recorrência das solicitações para: 1) limpeza das casas e ruas; 2) selecionar o tipo, qualidade e quantidade dos alimentos; 3) aplicação de banhos frios para prevenir as febres, enfim medidas para evitar a inspiração de miasmas e contenção de excesso dos corpos.

Além de criticar a não propagação das medidas de salubridade, a Folha denuncia a ausência de fiscalização das embarcações provindas de localidades afetadas por epidemias. O editor informa que, em 3 de março de 1850, aporta na cidade de Fortaleza a embarcação *Califórnia*, dos Estados Unidos, onde o *cólera morbus* se propaga. O vapor fica à espera da fiscalização que não comparece, com desembarque.

À tarde, outro vapor, *São Sebastião*, do Sul, também não é vistoriado, passageiros e pertences não são desinfetados. Rumores dão conta de três doentes da febre a bordo.<sup>213</sup>

O editor exige, ao presidente Fausto Aguiar, vistorias de embarcações, malas e pertences de passageiros sejam desinfetados, e questiona a existência do provedor da saúde Castro Carreira, que não fiscaliza as embarcações.

---

<sup>212</sup> CHALHOUN, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p61.

<sup>213</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 312, pp01-02. Fortaleza, 07/03/1850.

A crítica do médico da pobreza é que *o sr. Carreira já nos dices que o regulamento não manda taes cousas* [fiscalização]. Questiona o editor: *o que fazer?* Respondendo em seguida: *Appellarmos para a misericórdia divina*. Encerra a reclamação com a publicação de carta do médico pernambucano Mello Moraes, que descreve as ruas de Pernambuco flageladas pela epidemia de febre amarela, com o intuito de alertar que o mesmo poderá acontecer na cidade de Fortaleza.

Faz horror, causa do passear nas ruas desta cidade: em umas casas vêem-se todas as pessoas affectadas da peste, n'outras os médicos e padres que entao a toda pressa; em algumas amortalhando se corpos. As procissões de interro, e do S. S. crusao as ruas; em fim do semblante da raça humana nesta praça so respira tristesa.<sup>214</sup>

Após dez dias da publicação do artigo, são dados os *Conselhos as famílias sobre o comportamento que devem observar durante as epidemias no Rio de Janeiro*, considerando as embarcações e os estrangeiros propagadores de febre, ao afirmar-se que:

A febre amarella, que principia a reinar epidemicamente n'esta cidade, accomette de preferênciã as pessoas recém chegadas de países estrangeiros, marinheiros e outros individuos não climatados, ou não habituados às influencias de temperatura, e outras especiaes ao climado nosso pais: que ella se desenvolve a bordo dos navios e em terra, nos lugares onde costumao reunir se e pernoitar marinheiros.<sup>215</sup>

Diz à imprensa que tem como finalidade *tranquilisar o espírito do povo*. Mas, para a parte acusada de negligência - a administração pública - esta afirma que não passa de exageros. Ressalta Castro Carreira que:

estamos authorisado a declarar que ainda não aportou as nossas praias pessoas alguma affectada das febres, que gração no sul e por isso inteiramente falso tudo quanto respeito tem publicado o Cearense, que não sabemos com que fim procura incutir o terror no animo da população.<sup>216</sup>

O médico tenciona negar a existência de três afetados pela febre, denunciados pelo *O Cearense*, e acusa a Folha por propagar o terror. Ao certo, Castro Carreira refere-se à carta do médico Mello Moraes que, em tom de alarde, descreve o cotidiano da cidade.

<sup>214</sup> Id. Ibidem.,p01-02.

<sup>215</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 312, pp01-02. Fortaleza, 17/03/1850.

<sup>216</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 314, p04. Fortaleza, 14/03/1850.

O presidente da Província Fausto Aguiar se defende das acusações publicadas pelo periódico: [Tem] *sido solicitado em fazer observar com rigor todas as medidas sanitárias ao alcance da administração*. Em relação aos passageiros das embarcações:

[destinou] o pequeno edifício nacional situado no lugar denominado – Jacarecanga - a sotavento da cidade para serem ahi conservados em observação, durante o tempo conveniente, os passageiros vindos de portos infeccionados.<sup>217</sup>

Ainda rebate as críticas ao médico Castro Carreira, informando que o mesmo há *prestado mui valiosa coadjuvação pela actividade e zelo, com que tem desempenhado as funções do seu cargo, indo mesmo além do que lhe incumbe a lei*.<sup>218</sup>

Em primeiro momento, observam-se conflitos entre a imprensa e a administração pública, a primeira acusa a segunda de omissa nas práticas preventivas contra o *contágio* da febre amarela. Justificando a reclamação: *não é espírito de opposição que nos move neste caso, é unicamente o bem de todos, e o direito que o publico tem a exigir da autoridade publica, que seja activa, e vigilante em um negocio que affecta tão de perto nossa vida*.<sup>219</sup>

Quanto à administração pública, as falas do médico Castro Carreira e do Presidente Fausto Aguiar: as ações para prevenir são postas em prática e a oposição tem finalidade apenas de assombrar a população que não padece do mal.

Os discursos têm a finalidade política de desautorizar opositor. Lembramos que o periódico e proprietários não fazem parte da coligação política da situação. Pois, outrora, Castro Carreira publica experiências e é elogiado pelos mesmos que, em 1850, o criticam, pelos seus escritos e prática médica, ao afirmarem: *o medico tem carta branca para matar gente, como não poderá assinar as regras grammatica*.<sup>220</sup> Sobre acusações de assassinato, aguarde-se o momento adequado para discussão.

Em meados de maio de 1850, devastam, a província do Ceará, casos de febres intermitentes e gástricas, situação comum, devido ao período

<sup>217</sup> Relatório com que excelentíssimo senhor doutor Fausto Augusto de Aguiar, presidente da província, abriu a 1.a sessão da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1.o de julho de 1850. Ceará, Typ. Cearense, 1850.

<sup>218</sup> Id. Ibidem.

<sup>219</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 312. Fortaleza, 07/03/1850.,pp01-02.

<sup>220</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 314. Fortaleza, 14/03/1850, p04.

chuvoso dos meses de março, abril e maio. Para alguns, são os primeiros casos da febre amarela no Ceará. Castro Carreira, concordando com a primeira hipótese, afirma que *a dois meses seguramente grassa entre nos a febre gastrica, que tem sido constante nesta quadra desde 1846.*<sup>221</sup>

A discordância na origem da febre também aparece na fala do presidente Silveira Mota que, um ano após a primeira discussão, em 1851, reafirma que:

Reinão n'esta capital há mais de um mez umas febres de character benigno sobre cuja natureza discordão os médicos. O que porem não admite duvida é que, como agora, em todos os fins de inverno apparecem febres ora de character intermitente ora pernicioso.<sup>222</sup>

Para Castro Carreira, as febres do ano de 1851 não são tão benignas como as do ano anterior, porém com reduzido número de falecimentos, restritos às crianças sem tratamento regular. Pela análise das falas, é um ano de espera da epidemia de febre amarela, nada tranqüila. O primeiro a se manifestar, na imprensa, diferenciando as febres reinantes das que se alastram pelas demais províncias, é Castro Carreira.

O médico descreve os sintomas da febre: *o seo character é sempre o mesmo; febre mais ou menos intensa, dores de cabeça, e corpo; lingua saburrosa vomito, em alguns casos, de matérias biliosas, uns diarrhea, em outros constipação de ventre.* [grifo meu].<sup>223</sup>

Para o médico, além dos sintomas, o que difere a febre gástrica da febre amarela é que aquela atinge, as crianças, pelas características comuns das febres gástricas, e a febre amarela poupa-os. Há outra diferença, para o médico, essencial: o tratamento, para as febres gástricas, o emético, para a febre amarela, prejudicial. Diz o médico que nenhum doente tratado por ele faleceu, com exceção dos casos agravados pela não procura de especialista.<sup>224</sup>

Afirma que:

Não tenha esta a medicação mais geral, de que me tenho servido [emético], e sim a homeopatia; porem naquelles doentes, a quem tenho aplicado, um so vomitório os tem restabelecido: mas como não é possível vacilar entre uma dose homeopática ( em geral uma so

<sup>221</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 327. Fortaleza, 02/05/1850, p03.

<sup>222</sup> Relatório do exmo. Presidente Silveira Motta Presidente da Província do Ceará à respectiva Assembleia Legislativa, na Abertura da 1ª. Sessão Ordinária em 7 julho de 1851. Ceará: Tipografia Cearense, Praça Pedro II.

<sup>223</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 327, p03. Fortaleza, 02/05/1850.

<sup>224</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. *Descrição da epidemia da febre amarella na Provincia do Ceará em 1851 e 1852.* Rio de Janeiro. Typ. de N.L. Vianna Junior, Rido de. 1853

dose é sufficiente para a cura), e um vomitório, por isso tem sido adotada, máxime em crianças, a quem é tão difícil fazer tomar as acres doses da allopathia, como são suaves a salutareas as homeopáticas.<sup>225</sup>

Mesmo acreditando ser febre gástrica, o médico não descarta a possibilidade de torna-se febre amarela, ao argumentar que:

devemos lembrar, que a febre amarella foi na Bahia e Rio de Janeiro por muito tempo tida e confundida, alias por hábeis médicos com a febre gástrica, e talvez o pouco cuidado, e desprezo, que se da a esta moléstia, fosse a causa da mudança de caracter, que juncto a outras causas, depois tomou a epidemia.<sup>226</sup>

Para Castro Carreira, o desprezo é fruto da familiaridade das pessoas com a febre gástrica e intermitente, de caráter benigno, que surge logo após as chuvas. Chega a afirmar que diante do uso constante dos eméticos, *o povo de tal sorte, que já não procurava medico para o tratamento desta moléstia.*<sup>227</sup> Diante da constatação, Castro Carreira solicita que os enfermos procurem o médico para tratamento adequado. Demonstra preocupação pela manipulação dos eméticos pela população sem orientação médica.

Há dificuldades, entre médicos, em perceber a diferença entre a febre gástrica e a amarela. Comparando os sintomas, há-os semelhantes. Na febre amarela, segundo o artigo *Pará, Consulta médica*, publicado no jornal O Cearense:

Os symptoms da bastarda são os seguintes: **dores de cabeça** mais ou menos intensas, quase sempre occupando as regiões supra orbitárias, **dores contuzivas nos membros inferiores, e nas regiões, dorsal, e lombar** [corpo], câimbras, frio nos pés e mãos, horripilações, as quaes se segue calor mais ou menos forte, **febre**, anciedade, **dor no ventre** as mais das veses no fígado e estomago, náuseas algumas veses **vômitos** ora brancos, ora **beliosos**, pelle seca e arida, olhos avermelhados, rosto afogueado, hálito fedido com um cheiro especial, linguasaburosa, humida, e com as bordas avermelhadas, boca secca e pastosa, sede rara, urina escassas e carregadas. [grifo meu]<sup>228</sup>

Devido à gravidade da febre gástrica, na província do Ceará, e a dificuldade de diagnóstico, rumores se propagam que a epidemia de febre amarela chega à cidade.

<sup>225</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 327, p03. Fortaleza, 02/05/1850.

<sup>226</sup> Id. Ibidem.

<sup>227</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit., p3

<sup>228</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 325, p04. Fortaleza, 25/04/1850.

Para Castro Carreira, é impreciso detectar a origem e causa da febre amarela. Uns atribuem à embarcação *S. Sebastião*, que retorna a atracar, em 4 de Junho de 1851, oriunda do Norte, especificamente do Maranhão, onde, há poucos dias, se declara o contágio da epidemia. Um doente da embarcação estabelecera contato com filho do Dr. Rocha, à noite, o filho e familiares são atingidos por febres.<sup>229</sup>

Castro Carreira nega tal possibilidade, dizendo que no *1º. do mesmo mez já tinha morrido um filho do Sr. Luiz Vieira com vômitos pretos.*<sup>230</sup> Concordo com o médico no que se refere à impossibilidade de precisão do início da epidemia. Mas há interesse do mesmo de desvincular o aparecimento da epidemia das embarcações, já que o mesmo é responsável pela fiscalização.

Em junho, registram-se oficialmente dois casos de vômitos pretos, e incidência de febres intermitentes em Abril. Também suspeita de outros casos de febre amarela faz o Sr. Candido José Pamplona, vizinho do Sr. Rocha, chamar atenção dos médicos, com informação de que, há 4 dias, ele, esposa, filho e cunhada têm sentido *dores intensas de cabeça, grande prostração e dormência nas pernas e braços, vômitos pertinazes, dores no estomago e ventre, cor ictérica da pelle e algumas contrações nervosas, etc.*<sup>231</sup> Sr. Candido convoca o médico, pois crê tratar-se da febre amarela. Afirma haver lido a publicação das experiências da febre realizadas pelo médico Rego da província do Maranhão. E afirma para Castro Carreira: *se é febre amarella, a que se acha aqui discripta e grassa no Maranhão, então eu e minha família a temos, porque sinto exactamente, o que se acha aqui discripto.*<sup>232</sup> Informações de sintomas, causas e tratamento da moléstia circulam, apropriados pelos leitores da imprensa, que recorrem aos médicos, diagnosticados por conta própria.

---

<sup>229</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit., p 4

<sup>230</sup> Id. Ibidem. p 4.

<sup>231</sup> Id. Ibidem., p 5.

<sup>232</sup> Id. Ibidem., p 5.

### 3.3 A epidemia de febre amarela.

Diante de conflitos acerca da natureza das febres, o presidente Almeida Rego antecipa a reunião da Assembléia para Outubro, devido ao *estado calamitoso e assustador em que se achava esta capital por ocasião do flagelo da febre amarela.*<sup>233</sup>

O mês de Junho é marcado pelos conflitos médicos sobre o caráter das febres na cidade, reafirmando o presidente: *sobre sua natureza divergião os médicos a principio, considerando-a uns como uma simples febre gástrica, e outros como febre amarella.*<sup>234</sup> Com o surgimento de vômito preto, a discordância chega ao fim, não restando mais duvidas entre os médicos de que se tratava de febre amarela que acometia *um grande numero de vitimas, não só habitantes desta cidade, senão também em alguns sertanejos e estrangeiros.*

O presidente Almeida Rego tranqüiliza a população, ao informar que os casos registrados, nos meses de julho, agosto e setembro, apesar de terem sido de febre amarela, *a mortandade foi em pequena escala.* Para reforçar a afirmativa, utiliza o mapa produzido pelo Secretario Interino do governo, o Sr. Manoel Francisco de Paula Barros, acrescentando que, dos 6 mil doentes registrados no período, confirmam-se apenas 216 mortos.<sup>235</sup>

---

<sup>233</sup> Relatório do exmo. Presidente Silveira Motta Presidente da Província do Ceará à respectiva Assembleia Legislativa, na Abertura da 1ª. Sessão Ordinária em 7 julho de 1851. Ceará: Tipografia Cearense, Praça Pedro II.

<sup>234</sup> Id. Ibidem.

<sup>235</sup> Relatório apresentado pelo excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos de Almeida Rego, presidente da província do Ceará, na abertura da 2ª. sessão ordinária da 8.a legislatura da Assembleia Legislativa da mesma província no dia 1.o de outubro de 1851. Ceará, Typ. Cearense, 1851.



## QUADRO 6

N. 3.

**MAPPÁ da mortalidade occasionada pela epidemia  
reinante nesta Capital desde que principiou.**

ANNO.	MEZES.				TOTAL.	
	AGOSTO.		SETEMBRO.			
1851.	Até o dia 31 de Julho 64					
		Dias.	Quantos por dia.	Dias.	Quantos por dia.	
		1	1	1	1	
		2	2	2	2	
		3	4	3	2	
		4	4	4	4	
		5	4	6	4	
		6	5	7	5	
		7	5	8	4	
		8	5	9	4	
		9	4	10	4	
		10	4	11	4	
		11	4	12	4	
		12	5	13	4	
		13	5	14	4	
		14	9	15	2	
		15	5	16	2	
		16	4	17	2	
		17	5	18	2	
		18	9	19	2	
		19	8	22	4	
		20	2	23	4	
		21	2	25	3	
		22	1	27	1	
		23	9	28	1	
		24	3	29	1	
		25	3	30	1	
		26	2			
		27	4			
		28	1			
		29	5			
	30	1				
	31	2				
	<b>Somma.</b>	<b>64</b>	<b>109</b>	<b>45</b>	<b>216</b>	

Secretaria do governo do Ceará. 1.º d'outubro de 1851.  
Manoel Francisco de Paula Barros,  
Secretario interino do governo.

FONTE: Relatório apresentado pelo excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos de Almeida Rego, presidente da província do Ceará, na abertura da 2.a sessão ordinária da 8.a legislatura da Assembleia Legislativa da mesma província no dia 1º. de outubro de 1851. Ceará, Typ. Cearense, 1851. p37

O Presidente da Província compara o quadro dos afetados em outras províncias, e reforça que o quadro cearense é ínfimo, attribuindo o resultado a *benignidade, e salubridade do clima desta província, e a auzencia de outras cousas que concorrerão para que a moléstia tomasse o character grave e assutador, que deixou de observar-se entre nos.*

Ele tem, certamente a falar sobre *outras coisas*, provavelmente sobre a ação administrativa. Informa que tudo que está a seu alcance para evitar a propagação da moléstia é feito, enumera as seguintes ações: limpeza das ruas e praças; eliminação dos focos miasmáticos (não informa quais); publicação, na folha oficial e distribuição com as autoridades locais, de pareceres médicos *sobres as medidas hygienicas conducentes á esse fim, e as regras de tratamento*, e a preparação de duas enfermarias no hospital da Santa Casa para acolhimento dos enfermos pobres.

Sobre o último tópico, chama atenção a forma do recolhimento dos enfermos ao hospital. O presidente declara que *determinou as autoridades policiaes que fizessem logo remetter para o hospital os atacados da epidemia.*<sup>236</sup> Denuncia a resistência dos pobres ao tratamento médico. Pelo mapa 5, o presidente reforça a idéia da repugnância ao tratamento.

Em face da epidemia, o presidente Almeida Rego envia, às povoações vizinhas, onde a moléstia se alastra um médico para curar a pobreza e ambulância com medicamentos, não só com a intencionalidade de cura, mas também de prover *esmolas a pobreza que importarão em um conto de réis.*

Além dos casos de febre amarela, são registrados *sarampão e bexigas*, mas o presidente Silveira Mota tranqüiliza a população ao informar que:

[diante] a medida tomada de mandar recolher ao lazareto da Jacarecanga, seqüestrando-os do resto da população, os affectados de varíola, tenho hoje a satisfação de communicar-vos que esse terrível mal esta extinto, bem como que a febre vai em declinação.<sup>237</sup>

Constatados os casos, pelos médicos e pelos leitores dos conselhos, de epidemia de febre amarela, o Presidente da Província convoca os médicos para reunião em sua residência para elaboração de parecer sobre a Saúde Pública.

Três pareceres são apresentados. O primeiro publicado pelo médico da pobreza e provedor da saúde, Castro Carreira. O segundo, pelo Médico Marcos Theophilo e o terceiro, não publicado, com indícios de ser do médico

<sup>236</sup> Id. Ibidem.p10

<sup>237</sup> Relatório do exmo. Presidente Silveira Motta Presidente da Província do Ceará à respectiva Assembleia Legislativa, na Abertura da 1ª. Sessão Ordinária em 7 julho de 1851. Ceará: Tipografia Cearense, Praça Pedro II.

José Lourenço, que faz parte da comissão, e, segundo Castro Carreira, difere totalmente de suas opiniões.

Para Castro Carreira, não há dúvida de que se trata da febre amarela. Dos 54 doentes tratados por ele, todos apresentam sintomas da moléstia. Informa a dificuldade de detectar se a doença é contagiosa ou não, e solicita medidas de higiene, por fim, requer que os doentes procurem os médicos para tratamento.<sup>238</sup>

Marcos Theophilo esclarece que, nos 30 doentes tratados, não encontra sintomas de febre amarela, que acredita não existir na província. Trata-se de febre de fim da estação chuvosa. Há sim terror desnecessário que atrapalha o *commercio e dos viveres*.<sup>239</sup>

Para Castro Carreira, o médico Marcos Theophilo o objetivo de acalmar a população, aterrorizada desde meados de 1850, para quem tudo não passa de rumores que atrapalham o cotidiano e as atividades econômicas. O Cirurgião José Joaquim Machado reforça a fala de Marcos Theophilo, ao informar que desconhece os casos de febre amarela e apenas tem tratado de febre gástrica e intermitente.

O presidente Almeida Rego recebe correspondências dos médicos Castro Carreira, Marcos Theophilo e José Lourenço, e do Cirurgião José Joaquim Machado. Mesmo em discordância do caráter das febres, solicita que os mesmos elaborem o *Parecer da comissão médica*, tarefa conflituosa, devido aos pontos de divergências.

Reúnem-se novamente para publicação dos meios de cura (tratamento) e evitar (higienização) a propagação da febre amarela. O parecer serve de orientação da população das *villas e povoações*, para que, na ausência de médicos, possam pôr em prática as orientações médicas.

Para utilidade de todos aquellos, que são alheios a profissão damos os seguintes conselhos para mais ou menos se preservem da moléstia, e della se tratarem, quando se vejam acometidos, e não hajão médicos, que lhes assistão, com acontece em muitos pontos da província.<sup>240</sup>

Há insuficiência de médicos na província. Há conviência em que o paciente faça o diagnóstico e, se preciso, até se medique, apenas na ausência

---

<sup>238</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit., p10

<sup>239</sup> Id. Ibidem. p 10

<sup>240</sup> Id. Ibidem., p 11

do médico: é a autorização a não professores da medicina para curar, ação aparentemente corriqueira.

Na elaboração do parecer, há direcionamento dos membros da comissão para reconhecer: a febre amarela e as medidas de higiene consistiam: na limpeza das ruas, becos e travessas; na fiscalização das fontes de água potável e dos gêneros vendidos no mercado; e na eliminação dos focos miasmáticos. Também concordância nos preceitos de conduta:

Boa alimentação, isto é, substancias escolhidas, sãs, e de boa natureza, (boa carne, farinha da melhor qualidade, assim também o pão) um cálice de vinho ao jantar, legumes que não estejam putrefeitos, águas que não sejam empoçadas, e que não sirvão para os animais etc.,) aceio diário do corpo e dos vestidos(roupas) banhos tepidos em alto dia, frios antes de nascer o sol estando o corpo bem disposto, permanência nos costumes regulares, levantar-se cedo e passear moderadamente pela manha, e a tarde, pois isto fortalece o corpo e o torna menos susceptível a infecção, socego de espírito, não assistência nas grandes reuniões, porque n'ellas dessenvolver a infecção pelo mau estado da athmosphera, habitações bem ventiladas em ruas largas e aceiadas, limpeza nos quintaes e utencilios da casa, mudanças destas para outras ruas, logo quemais de duas pessoas se affectem.<sup>241</sup>

Mais uma vez a preocupação com a higiene é reforçada. O corpo do indivíduo é espaço de perigo que, segundo o médico, deve ser vigiado e disciplinado. A ociosidade, substituída pelo exercício e trabalho. A solicitação médica denuncia práticas comuns contrarias aos preceitos de higiene: a ingestão de água e alimentos de péssima qualidade.

Engana-se o Presidente, ao crer que as divergências encerram com a concordância acerca do caráter das febres. No relato da comissão médica formada por Castro Carreira, Marcos Theophilo, José Lourenço e o cirurgião Machado, há pontos de concordância em relação ao diagnostico da febre e das medidas preventivas relacionadas à higiene. Mas, no que concerne ao tratamento, Castro Carreira assina o parecer informando que faz restrições ao sugerido. *Com restrição quanto ao tratamento: Dr. Liberato de Castro Carreira, sem ella o Dr. Marcos José Theophilo, Dr. José Lourenço de Castro Silva e José Joaquim Machado 2º. Cirurgião.*<sup>242</sup>

Castro Carreira, em discussão na comissão, informa que, por dois motivos, não aceita a proposta de tratamento: primeiro, devido à aplicação dos

---

<sup>241</sup> Id. Ibidem.,p12

<sup>242</sup> Id. Ibidem.p 14

vomitórios. O médico tem-no feito em outras experiências, ao utilizar o tártaro emético para a febre intermitente e gástrica. Nos casos registrados em 1846: *não perdemos um só doente quando chamados nas primeiras 24 horas, o aplicávamos.*<sup>243</sup> Entretanto, no tratamento da febre amarela, o procedimento é inútil.

Em relação à utilização de sanguessugas, informa tem sido fatal em 3 pacientes. Quando não causa morte, agrava a febre podendo transformá-la em febre tifóide.

O que questiona o médico é o uso dos vomitórios. Explica que não há orientação específica nos diferentes períodos da febre amarela. Reclama: *se ao menos se dicesse: o vomitório é útil e vantajoso nas primeiras 24 horas e na ausência de vômitos etc.*<sup>244</sup>

Por fim, questiona as orientações aos leitores do parecer, dizendo que não são claras. Para Castro Carreira, as explicações são essenciais, para cada fase da doença, dependendo, da intensidade e sintomas, a quantidade das pílulas de *sulphato de quino*. Assim, Castro Carreira protesta contra a manipulação dos remédios sem a devida orientação:

Não podemos concordar com o dizer-se, que se perderia trabalho em ser minucioso escrevendo para o publico: para elle é que acreditamos que nunca bem se explica dizendo pouco, elle é que exige descrições minuciosas principalmente quando se trata de matérias desta ordem: os médicos é que dispensão muitas circunstancias, porque tem o conhecimento e pratica para dicenir e escolher, o que a sciencia tem ensinado, o publico precisa de tudo para iniciar-se.<sup>245</sup>

Na epidemia de febre amarela, informa que, nos primeiros casos, tem utilizado exclusivamente o método homeopático, sem casos fatais, além do tratamento que para, o médico, tem *obtido os mais bellos resultados em 12, 24 e 36 horas, e pouco tem excedido a 4 dias de tratamento.*<sup>246</sup>

Apesar dos conflitos, o presidente Almeida Rego elogia a Comissão médica: *são dignos dos maiores elogios por sua solitudine, zelo e dedicação pela sorte dos Cearenses, que lutarão com taes epidemias, seus horrores e*

<sup>243</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit., p3

<sup>244</sup> Id. Ibidem. p 14

<sup>245</sup> Id. Ibidem. p14

<sup>246</sup> Id. Ibidem. p7

*conseqüências,*<sup>247</sup> após o que, justifica a ação de Castro Carreira, talvez como forma de redimir as críticas feitas a ele, declarando que *não devendo omitir que o Dr. Carreira tratara a maior parte da pobreza pelo systema hommeopathico fornecendo os medicamentos a sua custa, a que nunca se recusou, ainda mesmo durante o tempo em que foi acometido do mal.*<sup>248</sup>

Parece-me também uma forma de justificar-se, informando que o escasso dinheiro destinado à saúde Publica não fora aplicado em tratamento homeopático, para o presidente, o tratamento com bons resultados, e utiliza o mapa de Castro Carreira para indicar que a procura ao médico proporciona possibilidade de restabelecimento.

---

<sup>247</sup> Relatório apresentado pelo excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos de Almeida Rego, presidente da província do Ceará, na abertura da 2.a sessão ordinária da 8.a legislatura da Assembleia Legislativa da mesma província no dia 1.o de outubro de 1851. Ceará, Typ. Cearense, 1851.

<sup>248</sup> Id. Ibidem.,

## Quadro 7

N.º 4.

**MAPA estatístico do n.º dos doentes affectados da epidemia reinante, e que foram tratados pelo Dr. Liberato de Castro Carreira, até 14 de setembro ultimo, e organizado segundo as suas notas enviadas á secretaria do governo.**

**Clinica particular.**

Restabelecerão-se. . . . .	665	
Morrerão. . . . .	8	
Não completarão o tratamento. . . . .	2	675

**Clinica da pobreza.**

Restabelecerão-se. . . . .	672	
Morrerão. . . . .	18	
Ignora-se o tratamento. . . . .	157	827
	<b>Total.</b>	<b>1:502</b>

**Movimento da Clinica.**

Restabelecerão-se. . . . .	1:537
Morrerão. . . . .	26
Ignora-se o resultado. . . . .	157
Não completarão o tratamento. . . . .	2
	<b>Somma. 1:502</b>

**Observações.**

Todos os pobres serão tratados homoeopaticamente, na clinica particular só 20 serão allopaticamente. No n.º de 157 doentes pobres, cujo resultado se ignora, entrarão 23 que ficarão em tratamento. Derão-se na clinica do mesmo Dr. 12 casos de vomitos pretos, ou pardos e sanguineos; 8 de depeções pretas; 2 de convulsões letanicás, 6 de prostrações adinamicas, delirios, vomitos &c. &c.

Secretaria do governo do Ceará 1.º de outubro de 1851.

*Manoel Francisco de Paula Barros,*

Secretario interino do governo.

FONTE: Relatório apresentado pelo excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos de Almeida Rego, presidente da provincia do Ceará, na abertura da 2.a sessão ordinária da 8.a legislatura da Assembleia Legislativa da mesma provincia no dia 1.o de outubro de 1851. Ceará, Typ. Cearense, 1851. p39.

Discussão sobre o porto como foco miasmático. As novas teorias acerca do tema são debatidas. Castro Carreira reconhece a influencia marítima na febre amarela, ao afirmar: *todo mundo sabe a influencia, que tem a febre*

amarella para as pessoas do mar, sendo quase sempre, a que mais soffre em todas as partes. Para o médico é exceção o Ceará: de Junho a Abril de 1852, atracam ao porto 27 embarcações de diferentes nações, sem nenhum dos 321 tripulantes afetado. O médico utiliza o mapa para enfatizar sua indagação.

### Quadro 8

— 17 —

#### Mapa das embarcações estacionadas no porto durante o tempo da epidemia.

MEZ.	DIAS DO MEZ.	QUALIDADE.	NAÇÃO.	NOMES DOS NAVIOS.	TRIPULAÇÃO.	DESTINO.	DIAS DE ESTADA NO PORTO DO CEARÁ.
Junho	23	Brigue	Inglez	<i>George Glan</i>	42	Pará	19 dias.
»	26	»	Francez	<i>A. Marie</i>	14	Caiana	37 »
Julho	8	Barca	Portugueza	<i>Linda</i>	21	Maranhão	10 »
»	10	Polaca	Sardo	<i>Heole</i>	7	Genova	26 »
»	11	Escuna	Brasileira	<i>Emilia</i>	14	Pernamb.º	7 »
»	20	B.º Esc.	Brasileira	<i>Laura</i>	44	»	9 »
Agosto	26	Barca	Ingleza	<i>Andover</i>	43	Liverpool	34 »
»	27	B.º Esc.	Brasileira	<i>Laura</i>	43	Maranhão	4 »
Setembro	28	Patacho	Brasileiro	<i>Santa Cruz</i>	9	Pernamb.º	43 »
Outubro	12	Brigue	Francez	<i>A. Marie</i>	10	Caiana	26 »
»	15	Escuna	Brasileira	<i>Emilia</i>	14	Pará	10 »
»	17	»	»	<i>Arcelina</i>	14	Pernamb.º	8 »
»	»	Barca	Ingleza	<i>Tinamara</i>	43	Liverpool	44 »
Novembro	2	B.º Esc.	Brasileira	<i>Laura</i>	43	Pernamb.º	4 »
»	12	»	»	<i>Graciosa</i>	42	Pará	9 »
Dezembro	10	»	»	<i>Laura</i>	43	Maranhão	8 »
»	14	Barca	Ingleza	<i>Francisca</i>	43	Liverpool	24 »
»	26	Hiate	Brasileiro	<i>Nova Olinda</i>	9	Pernamb.º	9 »
»	30	Escuna	»	<i>Emilia</i>	14	»	6 »
Janeiro	15	Brigue	Francez	<i>A. Marie</i>	12	Caiana	30 »
»	23	Barca	Ingleza	<i>Andover</i>	43	Liverpool	26 »
Fevereiro	23	B.º Esc.	Brasileiro	<i>Emilia</i>	12	Pernamb.º	6 »
Março	4	»	»	<i>Laura</i>	43	Maranhão	6 »
»	3	Patacho	»	<i>Euterpe</i>	13	Pernamb.º	2 »
»	24	Barca	Ingleza	<i>Tinamara</i>	43	Liverpool	20 »
»	27	Galera	»	<i>Bella</i>	19	»	21 »
Abril	6	Brigue	Francez	<i>A. Marie</i>	10	Caiana	32 »

Em Agosto no tempo da maior força da epidemia apparecerão alguns casos de bexiga e sarampo, o que fez receiar o desenvolvimento dessas molestias, porém sendo bastante energicas as providencias para segregar estes doentes da população, não se reproduzirão, e nelles terminarão o mal. No fim da epidemia, durante os mezes de Maio, Junho e Julho de 1852, a febre intermittente appa-

FONTE: CARREIRA, Liberato de Castro. *Descrição da epidemia da febre amarella na Provincia do Ceará em 1851 e 1852*. Rio de Janeiro. Typ. de N.L. Vianna Junior, Rido de. 1853. p 17.

Castro Carreira discorda na teoria do Médico João José de Carvalho o qual acredita que a febre amarela unicamente produzida pelos miasmas marítimas, e, por conseguinte própria unicamente para os náuticos.<sup>249</sup>

<sup>249</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit.,



A partir do momento em que as cidades distantes do litoral S. Bernardo, Baturité, Ico, Acaraú e Sobral são atingidas pela febre, a teoria dos miasmas marítimos, como origem da moléstia, é descartada. Para o presidente e médico Almeida Rego:

Aperta-se-me o coração, tendo de communnicar-vos, que o terrível flagello da febre amarella, que tanto assolará esta capital, Aracaty, e outros lugares, tem estendido seus estragos a pontos mais centraes da provincia, desmentindo d'est'arte a opinião dos práticos, que julgavam necessária, para seu desenvolvimento, a existência d'um foco d'infeção marítima, e convencendo-nos d'umfacto até agora duvidoso na sciencia.<sup>250</sup>

O presidente Almeida Rego tem ciência de que não é possível contabilizar, fielmente, os indivíduos afetados pela moléstia. Mas propaga estimativa dos serviços prestados pelos médicos Castro Carreira na cidade de Aracaty e S. Bernardo; Marcos José Theophilo nas cidades de Maranguape e Baturité, e nas cidades do Icó, Acaraú.

#### QUADRO 9

N.º 1.					
MAPPA estatístico dos indivíduos que tem sido affectados, e tratados da epidemia de febre amarella em alguns pontos da provincia do Ceará.					
LUGARES.	AFFECTADOS.	TRATADOS POR MEDICO.	MORTOS EM TRATAMENTO.	MORTOS EM TRATAMENTO REGULAR.	TOTAL DOS MORTOS.
Aracaty.	5000	401	21	82	153
S. Bernardo.	700	...	...	20	...
Maranguape.	1500	500	14	75	89
Baturité.	....	620	35	..	55
Acaraú.	....	...	...	22	22
Icó.	....	...	...	85	85
Summa.	7.000	1.587	68	265	561

Secretaria do governo do Ceará em 31 de agosto de 1852.  
Aprimia Justiniano da Silva Guimarães, secretario do governo.

Fonte: Relatório do excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos 'Almeida Rego, presidente da provincia do Ceará, á respectiva Assembléa Legislativa na abertura da 1.a sessão ordinária de sua 9.a legislatura, em o 1.o de setembro de 1852. Ceará, Typ. Cearense, [n.d.] p 34.

<sup>250</sup> Relatório do excellentissimo senhor doutor Joaquim Marcos Almeida Rego, presidente da provincia do Ceará, á respectiva Assembléa Legislativa na abertura da 1.a sessão ordinária de sua 9.a legislatura, em o 1.o de setembro de 1852. Ceará, Typ. Cearense, [n.d.]

Imprecisão do mapa na ocultação do número de afetados, nas cidades de Baturité, Acaraú e Icó, e na ausência dos tratados pelos médicos, nas duas últimas cidades, e dos mortos.

Apesar das lacunas, é claro o objetivo do mapa em destacar a falta de tratamento pelos médicos, pois, dos 7 mil afetados, apenas 1.587 são tratados, destes, 68 falecem sem tratamento, 203 falecem em tratamento regular, totalizando, 361 mortos quantia considerada ínfima de mortandade.

As estatísticas têm outras finalidades: é o que se percebe pelos dados de Castro Carreira, ao comparar a *Estatística do hospital regimental dirigido pelo Sr. Dr. José Lourenço de Castro e Silva médico allopatha*, com a *Estatística do Dr. Liberato de Castro Carreira*.

Aparentemente, trata-se de mera divulgação dos dados, mas Castro Carreira observa que, dos 171 enfermos tratados por José Lourenço apenas 154 se restabelecem, com mortalidade que de 10 indivíduos médico em estabelecimento com as comodidades, pelo meio alopata, com uma morte, na proporção de 10:1.

#### QUADRO 10

<b>Estatística do hospital regimental dirigido pelo Sr. Dr. José Lourenço de Castro e Silva médico allopatha.</b>	
Entrarão para o hospital .....	171
Restabelecerão-se .....	154
Morrerão .....	17
Mortalidade de 10 por 1 em um estabelecimento onde há toda as comodidades	

Fonte: CARREIRA, Liberato de Castro. *Descrição da epidemia da febre amarella na Provincia do Ceará em 1851 e 1852*. Rio de Janeiro. Typ. de N.L. Vianna Junior, Rido de. 1853. p81

## QUADRO 11

<b>Estatística do Dr. Liberato de Castro Carreira</b>	
<u>Clinica Urbana na capital</u>	
Homens.....	315
Mulheres.....	358... 673
Destes:	
Restabelecerão .....	660
Morrerão .....	12
Não completou o tratamento .....	1
Mortalidade de 2 por % medicação homeopathica, tratamento regular toda a comodidade dos doentes.	
<u>Clinica da pobreza na capital</u>	
Homens.....	360
Mulheres.....	495... 855
Destes:	
Restabelecerão .....	786
Morrerão .....	21
Ignoro o resultado .....	48
Mortalidade menor de 3 por % entre os mortos e restabelecidos, desprezada a cifra dos ignorados: tratamento homeopathico sofrendo os doentes muitas privações.	

Fonte: CARREIRA, Liberato de Castro. *Descrição da epidemia da febre amarela na Provincia do Ceará em 1851 e 1852*. Rio de Janeiro. Typ. de N.L. Vianna Junior, Rido de. 1853. pp 81-82.

Ressalta Castro Carreira a ínfima participação do médico José Lourenço no tratamento dos enfermos de febre amarela. Reafirma a eficácia do tratamento homeopático em que a mortalidade restringe-se de 2 a 3 por cento, mesmo em condições precárias de atendimento. Comparando aos dados estatísticos de José Lourenço, chega, a 10 por cento, a mortalidade.

Castro Carreira publica resumo do quadro estatístico para reafirmar a eficácia do tratamento homeopático.

## QUADRO 12

Resumo da estatística do Dr. Liberato de Castro Carreira	
Homens.....	950
Mulheres.....	1191... 2150
Destes:	
Restabelecerão .....	2014
Ignoro o resultado .....	74
Morrerão .....	62

Fonte: CARREIRA, Liberato de Castro. *Descrição da epidemia da febre amarela na Província do Ceará em 1851 e 1852*. Rio de Janeiro. Typ. de N.L. Vianna Junior, Rido de. 1853.p 83-84.

O médico assume o tratamento de 2150 casos, com restabelecimento de 2.014 e 62 mortes, resultado atribuído pelo médico ao uso predominante da homeopatia em detrimento do uso restrito da alopatia. Enfatiza o médico essa terapia, em clínicas particulares e da pobreza, com obtenção de excelentes resultados.

Além de justificar prática pelas estatísticas, o médico chama atenção para o descaso de alguns outros, em não especificar, nas estatísticas, os diferentes estágios da febre amarela (*vômitos pretos, vômitos de sangue, hemorragia, apoplexia, dejeções pretas, convulsões e thiphoides*). Fundamentais no acompanhamento da moléstia.

Se Castro Carreira vê como benefício a homeopatia, não falta quem o critique. E assim, surge, em comunicado do jornal Cearense, O Zinha, que assina o artigo dizendo que Castro Carreira *pretendeo à força casar a homeopathia com a allophatia*. Acusa falta de princípios, charlatanismo, e por que não, espírito comercial.<sup>251</sup>

Além de desclassificá-lo como médico, o autor do retrata relação amorosa do médico, afirmando ser este o único interesse do médico ir à cidade de Aracati. E continua a desautoriza-lo chamando-o de louco: *um louco destes é capas de precipitar-se de uma torre, e até capas de à cabeçadas deitar a*

<sup>251</sup> Jornal O Cearense, ano IV, no. 306,p 04. Fortaleza, 14/02/1850.

*baixo uma capella e tolo: passa porentidade scientifica, quando não passa de um tolo muito grande.*<sup>252</sup>

As discussões entre Castro Carreira e José Lourenço aparecem e ganham proporções e espaço nos periódicos. Ao atingir a epidemia proporções, na cidade de Fortaleza, José Lourenço faz um comunicado no Cearense sobre a *febre reinante*. Orienta que logo ao sentir qualquer sintoma, com febre, deve o individuo: *tomar pesilaviais bem fortes, e beber, estando abafado, de 15 em 15 minutos, uma clavena de infusão bem saturada de flores de borragens adoçada e bem quente.*<sup>253</sup> José Lourenço ressalta que estes são os meios gerais, caso de necessidade de outros remédios *somente o homem da arte pode haver-se em taes circunstancias*. Defende-se das acusações, afirmando que:

Nestes poucos dias tenho tracto de 65 doentes atacados da febre, e todos vão se restabelecendo, tendo mais de metade tido vômitos beliosos. Morreo somente um caboclo que em alta noite curtindo a febre levantou se e lavou a cabeça a água fria.<sup>254</sup>

O médico José Lourenço esclarece que a causa da morte não está ligada à prática médica e sim ao descuido do enfermo. Outra morte é associada à prática do médico: óbito de Theresa Jesus. José Lourenço se defende das acusações feitas por Castro Carreira no artigo *Ultima resposta*:

Tinha feito propósito de não mais responder as parvoíces e insultos de quem em vez de (...) seo simulado fanatismo, trata somente de invelecer meo character e de detrahir minha conducta, que não estavam em discussão: mas provocado de um modo muito indigno limitei-me a explicar esse caso funesto de Theresa de Jesus, que deixando ao homem dos milagres por esta peor a peor, procurou para que eu a tratasse, quando já estava sem remédio.

Insistindo ainda meo detractor em seo indigno propósito, fasendo de minha conducta seo – cavallo de batalha – conhecendo eu, pois minha fraquesa neste embate tão desigual, quando somente tenho mostrado o abuso e contradição de suas doutrinas homeopaticas declaro solememente, que não mais responderei as acusações desse rapaz que aquilata meos sentimentos pela baixesa dos seos; que exagerando os casos benignos, ousa faltar à verdade dos factos os mais notórios, e insiste em suas ilusões senão provei as mentiras para augmentar sua tortura... Elle que me morde de furto certo de ser apadrinhado.

O publico me desculpe tão justo desafogo, vendo-me tantas veses provocado ofendido e maltratado em minha sensibilidade , quando ainda nem de leve teria a reputação e condicta de meo gratuito

<sup>252</sup> Id. Ibidem., p 04.

<sup>253</sup> Jornal O Cearense, ano V, no. ?, p?. Fortaleza, 27/06/1851.

<sup>254</sup> Id. Ibidem.,

detractor, que em sua linguagem vasconça me arrasta a estes excessos.<sup>255</sup>

José Lourenço diz não estar em posição privilegiada talvez por não ocupar o cargo de médico da pobreza, assim em desvantagem na prática médica. A morte de Theresa não é de sua responsabilidade e sim do *homem dos milagres*, não mencionado em outras fontes, mas se trata de práticos não vinculados ao saber médico, conflituoso, é que o próprio José Lourenço chama atenção para a postura de Castro Carreira, ao informar que apenas tem feito na imprensa: *somente tenho mostrado o abuso e contradição de suas doutrinas homeopáticas*. Se José Lourenço o acusa de fazer, das práticas alopáticas, cavalo de batalha, o mesmo também denuncia o propósito.

E cada médico recorre aos práticos da Corte para legitimar a prática médica ou desautorizar a do outro. É o que eu faz Castro Carreira ao publicar o seguinte artigo:

Lance-se a vista para os que têm morrido ou perigado, indague-se, e conhecer-se-há se andou ou não – vomitório no meio – E não cessarei de clamar contra a tal medicação, e isto faço não só a vista dos factos, como por que em todas as partes, foi ela reprovada, e entre mais de 200 praticos, que no Rio de Janeiro se occuparão do tratamento desta molesta, só na Clinica do dr. Carvalho ella, appareceo.<sup>256</sup>

Para ele os eméticos são descartados nos casos de febre amarela, método utilizado no tratamento da febre intermitente.<sup>257</sup>

José Lourenço tenta desautorizar Castro Carreira, afirmando que está mentindo e que é intenso o uso de eméticos na Corte, na epidemia de febre amarela. Também utiliza dizeres dos médicos da Corte:

Convem de preferência o tártaro emético se a saburra for demarcada espessa o hálito muito bilioso, se houver pouca sede, e fraco suor; por quanto, alem de entreter a diaphore se, e mesmo desafial-a, produs uma grande descarga de bile, como de ordinário se observa em outras moléstias.

O tártaro emético – era para alguns práticos o primeiro meio de que lançavão mão na invasão da moléstia, não só para provocar a transpiração, como também para promover as evacuações; e cumpre confessar que não deixou de ser um meio vantajoso em muitas circunstancias, fasendo nas primeiras 24 ou 48 horas.<sup>258</sup>

<sup>255</sup> Jornal O Cearense, ano V, no.?, p?. Fortaleza, 18/07/1851.

<sup>256</sup> Jornal O Cearense, ano V, no. ?, p?. Fortaleza, 26/07/1851.

<sup>257</sup> Id. Ibidem.

<sup>258</sup> Id. Ibidem.

Para José Lourenço métodos homeopáticos, como vomitórios e sudoríferos, são recomendados e utilizados.<sup>259</sup> E ressalta que se engana Castro Carreira ao afirmar que apenas o Dr. Carvalho utiliza o método e que o mesmo é desprezado pelos médicos da Corte. Assim, informa que, nas duas falas, emético é aprovado. A última fala pertence ao irmão do presidente da província Almeida Rego, também médico, e aprova tal tratamento. Conclui o artigo transcrevendo experiências dos médicos do Hospital da Marinha do Rio de Janeiro na utilização de vomitórios

A discussão não permanece apenas nas páginas dos periódicos, percorre as ruas e, os balcões das farmácias. José Lourenço, ao chegar a uma farmácia para compra de substâncias ou até para bisbilhotar a tipologia dos medicamentos vendidos. É surpreendido pelo farmacêutico ao informar que o médico Castro Carreira teria orientado o farmacêutico a solicitar, aos compradores de vomitórios, a procurá-lo para um tratamento eficaz. Trata-se de conquistar o paciente para legitimar a prática médica.

Para os médicos não apenas o enfermo que procura o farmacêutico deve ser orientado em determinada medicação. Como também os que agem na prática de cura. É o caso do vigário Antônio Xavier de Castro e Silva, enviado a Acaraú, que relata a diversidade de tratamento de práticos, reconhecendo o melhor:

O tratamento applicado foi variado, como tem acontecido em toda a parte, máxime não tenho um médico, que o dirigisse: cada um foi applicando aquillo, que melhor parecia, e foi assim, que vimos em uns vomitórios ao principio, sudorificos, chá de laranjeira, café com ginebra, macella, etc. Nós, porém applicamos a homeopathia, que se dignou mandar-nos, e temos a presumpção de dizer, que a applicamos a mais de cem pessoas não perdendo nem uma, e nem mesmo perigarão. Eu rendo ao Altíssimo graças por tão salutar medicação.<sup>260</sup>

Na fala do Vigário, há uma orientação específica para o da homeopatia, sem descartar outros meios, ao ressaltar que cada um utiliza o que melhor convém. Não há normas a seguir: É usar o bom senso na prática da cura. O vigário simpatiza o método homeopático.

<sup>259</sup> A homeopatia consiste em *reativar os sintomas pelas semelhanças ou seja, a superar a crise atravessada agindo no mesmo sentido da doença*. Sendo a alopatia a ação oposta, *visa eliminar o sintoma pelo seu contrário*. In: LAPLATINE, François. *Antropologia da doença*. 1a. edição brasileira. Tradução Walter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p161.

<sup>260</sup> CARREIRA, Liberato de Castro. Op. Cit.,

Vê-se que são saberes em oposição. Não cabe à pesquisa identificar o discurso verdadeiro ou legítimo. Mas, o saber médico, em formação, são discursos heterogêneos e conflituosos. O fato de os dois médicos serem formados na mesma instituição – Faculdade de medicina do Rio de Janeiro -não significa que as práticas e interesses são os mesmos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias dos médicos Liberato de Castro Carreira e José Lourenço de Castro e Silva mostram aspectos da cidade de Fortaleza: criação e deslocamento de espaços urbanos ( hospital, cemitério, lazaretos, mercado, cadeia); propagação de métodos terapêuticos ( homeopatia e alopatria); causas das doenças ligadas aos miasmas; a legitimação da prática médica.

Da-se a importância ao título de médico, pela estadia na corte, pelo estudo árduo e promessa de obtenção de dinheiro. Além do mais, para os médicos, a formação traz posição de destaque em relação às demais artes de cura (boticário, cirurgião, parteira). Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é explícita a hierarquia entre categorias.

Sobre os praticantes de cura, detenho-me aos estudos feitos na instituição de ensino citada, sem excluir os práticos populares. No entanto, a escolha é priorizada devido à tipologia das fontes encontradas, na maioria documentos administrativos: ofícios, decretos, relatórios fontes que não privilegiam as ações dos curandeiros, raizeiros, etc.

À vista da análise das práticas dos primeiros médicos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com atuação na cidade de Fortaleza, na primeira metade do século XIX, verifica-se que a ação não se restringia apenas ao ato de curar, mas também às ações políticas, por serem ambos membros do Partido Liberal, instituição tradicional na cidade de Aracati, de onde são oriundos.

Pela ação política, há que se observar peculiaridades entre si. Castro Carreira parece ser mais moderado nas discussões políticas, José Lourenço, mais ativamente, com envolvimento em intrigas políticas, agressões e até tentativa de assassinato questões estranhas, comuns, porém, na primeira metade do século XIX, sobremaneira, a prática política.

Vê-los políticos e médicos fica claro desde o início da pesquisa, mas distinguir, porém os interesses de cada um não é possível. Possibilidade descartada, à percepção de que não há distinção, é que ambos têm, na política e na medicina, o homem como campo de intervenção.

A ação dos médicos mostra como as questões de Saúde Pública se desenvolvem. Enganam-se os que acreditam que a estrutura de Saúde Pública forma-se apenas a partir dos anos de 1860, da *Fortaleza Belle Epoque*. Há a tentativa, a partir de 1838, em estabelecer estrutura médica na cidade, pela criação e contratação do médico da pobreza, pela construção de lazaretos, hospital, farmácias, cemitérios. Ou até mesmo pela preocupação de identificar as causas das doenças ligadas ao modo de viver urbano. Refiro-me à criação de animais nas ruas, à contaminação das águas dos chafarizes, e ao uso dos espaços urbanos: mercado público, igreja, cadeia etc.

As discussões acerca dos miasmas, e, conseqüentemente, das doenças, ganham as páginas do periódico O Cearense, dos Relatórios dos Presidentes da Província, dos ofícios médicos e também dos periódicos médicos da Corte.

Há acentuada preocupação em eliminar os pontos de infecção miasmáticas, identificados nos mapas elaborados pela pesquisa, em contrapartida com a precariedade de entidades urbanas: lazaretos e hospitais, que funcionam de forma pontual, lembrados e ativados em períodos de epidemia.

Em análise dois momentos: Varíola de 1845 e Febre Amarela de 1851, epidemias de origem e tratamento diferenciados. Observa-se maior número de médicos para elaborar pareceres e agir em conjunto contra as epidemias, sem, contudo, tanta homogeneidade.

Na epidemia de varíola, a ação médica fica restrita à prática de Castro Carreira, que vacina e isola enfermos. Há resistência da população à vacina, conforme mapas publicados nos Relatórios do Presidente da Província. Entre os médicos e vacinadores os conflitos não aparecem. Na segunda epidemia, porém, existem-nos, acerca do caráter de febres, da forma do tratamento, etc.

Nas discussões, enfatizam-se os conflitos entre Castro Carreira e José Lourenço, por pensar-se que os saberes médicos de ambos são homogêneos, por terem se formado na mesma instituição. Conclui-se que os interesses políticos e médicos de ambos afloram em discussões sobre a homeopatia e/ou alopatia, causas das doenças, ordenação dos equipamentos urbanos, etc.

Diante das idéias e práticas médicas a cidade é (re)pensada. Ação guiada pelas noções de salubridade e insalubridade. Espaços urbanos (hospital, cadeia, mercado, cemitério) são criados em lugares específicos. O cotidiano dos indivíduos guiados pelos preceitos de higiene. Assim, a cidade de Fortaleza, na primeira metade do século XIX, é resultado parcial dos saberes médicos.

## FONTES

### 1) FONTES IMPRESSAS

#### REVISTAS

##### **Revista do Instituto do Ceará**

BRIGIDO, João. Fortaleza de 1845. Almanaque do Ceará. Para o ano de 1845, se volta Organizado da memória, e sob documentos por OUTRO ARAMAC. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Typ. Studart. Tomo LXXII; ano 1958.

CRUZ, Abreu. Presidente do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomos 42, 49 e 50; ano 1928 1935 e 1900, respectivamente.

\_\_\_\_\_. Presidente do Ceará. Segundo reinado. 18º. Presidente, dr. Joaquim Marcos de Almeida rego ( de 9 de julho de 1851 a 28 de abril de 1853). *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomos 48 e 49; ano 1934 e 1935, respectivamente.

PINTO. José Marcelo. A eleição senatorial do dr. Manuel do Nascimento. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart. Tomo LXXXI; ano 1967.

POMPEU, Tomás Sobrinho. Um episódio deplorável de nossa história. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart. Tomo LXXX; ano 1966.

\_\_\_\_\_. O homem do nordeste. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomo 51; ano 1997.

STUDART, Barão de. Efemérides cearense. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomo 31; ano 1917.

\_\_\_\_\_. A Família Castro. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomos 72 e 73; ano 1958 e 1959, respectivamente.

\_\_\_\_\_. Deputados da antiga província do Ceará (relação) 1835-1899. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomo 28; ano 1974.

SUCUPIRA, Luis. A febre amarela em Fortaleza no ano de 1851. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, Tomo 89; ano 1975.\_

### **ARQUIVO EDGARD LEUENROTH – AEL CAMPINAS-SP**

Annaes brasilienses de medicina. Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.Exemplares em microfilme 1845, 1(1-7); 1846, 1(8-12); 1846, 2(1-7); 1847, 2(8-12); 1847, 3(4-6); 1848, 3(7-12); 1848, 4(1-6); 1849, 4(7-12); 1849, 5(1-3); 1850, 5(4-12); 1850, 6(1-3); 1851, 6(4-12); 1851, 7(1-3); 1852, 7(4-12); 1852, 8(1-3); 1853, 8(4-12); 1853, 9(1-3); 1854, 9(4-12);

Archivo Medico Brasileiro gazeta mensal de medicina, cirurgia e sciencia accesorias Typ. Imparcial de F. P. Brito Rio de Janeiro, RJ, Brasil Exemplares em microfilme 1844-1845, 1(1-12); 1845-1846, 2(1-12); 1846-1847, 3(1-12); 1847-1848, 4(1-12);

Diario de Saúde ou Ephemerides das Sciencias médicas e Naturaes do Brazil Rio de Janeiro, RJ, Brasil Typ. Imp. e Constitucional de Seignot-Plancher. 1835(1-37); 1836(38-53);

Gazeta Medica. Revista de medicina, cirúrgica e hygiene Typ. do Correio Comercial Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Exemplares em papel 1839, 33 (15 jan) Exemplares em microfilme 1861, 1.

Jornal da Academia Médica Homeopathica do Brasil.Typ. do Diário de N. L. Vianna Rio de Janeiro, RJ, Brasil.Exemplares em microfilme 1848, 1(1-2);

Medico popular, O. jornal medico homeopathico. Typographia Imparcial / Typ. Commercial / Typ. Brasiliense de E. M. Ferreira São Paulo, SP, Brasil Exemplares em microfilme 1851(1-24);

Revista Médica Brasileira jornal da Academia Imperial de Medicina Academia Imperial de Medicina Rio de Janeiro, RJ, Brasil Exemplares em microfilme 1841, 1(1-4, 6-8); 1841, 1(1-8); 1842, 1(9-12); 1842, 1(9-12); 1842, 2(1-8); 1842, 2(1-8); 1843, 2(9-11); 1843, 2(9-11); 1843, 3(1); 1843, 3(1);

Revista médica fluminense Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro Typ. Fluminense / Typ. Imparcial / Imprensa Impacial de F. P. Brito Rio de Janeiro, RJ, Brasil Exemplares em microfilme 1835, 1(1-12); 1836, 2(1-12); 1838, 4(abr - dez); 1839, 4(jan - mar); 1839, 5(abr - dez); 1840, 5(jan); 1840, 6(1-9); 1841, 6(10-12);

## **JORNAIS**

### **Setor de Periódicos e Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel - Ceará. (BPMP/Ce)**

Jornal Cearense (Fortaleza – Ce, 1846 – 1891): pesquisados 1846-1853.

### **LIVROS RAROS – BIBLIOTECA PÚBLICA GOVERNADOR MENEZES PIMENTEL – CEARÁ.(BPMP/Ce)**

Relatórios, Falas e Mensagens dos Presidentes de Província do Ceará. Setor de microfilmagem.

SILVA, José Lourenço de Castro. *Defesa que em janeiro de 1840, publicou o doutor José Lourenço em consequência das argüições injustas, que lhe faziam seus adversários políticos e hoje a imprimimos eliminando o que é estranho à profissão do mesmo doutor.* Tipografia Constituição. Ceará, 1845.

CARREIRA, Liberato de Castro. *Reacção do Partido Conservado na Província do Ceará em 1868.*

**LIVROS RAROS – BIBLIOTECA DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA - RIO DE JANEIRO**

BLAKE, Augusto Victorio Alves Sacramento. Dicionário bibliographico Brasileiro. Quinto Volume. Rio de Janeiro. Imprensa nacional, 1899

**LIVROS RAROS – BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO**

CARREIRA, Liberato de Castro. Descrição da epidemia da febre amarella na Província do Ceará em 1851 e 1852. Typ. de N.L. Vianna Junior.

\_\_\_\_\_. Comissão Central Cearense. Relatório e contas da subscrição promovida em favor das victimas da secca do Ceará. Typ. e Lith. de Soares & Reis.

\_\_\_\_\_. Historia financeira e orçamentária do Império do Brasil, 1980. Senado Federal; | Fundação Casa de Rui Barbosa.

\_\_\_\_\_. A pleurezia. Rio de Janeiro, N. L. Vianna, 1844.

\_\_\_\_\_. O orçamento do império desde sua fundação. Rio de Janeiro, Typ. nacional, 1883.

\_\_\_\_\_. Breve notícia sôbre este útil e pio estabelecimento pelo seu provedor. Rio de Janeiro, Imp. nacional, 1892.

SILVA, José Lourenço Castro e. Ligeiras considerações sobre algumas enfermidades dos órgãos anexos ao globo ocular e a optalmia aguda em geral: these apresentada e sustentada em 27 de maio de 1850. Rio de Janeiro, 1850, in 4º.

\_\_\_\_\_. Refutação às calumnias de Antonio Theodorico. Fortaleza, Typ. brasileira de J. Evangelista, 1866.

\_\_\_\_\_. As contradições e citações falsas do mentor do Sr. Dr. Manoel Mendes... -

Evangelista, João. O Dr. José Lourenço de Castro e Silva e seus injusto detractores. -

### **LIVROS RAROS – BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP**

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias*. 6ª. edição, Pariz:Chernoviz,1890. 2v.

\_\_\_\_\_. *Formulário e guia medico*: contendo a descrição dos medicamentos, as doses, as moléstias em que são empregados, as plantas medicinaes indiginas do Brazil, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico e muitas informações úteis. 15ª. edição, Pariz: Livraria de A. Roger e F. Chernoviz,1892.

## **02) FONTES MANUSCRITAS**

### **DOCUMENTAÇÃO DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ (APEC)**

Série: Correspondências expedidas e recebidas pela Câmara Municipal de Fortaleza. Período: 1818/1845. Ala 20. Estante 429. Caixa 37.

Série: Correspondências expedidas, códigos de postura, receitas e despesas.



Período: 1846/1871Ala 20. Estante 429. Caixa 38

Ofícios do *Presidente da Província as Câmaras Municipais desta província*.  
1846 a 1850/ 1851 a 1856/ 1856 a 1862/ 1862 a 1869. Ala 20. Estante 430.

Registro de ofícios expedidos pela Presidência da Província do Ceará as autoridades civis e eclesiásticas e as Câmaras Municipais. Período de 1836/1838. Livro 34.b

Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos às diversas autoridades civis e militares. Presidente José Martiniano de Alencar. Período de 1836/1838. Livro 35.b

Ofícios, regulamentos, correspondências produzidas pelos médicos, cirurgiões e boticários e enviadas ao Presidente da Província. Período: 1839/1866. Fundo: Saúde Pública. Epidemias.

Colleção de leis, decretos, resoluções e regulamentos da província do Ceará. Tomo XXXI, 1853. Tipografia Cearense.

Relatórios, Falas e Mensagens dos Presidentes de Província do Ceará. Setor de microfilmagem.

**BIBLIOGRAFIA**

- ABREU, Laurinda. *O papel das misericórdias dos “lugares de além-mar” na formação do Império português*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 8. N3. Rio de Janeiro set./dez. 2001.
- AGRA do Ô, Alarcon. *Thomas Lindley: um viajante fala de doenças e dos seus enfrentamentos, no início do século XIX*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. N1. Rio de Janeiro jan./abr. 2004.
- ANDRADE DE LIMA, Tânia. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. In: Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos, II (3): 44-96, Nov. 1995 – Fev. 1996.
- ÁRIES, Philippe. *O Homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Vol I. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Vol II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura: a experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850 – 1880)*. São Paulo, 2002. 240p. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da saúde pública do Ceará da Colônia a Vargas*. Fortaleza: UFC, 1994.
- BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Gão-Pará*. Campinas, 1999. 246p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas
- BRIGIDO, João. *A Fortaleza de 1810 – crônica*. Fortaleza, Edições UFC, 1979.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de História da Fortaleza do século XIX – o social e o urbano*. Fortaleza; Edições UFC, 1985.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: companhia das letras, 1996.

- COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. N1. Rio de Janeiro jan./abril. 2004.
- CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*; tradução: Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 4ª edição.
- CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. Lisboa, Difel, 1990.
- CZERESNIA, Dina. *Do contágio à transmissão: uma mudança na estrutura perceptiva de apreensão da epidemia*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V IV. N1. Rio de Janeiro mar./jul. 1997.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *Cólera: representação de uma angustia coletiva (a doença e o imaginário social no século XIX no Brasil)*. Campinas, 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
- FERNANDES, Tânia. *Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal)*. In: História, Ciências, Saúde: Manguinhos. V 6, n. 1. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 10. Supl.2 Rio de Janeiro 2003
- \_\_\_\_\_. *Vacina antivariólica: visões da Academia de Medicina no Brasil Imperial*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. Supl. 1. Rio de Janeiro 2004.
- FERREIRA, Luiz Otávio. *Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43)*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 6. N2. Rio de Janeiro jul./out. 1999.
- \_\_\_\_\_. *Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. Supl. 1. Rio de Janeiro 2004.

- FIGEIREDO, Betânia Gonçalves. *Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 6. N2. Rio de Janeiro jul./out. 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher. Consultoria de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.
- GALENO, Juvenal. *Cenas Populares*. 3ª. ed. Fortaleza. Editora Henriqueta Galeno, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Lendas e Canções Populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.
- KURY, Lorelai. *Homens de ciência no Brasil: Impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)* In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. Supl. 1. Rio de Janeiro 2004.
- LACERDA, Aline Lopes; Maria Teresa Villela Bandeira de. *Produzindo um imunizante: imagens da produção da vacina contra a febre amarela*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 10. Supl.2. Rio de Janeiro 2003.
- LAPLATINE, François. *Antropologia da doença*. 1ª. edição brasileira. Tradução Walter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LIMA, Tânia Andrade. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. In: História, Ciências, Saúde: Manguinhos. V 2, n. 3. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1995-1996.
- LYCURGO DE. Castro Santos Filho. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1991. Vol 2.
- LUZ, Madel T. *As instituições médicas no Brasil: instituição e estratégia de hegemonia*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro : Graal, 1978.

- MARQUES, Eduardo Cesar. *As Higiene à construção da cidade: O estado e o saneamento no Rio de Janeiro*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V IV. N1. Rio de Janeiro mar./jul. 1997.
- MENEGHEL, Stela N. et alii. “Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos”: um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer. In: História, Ciências, Saúde: Manguinhos. V 10, n. 2. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2003.
- MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: UFC, 1992.
- MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou: crônicas históricas de Fortaleza antiga*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- MICHEAU, Françoise. *A idade de ouro da medicina árabe*. In: As doenças têm história. Tradução: Laurinda Bom. Lisboa, Terrama, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOSSÉ, Claude. *As lições de Hipócrates*. In: As doenças têm história. Tradução: Laurinda Bom. Lisboa, Terrama, 1997 .
- NOBRE, Ma. Do Socorro Silva. *História da medicina no Ceará (período colonial)*. Fortaleza: Secretarias de desporto e promoção social, 1978.
- OLIVEIRA, Carla Silvino de. *Longe dos vivos um lugar para os mortos: o processo de construção do primeiro cemitério extramuros de Fortaleza. (1838-1848)*. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2003.
- PIMENTA, Tânia Salgado. *Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX*. Campinas, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. *O Exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. 3ª Edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A cidade e a morte: a febre amarela e seu impacto sobre os costumes fúnebres no Rio de Janeiro (1849-50)*. In: História, Ciências, Saúde: Manguinhos. V 6, n. 1. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1999.
- SAAVEDRA, Mônica. *Percursos da vacina na Índia portuguesa – século XIX e XX*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. Supl. 1. Rio de Janeiro 2004.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.
- STUDART, Guilherme de. *Climatologia epidemias e endemias do Ceará*. – ed. Fc-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- SÜSKIND, Patrik. *O perfume: a história de um assassino*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- TEIXEIRA, Luiz Antônio. *As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes*. In: Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V 11. Supl. 1. Rio de Janeiro 2004.
- TEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e vacinação no Ceará – ed fac – sim*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antonio Luigi e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VASCONCELOS. Argus. *Santa Casa de Fortaleza. 1861-1962*. Fortaleza, 1994. p 38.
- VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: histórias da família no sertão (1780-1850)*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

# Anexos

### Quadro 13

*Mapa estatístico dos doentes tratados no mês de Agosto de 1846 pelo Dr. Liberato de Castro Carreira Medico da Pobreza em Comição no Aracaty.*

Nomes	Idades annos	Temperamento	Diagnostico	Tratamento	Resultado	Em qtos dias
Ana Maria de Jesus	78	Sanguíneo	Amenoreia	Emmenagogos	Cura	21
Mariana de Jesus	40	Dito	Embarço-gastrico	Evacuantes	Cura	10
Maria Theresa	28	Dito	Retenção das pareas	Extração	Cura	-
Maria Felicia	25	Dito	Amenoreia	Emmenagogos	Cura	20
Sebastiana Ma. De Jesus	30	Fleumatico	Febres	Emético	Cura	7
José Francisco	40	Sanguíneo	Lumbago	Antplogístico	Cura	11
Maria de Jesus	8	Indeterminado	Tinha	Topicos	...	*...
Pedro Soares do Nascimento	30	Sanguíneo	Enterite	Antiflogistico	Cura	8
Carlota Joaquina	28	Dito	Parto	Expulsão	Cura	-
Francisca Pereira	22	Dito	Ventoriosa	Anti-apasmatico	Cura	13
Manoela P. do Nascimento	46	Dito	Queimaduras	Topicos	...	**...
Joaquim Rodrigues	30	Dito	Espinha	Dito	Cura	10
Vivencia Ferreira	26	Dito	Hemorroidas	Antiflogistico	...	*...
Felippa M. da Conceição	36	Fleumatico	Syphilis	Antisyphilis	...	***...
Josquina M da Conceição	36	Sanguíneo	Erysipela	Dito	Cura	13
Angélica Maria	21	Nervoso	Apoplexia	Nervinos	...	*...
José Cartano	77	Indeterminado	Febres	Emético	Cura	6
Francisco Caetano	4	Dito	Febres	Emético	Cura	8
Antonia Luisa	30	Sanguíneo	Ulceras	Topicos	...	***...
José ----	7	Indeterminado	Abcesso	Dilatação	Cura	9
José ----	5	Dito	Anasarca	Evacuantes	...	*...
Antonio Gondim	42	Sanguíneo	Sciafica	Antiflogistico	...	*...
Antonio Joaquim	14	Dito	Febres	Emético	Cura	10
Maria Moreira	25	Dito	Sezões	Antiperiodico	...	***...
Ana Franc das Chagas	32	Dito	Constipação	Sudorificos	Cura	4



Delfina Maria	36	Dito	Febres	Emético	Antiperiodico	***...
Helena Maria de Jesus	78	Dito	Sezões	Anteperiodico	...	***...

*\*Não procurou mais tratamento*

*\*\* Continua a trata-se, vai a melhorar e sem risco.*

*\*\*\* Continua em tratamento*

*Doentes constantes do 1º. Mappa Maio 58*

*Doentes constantes do 2º. Mappa Junho 27*

*Doentes constantes do 3º. Mappa Julho 33*

*Doentes constantes do 4º. Mappa Agosto 28*

*Total dos doentestratados Somma 146*

*Cidade de Aracaty 5 de Setembro de 1846 Dr. Liberato de Castro Carreira  
Médico da Pobresa.*

### Quadro14

*Mappa estatístico dos doentes pobres tratados no mês de outubro de 1846 pelo Dr. Liberato de Castro Carreira Medico da Pobreza em Comição no Aracaty.*

Nomes	Idades annos	Temperamento	Diagnostico	Tratamento	Resultado	Em qtos dias
Anna Joaquina do sacramento	30	Sanguíneo	Abcesso no pé	Dilatamento	Cura	12
Maria de Jesus	40	Dito	Carcinoma	Adlação	Cura	25
Pedro José dos Santos	30	Dito	Febres	Emético	Cura	
Cosme José Monteiro	26	Dito	Syphiles	Mecurial	...	*** ...
Ana Felicia da Conc	30	Nervoso	Ventosidades	Antiesparmotico	Cura	9
Ana Francisca	50	Fleumatico	Febres	Emético	Cura	12
Davi Jose Ferreira	36	Sanguineo	Exastose	Mercurial	...	*** ...
Franc Joaquina do sacramento	30	Nervoso	Cephalogia	Colorantes	...	* ...
Maria Francisca da Conceição	40	Sanguineo	Syphiles	Mercurial	...	** ...
Ignacia Maria	28	Dito	Febres	Emético	Cura	
Francisca de Sousa Lima	40	Dito	Scirro no utero	Annteflogistico	...	...
Antonio Joaquim de Sousa	18	Dito	Exastose	Mercurial	...	...
Lourenço Justiniano	54	Fleumatico	Gastrite Cronica	Paliativos	...	...
Jose Martins	40	Sanguíneo	Febres	Emetico	Cura	12
Anna Felicia	30	Dito	Flactuosidade	Antiespasmotico	Cura	10
Dionísio da Rocha Pinheiro	50	Dito	Zoster	Cauterisação	...	...
Josefina M da Conceição	40	Dito	Febres	Emético	Cura	
Manoel Chavier Ferreira	24	Dito	Canclu venereo	Cauterisação	...	...
Vicência Ferra.	40	Dito	Metrite	Antiflogistico	...	...
Maria da Silva	58	Dito	Febres	Emético	...	...
Maria Theresa	7	Indeterminado	Febres	Dito	...	...
Anna Izabel de Jesus	35	Sanguineo	Abcesso na axila	Dilatação	...	...
Maria Antonia de Jesus	98	Dito	Febres	Emético	...	...

*\*Não procurou mais tratamento*

*\*\* Não terminou o tratamento*

*\*\*\* Continua em tratamento*

*Doentes constantes do 1º. Mappa tratados em Maio 58*

*Doentes constantes do 2º. Mappa tratados em Junho 27*

*Doentes constantes do 3º. Mappa tratados em Julho 38*

*Doentes constantes do 4º. Mappa tratados em Agosto 28*

*Doentes constantes do 5º. Mappa tratados em Setembro 29*

*Doentes constantes do 6º. Mappa tratados em Outubro 23*

*Total dos doentes tratados Somma 203*

*Cidade de Aracaty 3 de Novembro de 1846 Dr. Liberato de Castro Carreira*

*Médico da Pobreza.*

Ofícios expedidos e recebidos pelas autoridades medicas para o Presidente da Província. Caixa não catalogada. Papeis avulsos. *Algumas reflexões sobre as febres que ora gração nesta cidade. 21 de Abril de 1846.* Arquivo Público do Estado do Ceará.

*21 de Abril de 1846.*

*Ilmo. Exmo. Srrr.*

*Passo as mãos de V Exa. Algumas reflexões que faço a respeito das febres que ora gração n'esta cidade, e submeto-as as sabias considerações de VExa, esperando que tendo em vista os melhoramentos e salubridade desta Cidade, os tornará na devida attenção. (...). O estado da peste continua, porem o tratamento da moléstia hoje se acha muito melhorado. È o quanto tenho a diser a VExa. A quem Deos Guarde por muitos annos. Cidade de Fortaleza 21 de abril de 1846. Ilmo Exmo Sr. Coronel Ignácio Correia de Vasconcellos Presidente e Come. D'as Armas d'esta província Dr. Liberato de Castro Carreira.*

*“Algumas reflexões sobre as febres que ora gração nesta Cidade.*

*È sem duvida uma alteração atmospherica a causa das febres que ora soffremos: os seos symptomas a sua marcha indicão a existências das febres gástrico-beliosas, que por algum tempo flagellarão (...). Admira porem que a natureza destas febres, atacando muitos indivíduos ao mesmo tempo, não tenha o character contagioso; e por isso não lhe dariamos a verdadeira denominação de epidêmicas e sim endêmicas.*

*Sendo-a causa mais determinante destas febres a habitação em um clima quente e humido, lugares pantanosos, a passagem rápida de uma estação a outra, a ingestão de substancias irritantes e não nos devemos admirar do seo apparecimento; pois q' a nossa cidade offerece todas estas condições. (...)*

*Temos apenas fallado das causas determinantes, não incluímos as predisponentes, tais como o temperamento bilioso, a reunião de muitos indivíduos em um lugar, as indigestões por excesso de comida, a ingestão de substancias irritantes, tais como mucunam, cravatá, as bebidas frias estando o*

*corpo em transpiração, a raiva, as affeições triste e finalmente a occiosidade.  
(..)*

*Bem escusado se torna aqui inumerar-mos os symptomas, marcha e tratamento da moléstia que nos occupa, apenas nos limitaremos a fazer as indicações necessárias, senão para afastar o mal, ao menos minorá-las. Torna-se necessário, portanto. 1º. Um estabelecimento, onde com o nome de Hospital de Misericórdia, se recolha a Pobreza affectada da moléstia, que a maior parte morre abandonada de todos os socorros, sendo o primeiro o da própria alimentação; a necessidade constitue talvez sua primeira moléstia, (...) para isto indicamos, em falta de um estabelecimento uma das casas situadas no campo d'Amelia (...). 2º. Que o Exmo. Snr Presidente da Província aproveitando a guarda e abundancia de braços, que possuímos na Cidade inteiramente occiosos, mande aterrar os pântanos, que cercão esta Cidade (...) dê se a cada trabalhador uma terça e meia e assim se compensa-a segundo o trabalho. Se 160rs dava-se a um trabalhador 1/3 de farinha corresponde ao mesmo serviço, enquanto assim não faça força contra os pobres, dar-se lhe metade em rs e o resto em farinha. Tira-se em resultado: 1º. obstar uma causa da moléstia; 2º. salubridade ; 3º. o aformoseamento da mesma por meio de algum edificio ou serviço publico; 4º. Socorrer a pobreza; 5º. ser um trabalho em que pode entrar o homem e a mulher e o menino; 6º. Finalmente empregar ao povo errante pela cidade e tirar a occiosidade.*

*3º. Que não se consista interramentos na cidade muito principalmente como agora se faz na Matris onde 08 a 10 corpos são sepultados em uma mal cavada cova, estando quase na superficie da terra os últimos cadáveres que se enterrão, sendo tão mal cobertos, que quando entram em putrefação não se pode passar para aquelle lugar: indicamos para isto o campo santo que existe junto ao morro do Croata. 4º. Vigilância nos alimentos da primeira necessidade, a carne, o peixe, farinha. 5º. Que a pobreza inferma seja obrigada a recolher se ao hospital. 6º. Privar que certos pobres atacados de moléstias contagiosas, e que andão mendigando, sejam prohibidos deste transito, e se lhe administre os meios de subsistência, sem que para isto seja preciso vagar pelas ruas onde a sua moléstia a cada passo faz receiar o contagio. 7º. Que nas reuniões para as esmolas não se ajunte tão grande numero de indivíduos, tendo em resultado*

1º. a grande evaporação viciada da transpiração no meio de muitas pessoas;  
2º. o grande aperto que se tem dado em resultado já a morte de indivíduos.

**8º.** A vigilância: nas ruas da Cidade, assim em dois desejos. **9º.** A plantação de arvores pelos nossos largos, por que se tem mui positivamente acreditado, q é de grande vantagem para a salubridade das Cidades. **10º.** Finalmente se for possível mandar para estas povoações mais próximas parte da população vagabunda, e mandar-lhe ali fazer algum serviço, dando lhe o sustento ou esmolas.

## Quadro 15

# ESTATÍSTICAS.



**Estatística do hospital regimental dirigido pelo Sr. Dr. José  
Lourenço de Castro Silva medico allopatha.**

Entrarão para o hospital. . . . . 471

Destes :

Restabelecerão-se. . . . . 154

Morrerão . . . . . 47

Mortalidade de 10 por 100 em um estabelecimento onde ha todas as  
commodidades.

**Estatística do Dr. Liberato de Castro Carreira.**

CLINICA URBANA NA CAPITAL.

Homens . . . . . 315

Mulheres. . . . . 358 . . . . . 673

Destes :

Restabelecerão-se. . . . . 660

Morrerão . . . . . 12

Não completou o tratamento. . . . . 1

Mortalidade de 2 por 100, medicação homœopathica, tratamento re-  
gular toda a commodidade dos doentes.

CLINICA DA POBREZA NA CAPITAL,

Homens . . . . . 360

Mulheres, . . . . . 495 . . . . . 855

**FONTE: CARREIRA, Liberato de Castro. *Descrição da epidemia da febre amarella na  
Provincia do Ceará em 1851 e 1852.* Rio de Janeiro. Typ. de N.L. Vianna Junior, Rido de.  
1853.**

Destes :

Restabelecerão-se.....	786
Ignoro o resultado.....	48
Morrerão.....	21

Mortalidade menor de 3 por 100 entre os mortos e restabelecidos, despresada a cifra dos ignorados: tratamento homeopatico soffrendo os doentes muitas privações.

#### **Estadística do mesmo na Cidade do Aracaty e S. Bernardo**

##### CLINICA URBANA.

Homens.....	73	
Mulheres.....	66	139

Destes :

Restabelecerão-se.....	132
Morrerão.....	7

Mortalidade de 5 por 100 tratamento homeopatico e regular, com toda a commodidade dos doentes.

##### CLINICA DA POBREZA NOS MESMOS LUGARES.

Homens.....	141	
Mulheres.....	181	322

Destes :

Restabelecerão-se.....	283
Morrerão.....	44
Ignoro o resultado.....	25

Mortalidade de 5 por 100 tratamento homeopatico e soffrendo os doentes privações.

#### **Estadística do mesmo na Cidade de Sobral.**

Homens.....	62	
Mulheres.....	79	141

Destes :

Restabelecerão-se.....	136
Morrerão.....	5



## — 83 —

Mortalidade menos de 4 por 1000 tratamento homeopathico e regular, gosando os doentes de toda a commodidade.

**Estatistica do mesmo no hospital de Caridade.**

Homens .....	8
Mulheres .....	12

Destes :

Restabelecerão-se .....	17
Morrerão .....	3

Para este estabelecimento, que o governo com tão boas disposições apromptou para a pobreza, não entrarão senão aquelles, aquem a policia recolhia por achalos de todo abandonado o que acontecia quasi sempre quando a molestia já muito adiantada pouca esperança dava de vida.

**Estatistica allopathica.**

Homens .....	31
Mulheres .....	27

Destes :

Restabelecerão-se .....	52
Morrerão .....	6

Mortalidade de 12 por 1000 tratamento allopathico, gosando os doentes de toda a comodidade.

**Resumo da estatistica do Dr. Liberato de Castro Carreira.**

Homens .....	950
Mulheres .....	1191
	2150

Destes :

Restabelecerão-se .....	2014
Ignoro o resultado de .....	74
Morrerão .....	62

Nesta clinica observada em diferentes lugares derão-se os seguintes factos,

## — 84 —

De vomitos pretos. . . . .	41	escaparão. . . . .	18	e morrerão. . . . .	22
» » de sangue	17	»	13	»	4
» hemorragia	22	»	18	»	4
» apoplexia	18	»	4	»	14
» dejeções pretas . . .	20	»	12	»	8
» convulsões . . . . .	5	»	3	»	2
» Tiphoides. . . . .	18	»	10	»	8
<hr/>					
Casos graves. . . . .	136	»	81	»	55

Os outros 7 doentes tiveram uma terminação, que não foi bem verificada.

N. B. Quando fazemos a distincão dos diferentes estados, que caracterisarão a molestia n'estes doentes, não queremos dizer, por exemplo, que o doente só teve vomito preto, hemorragia, convulsão &c. queremos significar, que tendo a molestia percorrido seo primeiro periodo, revestio-se dos caracteres do segundo, presidindo sobre elles qualquer um dos symptomas indicados: e nem isto é novo, parece-nos, que não haverá medico, que fazendo a resenha dos seus doentes não tenha dito ou diga, que teve tantos de vomito preto, tantos de hemorragia &c, &c. sem que com isso queira diser, que o seo doente só teve vomito preto ou hemorragia, desde a invasão da molestia e sem ser acompanhado de nenhum outro symptoma. Quasi sempre apezar da predominancia de um destes symptomas, coincidião outros do mesmo periodo, isto é, por exemplo com o vomito preto apparecia o soluço a hemorragia, ou o delirio, a convulsão &c. &c.

Sentimos que os collegas a quem pedimos suas estatisticas não nos remettesse, e assim apresentando só a nossa ficamos privado de apreciar o trabalho dos collegas; colhemos as observações do Hospital militar nas pessas officiaes remetidas ao Governo, era tudo quanto contava deste genero na secretaria.

**Estatistica mortuaria de todos os lugares onde appareceo a febre amarella na Provincia do**

**CEARÁ.**

Calcula-se o numero das pessoas affectadas da febre amarella nos diferentes lugares da Provincia em 28:490 pessoas, das quaes morrerão 919 distribuidas da maneira seguinte.

**CAPITAL.**

Calcula-se o numero das pessoas affectadas em . . . . . 8000

## — 86 —

Homens . . . . .	15		
Meninos . . . . .	5	20	} . 26
Mulheres . . . . .	5		
Meninas . . . . .	1	6	

## ARACATY.

Calcula-se o n.º dos affectados em . . . . . 6:000

Destes morrerão.

Homens . . . . .	31		
Meninos . . . . .	32	63	} ... 99
Mulheres . . . . .	18		
Meninas . . . . .	18	36	

## S. BERNARDO.

Calcula-se o n.º dos affectados em. . . . . 700

Destes morrerão.

Homens . . . . .	11		
Meninos . . . . .	12	23	} ... 29
Mulheres . . . . .	4		
Meninas . . . . .	2	6	

## ICO.

Calcula-se o n.º dos affectados em. . . . . 4:000

Destes morrerão.

Homens . . . . .	35		
Meninos . . . . .	16	51	} ... 51
Mulheres . . . . .	27		
Meninas . . . . .	14	41	

